

Âncoras e Fuzis

Corpo de Fuzileiros Navais



Ano VIII - Nº 39 • 18 de dezembro de 2009 • Nº 03 publicada pelo CIASC

Qualificação e experiência
em proveito da paz





A POUPEX ABRE AS PORTAS DA CASA PRÓPRIA PARA VOCÊ.

As melhores condições para aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção.

**Financiamento
Imobiliário**

POUPEX

Faça já o seu

0800 61 3040

www.casapropriapoupex.com.br

POSTO DE ATENDIMENTO DA FHE NA FREGUESIA - ILHA DO GOVERNADOR-RJ - PSTFR

Est. Quilombo, s/nº - CNIG/CIASC - Freguesia - Ilha do Governador - 21911-016
Rio de Janeiro-RJ - Fone (21) 3386.0335 - Fax (21) 3386.0338

POUPEX Associação
de Poupança
e Empréstimo

poupex.com.br



Palavras do Comandante do CIASC

Fraternidade e liderança - duas vertentes congregadas em um único foco: o Fuzileiro Naval brasileiro.

A imagem estereotipada externada em momentos de combate, quando a tensão domina o ser humano que está vestido de camuflado, distorce o perfil do Fuzileiro Naval, causando, por vezes, a impressão de que ele não combina com sentimentos fraternos e altruístas.

O Fuzileiro Naval brasileiro se destaca daqueles de tropas estrangeiras devido à cultura, à intelectualidade e à sociabilidade inerentes à sua nacionalidade - seu coração pulsa alimentando o desejo de melhorar o *modus vivendi* de outros povos nos locais onde estiver servindo, com base na experiência do próprio país, em que raças e religiões diversificadas convivem harmoniosamente; por isso é visível e emocionante o calor humano que despende quando do trato com as pessoas, usando de cordialidade, dignidade e respeito, frutos do exercício da autoridade sem emprego de autoritarismo, como se pode constatar nas Operações de Paz de que participa.

Ele possui formação acadêmica adestrada, em que são utilizados equipamentos de última geração e de qualidade ímpar, o que lhe possibilita um excelente preparo: esse fuzileiro não é apenas um voluntário guiado pela bondade de que é portador, mas um profissional qualificado e experiente.

O sucesso do Fuzileiro Naval brasileiro é uma conquista natural: não apenas executa bem as missões que lhe são designadas, tendo em vista todos os recursos de que dispõe, mas é amado pela população, inclusive por aquelas dos locais onde se instalam os conflitos armados – ele se interessa pela história de vida do povo com o qual convive, pela história de cada cidadão sob “sua escolta”, sentindo-se condoído pelo sofrimento alheio, sem se deixar abater por isso. O soldado fuzileiro naval verde e amarelo apresenta um bom desempenho devido aos contagiantes sentimentos de companheirismo e solidariedade e à receptividade que confere àqueles que dele se aproximam – seu coração é um resplandecente intensificador de coragem e segurança.

Esses audazes guerreiros anfíbios, orgulho da Marinha, merecem nossa homenagem, além das valorosas glórias já alcançadas, por todas as missões empreendidas, pela imponência e pela preciosidade maior que neles impera: a crença na verdade e o esforço para a concretização de pequenos grandes sonhos, intensificando o espírito de corpo.

Alexandre José Barreto de Mattos

Contra-Almirante (FN)
Comandante do CIASC

Editorial

Nossa revista, na sua terceira edição produzida pelo CIASC, apresenta um novo espaço de diálogo direto com o leitor, na seção Carta dos Leitores. Nesse novo setor vamos registrar os comentários que recebemos sobre a revista como um todo ou sobre um artigo ou uma seção específica que tenha merecido destaque. Carta dos Leitores reforça a tradição de interatividade iniciada com as seções DECIDA e PENSE, hoje já consolidadas e que produzem grande satisfação à equipe de “Âncoras e Fuzis”.

Neste número também dedicamos atenção especial à nossa Escola de Operações de Paz, que vem preparando com sucesso expressivo Oficiais e Praças da Marinha para desempenharem no terreno diversas funções em missões conduzidas pela ONU ou por outros organismos internacionais, aos quais o país está filiado. Nosso uniforme camuflado tem cruzado o mundo levando a bandeira brasileira, conforto e alívio a povos distantes, que aprendem a estimar o Brasil por meio da competência dos nossos soldados.

Desejamos que apreciem esta edição e, como dissemos no início, aguardamos seus comentários, que nos ajudarão a fazer uma revista que manterá seu viés técnico-profissional, mas que a cada novo exemplar estará mais próxima do LEITOR.

Boa leitura! ADSUMUS!

Marco Antonio Nepomuceno da Costa
CMG (FN-RM1)
Editor-Chefe de Âncoras e Fuzis

Expediente

Distribuição Gratuita

Ano VIII – Número 39 – 2009

Número III publicada no CIASC
Publicação semestral do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo
Situado no Complexo Naval da Ilha do Governador (CNIG)
Rua Magno Martins s/nº - Bancários – Ilha do Governador
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 21911-430

Alvaro Augusto Dias Monteiro
Almirante-de-Esquadra (FN)
Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais

Marco Antonio Corrêa Guimarães
Vice-Almirante (FN)
Comandante do Pessoal de Fuzileiros Navais

Alexandre José Barreto de Mattos
Contra-Almirante (FN)
Comandante do CIASC

Marcelo Ribeiro de Figueiredo
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN)
Imediato do CIASC

Áthila de Faria Oliveira
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN)
Centro de Estudos do CFN

Editor-Chefe

Marco Antonio Nepomuceno da Costa
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN-RM1)
nepomuceno@ciasc.mar.mil.br

Editor-Adjunto

Cintia Sanguinetti Guimarães
Segundo-Tenente (T-RM2)
cintia.guimaraes@ciasc.mar.mil.br

Ajudante de Edição

Maryanne Cicera Briggs da Cruz
Estagiária

Revisão Ortográfica

1T (T-RM2) Luciana Aparecida Mendel
1T (T-RM2) Barbara Poubel dos Santos
1T (T-RM2) Jaqueline Vanessa Barbosa Melo
1T (T-RM2) Eliane dos Santos Braga Sayão

Revisão Bibliográfica

1T (T-RM2) Marcela Barcellos Araújo
2T (T-RM2) Flávia Costa de Jesus Pereira Baptista

Colaboradores

CF (FN) Alexandre Aballo Nunes
CC (FN) Cláudio Vicente Issa Vieira
CC (FN) André Duarte Canellas
SO (FN-EG-RM1) Niomar Schwambach

Sumário

Palavras do Comandante do CIASC	03	Treinamento Físico Militar no CFN: Uma análise investigativa de novos métodos de treinamento	28	Entrevista: Contra-Almirante (Ref ^o) José Carlos Ribeiro da Silva	46
Editorial	04	Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo - Escola de Operações de Paz	35	Centro de Estudos do Corpo de Fuzileiros Navais (CECFN) em ação	50
Sumário	05	1º Seminário de Operações de Paz Pró-Defesa	37	A Pesquisa como Atitude Cotidiana	51
Cartas dos leitores	06	Reflexões: o tripé da vida	38	Atividades no CIASC	54
A atividade do motociclista militar	07	A Prática da Direção Defensiva no Nosso Cotidiano	39	Presença do C-ESP-ComAnf enseja AÇÃO SOCIAL na Amazônia	56
Canhão antiaéreo x Míssil Superfície-Ar Mistral, vantagens e desvantagens no emprego anfíbio	08	O Ensino à Distância a Serviço da Educação Inclusiva	41	Meio ambiente em linguagem clara & simples	57
Análise de crateras - efetividade ou apenas romantismo?	10	Motivação de Pessoal	42	Decida nº 39	59
Haiti - Experiências do 10º GptOpFuzNav	13	Missão das Nações Unidas no Nepal	43	Decida nº 40	61
Os pequenos escalões em operações militares em áreas urbanas	19			Pense	62
O Intercâmbio no USMC em Camp Lejeune	25				



Cartas dos leitores

ancorasefuzis@gmail.com

As cartas que não tiveram suas respostas publicadas serão respondidas aos leitores.

Acuso o recebimento da revista 'Âncoras e Fuzis'. Já dispunha de algum conhecimento da capacidade combativa de nossos Fuzileiros Navais, pois comandi nossa EsAO, quando tínhamos cerca de 30 Capitães-Tenentes FN como alunos e, por isto, muitas vezes tive oportunidade de visitar o Corpo de FN, aí na Freguesia e assistir exercícios diversos de aprestamento dessa tropa de elite de nosso Brasil.

A leitura dos diversos artigos da revista veio reforçar a minha crença na capacidade combativa dos FN e verificar que a instrução está sempre em evolução, acompanhando e adequando-se aos novos tempos e à modernidade dos equipamentos.

Meus parabéns! Bravo Zulu!

ADSUMUS!!!

Um cordial abraço,

General Clóvis Jacy Burmann
Presidente da POUPEX

Honrado com a lembrança de V. Ex^a, recebi o número 38 da revista 'Âncoras e Fuzis', 2º publicado pelo CIASC (...).

Cumprimento V. Ex^a pela excelência do produto acabado que bem reflete a dedicação e o esmero (...).

Atenciosamente,

CMG (RM1-FN) Danilo Pinto Montenegro

Com alegria, acuso o recebimento do seu cartão, acompanhado da revista 'Âncoras e Fuzis', que me foram enviados tão gentilmente, pelos quais lhe agradeço.

Aproveito para congratular-me com o amigo pela excelência dos artigos apresentados.

Forte abraço,

VA (RM1-FN) Sergio Treitler

Gostaria de parabenizá-lo e estender a toda equipe do 'Âncoras e Fuzis' pela beleza da edição (nº 38) que você gentilmente me enviou. A qualidade dos artigos e sua direta aplicação a nossa realidade foram fatores primordiais que me fizeram indicá-la, por diversas vezes em trabalhos, referências e aos meus orientados do CEMOS e C-PEM.

Parabéns!

Com abraço,

CMG (RM1-FN) Ítalo de Melo Pinto

Olá Gilvan, gostaria de saber sobre a área do Complexo Naval da Ilha do Governador (CNIG). É uma área de proteção ambiental? Qual a melhor maneira de se administrar o ambiente natural em que estamos inseridos?

3º SG-FN-MO SAMIR

(militar do BtlCtAetatDAAe), por email.

Resposta: Em resposta à sua primeira, a área do Complexo Naval da Ilha do Governador (CNIG) não é uma Área de Proteção Ambiental (APA). A criação de uma APA depende de um ato do poder público e uma vez criada se submete a uma série de normas e restrições. A utilização da propriedade passa a ser feita na forma da lei e de maneira sustentável. Na área do CNIG, a presença militar impede a especulação imobiliária e a ocupação desordenada. Mas isso não quer dizer necessariamente que os processos ecológicos estão de fato sendo mantidos. É importante saber também que as áreas verdes urbanas quase nunca têm suficientes atributos para se constituírem em Unidades de Conservação, apesar da sua importância ambiental.

O ambiente natural em torno do CIASC tem servido de refúgio da vida silvestre, abrigando grande riqueza em biodiversidade onde é possível encontrar variadas espécies de fauna, flora e mangues. Estes, verdadeiros berçários naturais. Assim como o CIASC, todo o CNIG possui diversas Áreas de Preservação Permanente (APP) como manguezais, trechos de encosta com declividade superior a 45º e picos de morro conforme parâmetros estabelecidos na Resolução 303/02 do Conselho Nacional de Meio Ambiente e o próprio Código Florestal. Portanto, o CNIG merece receber especial atenção.

A criação de uma assessoria especializada visando à unificação das informações sobre o gerenciamento ambiental de todo o CNIG seria fundamental para boa gestão deste ambiente natural, bem como para o monitoramento dos processos ecológicos existentes sob a justificativa de que os impactos ambientais ultrapassam as fronteiras das Organizações Militares (OM) em que foram gerados. A supressão de vegetação em uma das unidades militares, por exemplo, impacta diretamente em todo o CNIG, causando grandes desequilíbrios ambientais como diminuição ou aumento da população de determinada espécie da vida silvestre. Portanto, respondendo a sua segunda pergunta, o gerenciamento ambiental no CNIG deve considerar todo o mosaico ambiental e não apenas as partes.

Nesse sentido, é aconselhável a criação de uma espécie de plano de manejo que contemple: o desenvolvimento ambiental para o CNIG e seus eco-limites; a proibição de caça e maus tratos de animais na localidade ou que nela se refugie; a proibição de supressão de vegetação nas APP; o manejo de fauna e flora com controle de espécies exóticas (não nativas); o estabelecimento de acervos bibliográficos, fotográficos, científicos, históricos, documentais e etc.

Assessoria de Controle Ambiental



CT (FN) Brunno Fanara De Souza
fanara@ciapbn.mar.mil.br

A atividade do motociclista militar



Desfile do Dia da Independência do Brasil na Avenida Presidente Vargas – Rio de Janeiro

Contribuir para a garantia da segurança dos deslocamentos, por áreas urbanizadas, de comboios militares e de autoridades: esse é o propósito da atuação do Motociclista Militar, o nosso Batedor Fuzileiro Naval.

Atualmente, somente duas OM têm em sua composição Pelotões de Motociclistas, compostos por Batedores, capazes de prover escoltas: O Grupamento de Fuzileiros Navais de Brasília e a Companhia de Polícia do Batalhão Naval.

A Companhia de Polícia do Batalhão Naval, precursora da atividade, possui um Pelotão de Motociclistas cuja história remonta à criação do Pelotão de Polícia Motorizado, em 11 de abril de 1949. Inicialmente constituído com pessoal da então Companhia de Sapadores Pontoneiros, o Pelotão de Polícia Motorizado tornou-se parte importante do embrião da Companhia de Polícia do Batalhão Naval (CiaPolBtlNav), destacando-se até hoje pela seleção e pela formação de seus integrantes, além do elevado espírito de corpo, comprometimento com o cumprimento da missão, disciplina e lealdade, marcas registradas dos Batedores Fuzileiros Navais.

O Pelotão de Motociclistas da Companhia de Polícia do Batalhão Naval é composto por batedores formando pelo Curso Exedito de Motociclista Militar, conduzido pela própria OM. Nesse curso, que tem a duração de nove semanas, são ministradas as disciplinas (teóricas e práticas) Legislação de Trânsito, Escolta de Batedores, Direção Defensiva, Mecânica e Manutenção e Condução da Motocicleta. Tais disciplinas habilitam os militares do CFN a conduzir as motocicletas utilizadas nas Escoltas de Batedores.

Conceitualmente, a Escolta de Batedores é formada por uma equipe constituída por Motociclistas Militares com a finalidade de contribuir para a segurança de autoridades, de comboios militares que transportem armamentos, explosivos, munição e combustíveis e de viaturas que possuam excesso lateral por ocasião dos deslocamentos por perímetro urbano.

Cabe ressaltar que a segurança proporcionada pelo emprego de batedores é oriunda da fluidez do trânsito, estabelecida pela prévia interrupção de todas as vias que incidam no itinerário de deslocamento dos comboios. Dessa forma, obedecendo ao Código de Trânsito Brasileiro, que prevê que veículos precedidos de batedores têm prioridade de passagem, esse emprego impede a interferência da população, tanto de veículos quanto de pedestres, nos deslocamentos, evitando acidentes de trânsito e garantindo a integridade física de ambos.

O Pelotão de Motociclistas, nesses 60 anos de atividades, tem executado diversas escoltas de comboios militares e de dignitários. Desde a criação do Pelotão, os batedores operam as motocicletas Harley-Davidson e hoje, fruto do esforço da alta administração naval, a Companhia de Polícia

do Batalhão Naval conta com um moderno acervo desses meios, permitindo a manutenção de elevado grau de prontidão e preparo de seu pessoal.

Ressaltam-se algumas de suas marcantes participações nas escoltas de comboios militares e de autoridades:

- duas visitas do Papa João Paulo II ao Rio de Janeiro nos anos de 1980 e 1997;
- reuniões de presidentes das Américas realizadas em 1997 e em 2002, durante as Operações Simeira I e II;
- Operação Eco 92, durante a Conferência Mundial sobre o meio ambiente;
- apoio aos efetivos de Fuzileiros Navais empregados durante as Operações Rio, em 1994 e Voto Livre, em 2008;
- diversas reuniões de presidentes das nações amigas e seus representantes, coordenadas pelo Ministério das Relações Exteriores, realizadas no Rio e em Brasília;
- inúmeras passagens de nossos presidentes e vice-presidentes da República, pela cidade do Rio de Janeiro e por municípios vizinhos;
- vários deslocamentos de tropa para operações e exercícios da Força de Fuzileiros da Esquadra e
- Conferência de Líderes de Corpos de Fuzileiros Navais das Américas no Rio de Janeiro em maio de 2009.

Todas as atividades em que o Pelotão de Motociclistas estão atuando, são marcadas por excelentes serviços, certos de que, quando o Corpo de Fuzileiros Navais, a Marinha e o Brasil precisarem, sempre haverá um Batedor Fuzileiro Naval pronto a cumprir sua missão.

Barrufa!

ADSUMUS!

Viva a Marinha!



Escolta de uma Aeronave AF-1 dividida em três partes, no trajeto BAeNSPA X NAE "São Paulo"



Canhão antiaéreo x Míssil Superfície-Ar Mistral, vantagens e desvantagens no emprego anfíbio

Qual o melhor armamento antiaéreo para uma tropa anfíbia? Essa pergunta acompanha constantemente os artilheiros antiaéreos. Quando se pensa na modernização dos armamentos antiaéreos do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), essa relevante indagação sempre desponta em primeiro lugar. Alguns problemas enfrentados pelo Batalhão de Controle Aerotático e Defesa Antiaérea (BtlCtAetatDA-Ae) para o emprego dos Canhões induzem, inicialmente, os participantes da discussão a serem desfavoráveis à utilização dessa arma; todavia, ao longo dos debates, surgem algumas nuances do emprego específico desses armamentos capazes de fomentar ainda mais o dilema.

Com base para uma breve análise, será abordado o caso particular do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil. Resumos históricos dos armamentos antiaéreos introduzem alguns pontos de interesse para o tema, importantes para realizar a comparação, que abarcará algumas premissas para uma análise isenta. As conclusões não encerram o assunto, mas ensejam mais discussões sobre essa interessante questão.

Histórico

Canhão Automático Antiaéreo 40mm L/70 Bofi-R

No ano de 1985, foi oferecida ao CFN uma verba do Banco PARIBAS, destinada exclusivamente para a aquisição de material militar. Nessa ocasião, visualizou-se a compra de muitos equipamentos para o Corpo, tais como rádios e assessórios da família TADIRAN, sistema de comunicações e direção de tiro para artilharia de campanha COMBAT/SACU, equipamentos básicos individuais de combate, especificamente capacetes e coletes à prova de estilhaços, equipamentos de guerra eletrônica e armamento antiaéreo.

Em 1986, iniciou-se o processo de aquisição do armamento antiaéreo. O material selecionado pelo Grupo de Implantação do material Antiaéreo (GIMA) foi o sistema BOFI-GIRAFFE, desenvolvido especificamente para o CFN. Tratava-se de um dos sistemas mais modernos do mundo à época, dotado de um Radar Giraffe 50 AT (foto 3), fabricado pela Ericsson, e dos Canhões Automáticos Antiaéreos 40mm L/70 Bofi-R (foto 1), fabricados pela Bofors – ambas as empresas sediadas na Suécia. O sistema foi concebido para atuar de forma integrada, possibilitando a aquisição de alvos pelo Radar de Vigilância Aérea (Giraffe) e a posterior transmissão digital dos dados do alvo para a Unidade de Tiro (UT) melhor posicionada para bater a

ameaça, passando o Radar de Direção de Tiro do Canhão a buscá-lo dentro do seu alcance.

Após a desativação do GIMA e a incorporação do novo armamento à Bateria de Canhões Automáticos Antiaéreos (BiaCanAuAAe), no final de 1989, o sistema demonstrou ser eficiente em várias oportunidades. Na Conferência de Líderes Mundiais ECO 92, a BiaCanAuAAe, nessa ocasião uma subunidade subordinada ao Grupo de Artilharia, chamada carinhosamente de “BIA AU AU AU”, destacou-se na defesa aeroespacial do evento, atraindo a atenção dos participantes da segurança da conferência e elogios dos responsáveis pela organização da ECO-92.

Em 1991, na Operação DRAGÃO, dois Canhões Automáticos Antiaéreos 40mm L/70 Bofi-R e o Radar Giraffe 50 AT desembarcaram na região de Itajaí, participando da primeira Operação Anfíbia do Sistema. Nessa Operação, foi possível constatar uma fragilidade do Canhão para desembarcar de Navios de Desembarque de Carros de Combate (NDCC); porém, havendo a disponibilidade de uma Embarcação de Desembarque de Carga Geral (EDCG), os canhões poderiam ser pré-embarcados, e a EDCG, docada no Navio-Desembarque Doca (NDD) para o posterior desembarque.

Devido às dificuldades de disponibilidade de vagas nas EDCG, o Canhão manteve-se afastado das operações anfíbias ao longo dos últimos anos, participando somente de exercícios nos quais não estivessem previstos deslocamentos por meio de navios.

Além da dificuldade de embarcar, o canhão, por ser único nas Forças Armadas (o Exército Brasileiro possui um Canhão bastante parecido sem o Radar de direção de Tiro), possui uma cadeia de manutenção diferenciada e, conseqüentemente, de custos elevados. O canhão dispõe de um computador e de uma eletrônica complexa, dependentes de uma manutenção constante e especializada.

Devido às dificuldades de manutenção e à utilização ao longo de vinte anos, o sistema hoje apresenta uma baixa taxa de disponibilidade e algumas restrições para participar de diversos exercícios da Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE).

Apesar dos óbices apresentados, o Sistema BOFI/GIRAFFE foi de grande valia para o CFN e revolucionou o sistema de defesa aeroespacial dos Grupamentos de Operativos de Fuzileiros Navais. A partir da aquisição desse novo armamento, a doutrina da defesa aeroespacial no CFN foi reavaliada e visualizou-se a necessidade de haver também o controle aerotático dos vetores aéreos, o que desencadeou a criação do BtlCtAetatDAAe.

Míssil Superfície-Ar Mistral

Em 1994, o CFN iniciou a aquisição de um Míssil Superfície-Ar (MSA) para a Bateria de Artilharia Antiaérea (BiaArtAe), uma subunidade independente criada em 08DEZ1994. O míssil escolhido foi o MSA Mistral (foto 2), fabricado pela Matra, empresa francesa, com as seguintes características: tipo "FIRE AND FORGET", ou seja, após a aquisição do alvo e respectivo disparo, não é necessária qualquer outra ação do atirador; velocidade de cruzeiro máxima de 2.9 mach e espoleta de impacto e de proximidade capaz de detonar automaticamente em 12 segundos após o lançamento, se não atingir o alvo. O primeiro disparo ocorreu em 04DEZ1997, no Campo de Provas da Marambaia, sobre um alvo aéreo fornecido e operado pelo Centro de Apoio a Sistemas Operativos (CASOP), disparo esse considerado um sucesso total.

Após a incorporação desse meio, não houve a necessária integração ao Radar Giraffe para que as Unidades de Tiro dos MSA atuassem de forma semelhante aos Canhões. Até hoje, as unidades de tiro de mísseis comunicam-se com o Radar Giraffe por meio de rádios, sem haver transmissão digital de dados. Apesar desse óbice, os mísseis permitiram à BiaArtAe participar de todos os exercícios da FFE, incluindo operações ribeirinhas, fato que aproximou a Bateria do setor operativo e motivou seus integrantes.

A manutenção do MSA Mistral desenvolve-se de forma diferente dos Canhões, pois a Marinha adquiriu o mesmo armamento para o Navio Aeródromo Ligeiro (NAeL) Minas Gerais, com o diferencial de ser disparado de um reparo duplo chamado SIMBA. Isso permitiu a existência de uma cadeia definida de manutenção e fornecimento de suprimentos, tendo como elemento principal o Centro de Mísseis e Armas Submarinas da Marinha.

Por utilizar viaturas de menor porte e ter facilidades de embarque e desembarque em navios da Marinha do Brasil, o MSA Mistral demonstrou ser um armamento antiaéreo adequado às tropas de fuzileiros navais, as quais necessitam de mobilidade, flexibilidade e rapidez em suas ações.



Foto 1. Canhão Automático Antiaéreo 40mm L/70 Bofi-R



Foto 2. Míssil Superfície-Ar Mistral

Comparação

Vantagens e desvantagens do Canhão Bofi 40/70 R em Operações Anfíbias

Para uma análise isenta, é preciso partir da premissa de que há disponibilidade de meios adequados ao desembarque dos Canhões, bem como de que não há problemas de manutenção e de reparos com esse armamento.

Partindo, então, dessa premissa, faz-se necessário verificar qual a missão da Força de Desembarque. Se a missão consistir em defender instalações fixas, tais como portos, aeroportos, consulados, embaixadas e campos de refugiados, o canhão torna-se vantajoso, pois, uma vez posicionado, consegue defender em excelentes condições pontos sensíveis como esses e consegue, ainda, receber os alertas antecipados, engajando alvos com maior rapidez, por estar integrado ao Radar Giraffe.

Deve ser ressaltado que o MSA Mistral não consegue bater alvos em um alcance menor de quatrocentos metros, pois não é possível armar a espoleta até essa distância. Sendo assim, somente o canhão pode engajar as aeronaves capazes de lançar seus armamentos a uma altura menor do que quatrocentos metros.

Entretanto, se a missão for apenas defender Grupos Operativos de Fuzileiros Navais em operação anfíbia tipo incursão anfíbia, por exemplo, o maior tempo para o desembarque e para mudanças de posição constituirão desvantagens para o emprego dos canhões.

Outra situação desfavorável é a emissão do radar de direção de tiro enquanto busca suas ameaças, visto que, se for detectado, poderá ser alvo de interferências ou de fogos inimigos.

Em suma, o Canhão move-se de forma mais lenta, necessita de maior tempo para entrar em posição e requer um esforço maior para a camuflagem da UT, possuindo uma guarnição maior (12 militares, incluindo o motorista); todavia, defende em excelentes condições pontos sensíveis estáticos e pode engajar alvos que estejam realizando vôos rasantes sobre a posição defendida.

Vantagens e desvantagens do Míssil Superfície-Ar Mistral

O MSA Mistral é um armamento leve, com uma guarnição pequena (três militares, incluindo o motorista). Em circunstâncias especiais e por curtas distâncias, a guarnição pode se deslocar sem viatura, como, por exemplo, entrando em posição após um movimento helistransportado da UT. Convém citar que os meios aéreos da MB não conseguem transportar o Canhão, que, entretanto, pode ser embarcado em aeronave Hércules da Força Aérea Brasileira (FAB).

O MSA Mistral muda sua posição com facilidade e requer um pequeno esforço para a camuflagem da UT. Possui, ainda, facilidades para embarque e desembarque de navios da MB. Suas limitações resumem-se a não bater alvos em alcance inferior a quatrocentos metros e de não estar integrado ao Radar Giraffe.



Foto 3. Radar Giraffe 50 AT

As características do MSA favorecem o emprego em operações anfíbias tipo incursão anfíbia, pois podem realizar a defesa aeroespacial dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais, desde os momentos iniciais do desembarque até o fim do reembarque.

Analisando as possíveis trajetórias das aeronaves sobre as posições defendidas, é possível observar que os mísseis defendem melhor ataques de aeronaves em trajetórias mergulhantes e os canhões defendem melhor ataques de aeronaves em trajetórias rasantes.

Dessa forma, o MSA Mistral apresenta-se como um armamento de defesa antiaérea apropriado para as tropas de fuzileiros navais, com ênfase nas operações anfíbias que demandem ações rápidas e de pouca duração em terra.

Conclusões

Em condições ideais de disponibilidade de meios, os dois armamentos se complementam; porém, com a tendência de as operações anfíbias tornarem-se cada vez mais rápidas e exigirem uma maior mobilidade da tropa, os mísseis apresentam-se como meios de defesa aeroespacial mais vantajosos para o CFN. Os canhões, entretanto, ainda desempenham papel importante na defesa aeroespacial dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) nas Operações Anfíbias (OpAnf), quando importa a defesa de pontos sensíveis de interesse da Força de Desembarque.

As condições reais, contudo, deixam os canhões numa situação bastante delicada, uma vez que, na prática, eles não conseguem fornecer sua importante contribuição às operações anfíbias e sofrem severas restrições de reparos e manutenção.

Considerando que o sistema BOFI-GIRAFFE está próximo do final de sua vida útil e existe a tendência de serem substituídos a longo prazo, as atuais limitações do MSA Mistral poderiam ser minimizadas pelo emprego de outro tipo de míssil ou outro canhão mais leve e capaz de embarcar nos navios anfíbios da MB e desembarcar neles, os quais, junto com o MSA Mistral, seriam integrados, formando um novo sistema.



CMG (FN) Áthila de Faria Oliveira
athila@ciasc.mar.mil.br

Análise de crateras – efetividade ou apenas romantismo?

Introdução

Em uma época marcada pelo emprego de equipamentos militares que trazem em seu bojo sofisticadas tecnologias, ouve-se ainda falar de análise de crateras, um processo de certa forma rudimentar, cuja definição simplificada se traduz em um método utilizado para determinar a direção aproximada da trajetória de granadas de artilharia, morteiros ou mesmo foguetes. Dessa forma, tratará o presente artigo do suposto paradoxo existente ao se empregar a análise de crateras em tempos atuais, quando já vigora o Projeto Soldado do Futuro.

Inicialmente, com o propósito de ambientar o leitor no assunto em lide, serão abordados alguns aspectos relacionados à análise de crateras. Em seguida, serão abordadas tecnologias atuais destinadas à localização de armas. Ao final, apresentar-se-á uma opinião do autor sobre o emprego da análise de crateras nos dias atuais.

A análise de crateras

Para que serve?

Ao definirmos a direção (azimute) aproximada da trajetória de uma granada ou sem foguete, seremos capazes

de determinar a direção da unidade de tiro no momento em que se realizou o disparo, pelo emprego do contra-azimute da direção da granada, a partir da cratera analisada. Obviamente, caso disponhamos de pelo menos três grupos de crateras consideravelmente separados e resultantes dos impactos de uma mesma unidade de tiro, seremos capazes de determinar, com razoável precisão, a posição daquela unidade que realizou os disparos. Isso é possível devido ao emprego da interseção a ré da média dos contra-azimutes de cada um dos grupos de crateras em questão.

Além disso, caso sejamos capazes de identificar estilhaços nas proximidades ou mesmo no interior da cratera em estudo, poderemos determinar o calibre e até mesmo identificar o tipo de armamento em questão.

Como realizar a análise de crateras?

Não cabe aqui descrever os métodos de análise de crateras, mas sim proporcionar ao leitor um rápido entendimento da metodologia aplicada. De forma genérica, todos os métodos se valem dos fundamentos da geometria para a obtenção da provável direção da trajetória do projétil, seja pelo emprego da simetria das partes de determinados tipos de crateras ou pela direção dos sulcos causados por ricochetes. As fotos a seguir exemplificam métodos de análise de crateras.

A primeira delas ilustra o método em que a análise foi realizada, utilizando-se a simetria dos “sprays” laterais.



SIDE SPRAY METHOD

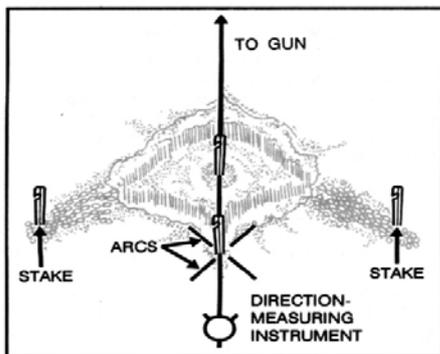


Foto 01

A segunda foto ilustra o sulco de uma granada que sofreu o efeito de ricochete. Apenas como informação, esse tipo de cratera é o que mais confere precisão no tocante à determinação da direção da unidade de tiro que realizou o disparo.



RICOCHET FURROW METHOD

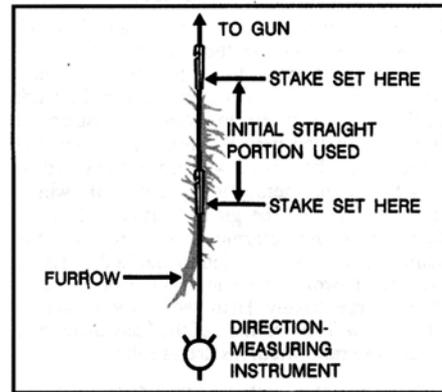


Foto 02

Já a terceira foto ilustra uma cratera causada pelo impacto de uma granada de morteiro.



MAIN AXIS METHOD

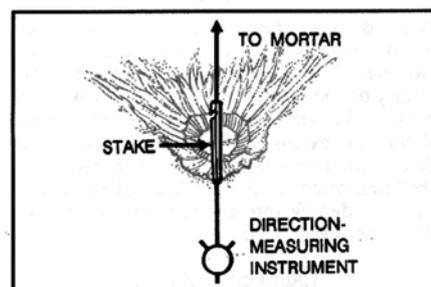


Foto 03

Como empregar os dados obtidos?

A busca de alvos, mais especificamente posições de morteiros, obuses e lançadores de foguetes, não se resume à análise de crateras, mas sim em um trabalho contínuo de inteligência dos diversos escalões que diuturnamente coletam informações das mais variadas fontes – equipes de reconhecimento, observação aérea, imagens satélite, fotografias aéreas, etc. Dessa forma, os dados obtidos pela análise de crateras poderão ser confrontados com outras informações com os seguintes propósitos:

- confirmar possíveis posições de unidades de tiro levantadas por outros meios;
- confirmar a presença da artilharia inimiga (obuses, morteiros e foguetes); e
- identificar a presença de novos armamentos empregados pelo inimigo.

Quando realizar a análise de crateras?

Como mencionado anteriormente, ao realizar qualquer disparo, uma unidade de tiro estará sujeita a detecção. Dessa forma, é de praxe, no âmbito das unidades de artilharia, realizar tiros e imediatamente mudar de posição, com o propósito de evitar possíveis fogos de contra-bateria ou mesmo da aviação inimiga. Ressalto que tal prática não é regra e dependerá das possibilidades da força opositora.

Assim, o ideal é que as crateras sejam analisadas tão logo tenham sido “construídas” pelo fogo inimigo, pois a unidade que realizou o disparo provavelmente ainda estará no contra-azimute da direção da trajetória obtida pela análise da cratera em questão.

Novas Tecnologias em Proveito da Localização de Armas

Na cinemática do campo de batalha moderno, com a utilização dos mais variados tipos de sistemas de localização de armas - “*Weapon Locating System (WLS)*”, o emprego de fogos de artilharia deve ser meticulosamente avaliado, uma vez que a trajetória de um simples projétil poderá evidenciar ao inimigo a posição exata da unidade de tiro que realizou o disparo.

Basicamente, os sistemas atuais detectam granadas ou foguetes durante as suas trajetórias e calculam, com precisão, a origem e o ponto de impacto desses artefatos. Entretanto, a precisão na determinação do ponto de impacto é diminuída com o emprego de munições assistidas, bem como de munições inteligentes, pois elas apresentam comportamentos variados durante suas trajetórias. Ainda assim, o fato é que o ponto inicial da trajetória, ou seja, a localização da unidade de tiro é determinada com “precisão cirúrgica” por esses equipamentos, mesmo com o emprego das referidas munições.

Embora os WLS sejam utilizados em maior escala na busca e localização de alvos, esses equipamentos são também empregados em prol da técnica de tiro, na determinação do ponto de impacto das granadas durante a realização de tiros técnicos. Apenas para ilustrar a sua eficiência, as “regulações” de artilharia (tiros puramente técnicos destinados a obter correções a serem inseridas nos tiros subseqüentes) poderão ser realizadas com apenas um disparo, o que normalmente não seria possível empregando os métodos convencionais. Comumente são empregadas granadas inertes para a realização desses tiros, diminuindo, assim, as chances de detecção e localização da unidade que realizou o disparo.

A seguir, algumas ilustrações de alguns modelos de WLS, mais comumente conhecidos como radares de artilharia.



ARTHUR
(ARTillery
Hunting Radar)



Q-37 (U.S.Army)

“Weapon Locating Systems” ou Análise de Crateras?

A essa altura o leitor pode observar que os WLS oferecem inúmeras vantagens sobre o velho e tradicional processo de análise de crateras; entretanto, os referidos sistemas envolvem alguns aspectos que são listados a seguir:

- necessidade de um grande aporte de recursos financeiros para sua aquisição, pois apresentam alto custo em função da sofisticada tecnologia agregada;
- as emissões eletromagnéticas desses equipamentos os tornam vulneráveis a detecção e passíveis de ataques por parte do opositor, pois constituem alvos altamente compensadores;
- por se tratar de equipamentos eletrônicos, estão sujeitos à interferência eletrônica por parte do opositor, o que os torna inertes; e
- da mesma forma, estão sujeitos a avarias, o que demanda um eficaz processo de manutenção preventiva e corretiva.

Analisando os aspectos supracitados, depreende-se que os WLS poderão estar “fora de feixe” no momento em que mais precisarmos deles. O que fazer nessa hora? Como poderemos “buscar” as unidades de artilharia do opositor? É nesse momento que entra em cena o “simples”, ou seja, o saber realizar procedimentos que independam de sistemas modernos e que sejam talvez mais efetivos que estes, dependendo logicamente das circunstâncias do combate. Hipoteticamente, nas situações em que o inimigo dispuser

de superioridade de meios de guerra eletrônica, certamente a análise de crateras será um dos protagonistas das atividades de inteligência, voltadas para a busca de posições da artilharia inimiga.

Dessa forma, acredito que os novos equipamentos não devam substituir o conhecimento, ou seja, o “know-how”, pois na ausência deles a única opção que nos restará será a de adotar os “velhos” procedimentos, ainda que considerados rudimentares e ultrapassados nos dias de hoje.

Assim, a manutenção do processo de análise de crateras em nossas prateleiras de conhecimento profissional não denota “romantismo”, mas sim a capacidade de independência de tecnologias para a manutenção de nossa prontidão operativa, no que se refere à busca de posições de obuses, morteiros ou lançadores de foguetes inimigos.

Embora o parágrafo anterior possa ter denotado uma certa aversão às novas tecnologias, defendo a idéia de que o CFN deva sempre buscar o estado da arte, pois somente assim estaremos efetivamente preparados para o pronto emprego de nossas tropas. Considero que as novas tecnologias e os procedimentos básicos, a exemplo da análise de crateras, não devam ser processos excludentes, mas sim

complementares, pois na ausência ou inoperância de modernos equipamentos ainda seremos capazes de cumprir a nossa missão.

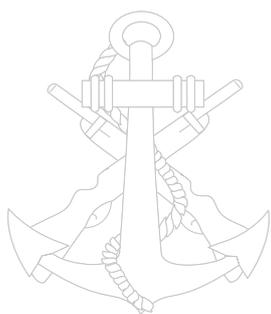
Encerro esta matéria mencionando um texto do manual FM 6-121 *Appendix B – Crater Analysis and Reporting (U.S.Army)*, no qual fica evidenciada a preocupação com a “democratização” do conhecimento para a realização da análise de crateras e, principalmente, com o “saber fazer”, mesmo em um país cujas Forças Armadas dispõem das mais sofisticadas tecnologias em seus acervos bélicos.

“Although greater reliance should be placed on reports from trained teams, all personnel should know how to analyse craters and make the proper report.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Estado-Maior do Exército. C 6-121: a busca de alvos na Artilharia de Campanha. 1. ed. Brasília, DF, 1978.

GLOBAL SECURITY. Department of the army. FM 6-121: tactics, techniques, and procedures for field artillery target acquisition. Washington, DC, 1990.



CMG (FN) Renato Rangel Ferreira
renato@cgcfm.mar.mil.br

Haiti - Experiências do 10º GptOpFuzNav

Em novembro de 2008 as Forças Armadas Brasileiras enviaram ao Haiti o seu 10º contingente de tropa para participar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Para tanto, foram ativados pelo Ministério da Defesa, o 10º Batalhão de Infantaria de Força de Paz do Brasil (BRABATT), comandado pelo Coronel Francisco Mercês de Oliveira, e a 8ª Companhia de Engenharia de Força de Paz (BRAENGCOY), comandada pelo Tenente-Coronel Fernando Ferreira Elesbão.

A participação da Marinha do Brasil nessa missão da ONU, durante a atuação do 10º contingente, ocorreu pelo envio do NDCC Mattoso Maia em novembro de 2008, do NDD Rio de Janeiro em junho de 2009 e pela constituição de um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (10ºGptOpFuzNav-HAITI) para atuar sob a subordinação do BRABATT. Esta foi a quarta vez que o Batalhão Paissandu nucleou este grupamento operativo que contou com um efetivo total de 19 oficiais e 190 praças.

Este artigo pretende relatar as experiências do 10ºGptOpFuzNav-HAITI, desde sua ativação em 06 de julho de 2008 até sua desativação em 06 de agosto de 2009. Serão abordados aspectos referentes ao período de preparação, à transferência da Base de Fuzileiros Navais no Haiti Acadêmica Raquel de Queiroz (BFNHARQ) para as suas novas instalações no chamado Campo Charlie, às atividades operacionais realizadas pela tropa no terreno e aos dois turnos das eleições senatoriais.

Merecerá destaque o relato sobre o emprego da Seção de Assuntos Cívicos, onde o grupamento, pautado em documentos doutrinários internacionais, experimentou, com sucesso, novas práticas operacionais. A atuação dessa seção está relacionada a uma das principais lições aprendidas: a importância de se aprender a navegar no “Terreno Cultural”.

Como ponto de maior relevância de toda a missão, será destacado o Espírito de Corpo deste Grupamento-Operativo, uma forma de energia de difícil mensuração, mas que, sem sombra de dúvida, permeou todas as atividades e permitiu que o soldado Fuzileiro Naval granjeasse a admiração de diversos setores da MINUSTAH.

Preparação

A preparação do 10ºGptOpFuzNav-HAITI começou antes mesmo de sua ativação. O Batalhão Paissandu, designado para nuclear pela quarta vez o grupamento, recebeu, em dezembro de 2007, os militares do 7º contingente que trouxeram informações valiosas e atualizadas sobre a situação operacional em Porto Príncipe. Até então, as tropas que regressavam traziam notícias sobre a tensão e o nível de violência enfrentados no terreno.

As novas informações, por sua vez, relatavam a dita “pacificação” do Haiti. Apesar de ainda efêmera, a calma operacional sinalizava para uma necessária adaptação na preparação da tropa. Todos deveriam estar aptos para continuar a atuar no extremo da violência em combate, mas, ao mesmo tempo, deveriam estar preparados para desencadear um número cada vez maior de ações humanitárias em proveito da população.

Como decorrência direta dessa mudança da situação, o Comando do Grupamento valeu-se, no nível teórico, de dois conceitos que mereceram destaque durante toda a fase da preparação: “Guerra em Três Quarteirões” e “Cabo Estratégico”. Ambos os conceitos puderam ter seu valor e pertinência comprovados durante o cumprimento da missão.

Guerra em Três Quarteirões

Com base neste conceito, desenvolvido pelo (United States Marine Corps – USMC), busca-se demonstrar toda a complexidade do espectro de desafios a serem enfrentados pelos soldados nos campos de batalha do futuro.

O campo de batalha será, provavelmente, urbano, o que justifica a referência a quarteirões já em seu título. Nele, todo soldado deverá estar capacitado a conduzir ações no extremo da violência em combate, participar de Operações de Paz com a necessária neutralidade, e se empenhar em operações de ajuda humanitária, tudo isso dentro do curto espaço hipotético de três quarteirões consecutivos.

Assim, previu-se que todos os militares deveriam estar prontos para atuar no ambiente urbano executando, simultaneamente, ações com diferentes posturas operacionais. Além de saber empregar diferentes graus de violência em suas ações, o militar deveria poder alternar rapidamente de uma para outra postura. Crescem de importância o controle mental e moral sobre sua própria força e a liderança em pequenos escalões, o que nos remete ao conceito seguinte do “Cabo Estratégico”.

Cabo Estratégico

Este conceito destaca a importância da liderança nos pequenos escalões em ambientes e situações complexos, onde os militares devem estar habilitados a agir independentemente e tomar importantes decisões na frente de contato para melhor explorar as oportunidades que se apresentem.

Em missões onde a situação pode evoluir rapidamente, aguardar por instruções de um comando situado em local muito remoto pode significar o insucesso da ação. Por outro lado, as decisões tomadas por estes militares na frente de contato, podem comprometer o sucesso da missão muitos escalões acima. Assim, torna-se fundamental que os líderes, particularmente os de pequenas frações, estejam capacitados a tomar decisões rápidas e adequadas.

No complexo e instável ambiente operacional moderno, as decisões tomadas por um cabo, nor-

malmente o comandante da menor fração constituída, a Esquadra-de-Tiro, devem atender a dois propósitos: devem ser rápidas e oportunas; mas, ao mesmo tempo, não devem comprometer a missão dos escalões superiores. A decisão tática do cabo pode ter uma repercussão no nível estratégico.

Além da atenção reservada à correta assimilação desses conceitos, uma variada gama de instruções compôs o pacote de adestramento para o Haiti. O fato de o Batalhão Paissandu estar indo pela quarta vez à missão foi um grande facilitador, pois permitiu a composição de uma equipe de adestramento com experiência real a ser transmitida.

Assim, destaco os seguintes adestramentos como de grande relevância para o sucesso da missão:

- Cultura: conforme atestam diversos documentos doutrinários internacionais, o conhecimento cultural do país anfitrião é um dos pontos de maior importância na preparação para o emprego da tropa. Tal conhecimento abrange aspectos relacionados à religião, caráter do povo, crenças, aspectos históricos, dentre outros e facilitam a compreensão da maneira de pensar e agir do povo haitiano, alvo de todas as nossas ações.

- Tiro: é fundamental que todos os integrantes, sem exceção, sejam familiarizados com o ambiente operacional urbano e com os armamentos e técnicas de tiro a serem empregados. As pistas do Batalhão Paissandu de Entrada em Compartimento, de Tiro de Combate Urbano e de Tiro de Assalto demonstraram ser equipamentos excelentes para este adestramento.

- Armamento não-letal: atualmente, encerrados os combates abertos e com uma maior presença no terreno da mídia e de agências internacionais, esse tipo de armamento é a opção mais provável para o emprego de força. Permite a observância do fundamental princípio da proporcionalidade. Particularmente, o emprego da espingarda militar com munição de borracha tem sido de bastante utilidade. Recomenda-se que não haja deslocamento de viatura sem ao menos uma espingarda e as patrulhas a pé devem portar pelo menos duas delas. O adestramento para o emprego de outros armamentos como a granada de luz e som, o spray de pimenta, a granada de gás lacrimogêneo e o cassetete elétrico são, também, indispensáveis.



- Regras de Engajamento: todos os militares devem dominar completamente o emprego das Regras de Engajamento. Não basta decorar. Compete aos oficiais, não apenas durante a preparação como durante o desenrolar da missão, fazer a tradução das regras escritas para situações reais, clarificando, para todos, o seu emprego.

- Idiomas: fundamental para a interação com a população. Vale registrar que a estabilização do Haiti implica na sensação de segurança que deve emanar de sua própria população. É ela, portanto, quem precisa ser protegida e assistida. Neste sentido, o domínio do idioma crioulo pelos militares que entram em contato com a população transforma-se num multiplicador das capacidades do grupamento, seja para obter informes, identificar necessidades, interagir com as lideranças locais ou esclarecendo as pessoas sobre o papel que estamos desenvolvendo.

- Controle de Distúrbios: o povo haitiano, em Porto Príncipe, apresenta a característica de ser facilmente mobilizável para as mais diversificadas manifestações de protesto. Em seu modelo mais freqüente, eles se aglomeram em locais-chave e expressam suas reivindicações de forma agressiva aos olhos brasileiros. Assim, torna-se importante o domínio, por todos os componentes, das técnicas de controle de distúrbios.

- Conduta Militar: todos os militares devem chegar ao Haiti com o perfeito entendimento do que é participar de uma missão de paz pela ONU. Isso abrange a noção de que estamos representando o país e a Marinha do Brasil para espectadores de todo o mundo. Somos observados não apenas pela nossa conduta operacional, mas, talvez até, com maior atenção, pela nossa conduta pessoal. O respeito ao cidadão haitiano é primordial. Torno a ressaltar: nossa missão é proteger o povo e não agredi-lo indiscriminadamente, uma sutil diferença não percebida por todos. O trato com mulheres e crianças deve ser sempre diferenciado e alvo de constante vigilância e orientação por parte do Comando. O relacionamento com os pares pode gerar animosidades decorrentes do afastamento familiar, da convivência confinada diária e diuturna com outros militares e de uma certa sensação de perigo constante. Todos estes aspectos devem ser trabalhados durante a fase da preparação, pois um deslizamento em algum desses campos pode comprometer todo o trabalho de vários contingentes.

A Nova BFNHARQ

O 10ºGptOpFuzNav-Haiti organizou-se em cinco escalões para transladar-se para o Haiti. Espaçados em quatro ou cinco dias, entre 16 de novembro e 02 de dezembro de 2008, todos os escalões estavam em Porto Príncipe. Uma regra importante que demonstrou ser de grande valia foi a de se colocar no primeiro vôo, todos os militares com funções-chave e acertar para que seus homólogos do 9º contingente regressassem no último vôo. Assim, houve uma superposição de cerca de quinze dias para a passagem dessas funções.

A primeira grande tarefa do 10º contingente foi a de executar a mudança da BFNHARQ para suas novas instala-

ções no Campo Charlie. Esta incomensurável faina logística foi conduzida com maestria pelo então CF (FN) Giovanni Farias de Souza, que comandara o 9ºGptOpFuznav-Haiti e comandou o 10º até o dia 06 de janeiro de 2009.



Torna-se necessário registrar a complexidade da tarefa. Inicialmente, cabe situar o contexto. A MINUSTAH é uma organização multinacional composta por civis e militares de diversas nacionalidades e culturas e com diferentes experiências profissionais. Dentro desse contexto, o grupamento é subordinado ao BRABATT e este, por sua vez, é subordinado ao Force Commander, levando muitos setores da MINUSTAH, principalmente os logísticos, que não pertencem à estrutura militar, não percebiam o grupamento como uma unidade independente.

A área estabelecida para receber o grupamento, até outubro de 2008, era um completo descampado e para haver a mudança, as instalações físicas de alojamentos, escritórios, rancho, banheiros, luz e água deveriam estar prontas. Mais de setenta containeres deveriam ser trasladados para a nova base e corretamente posicionados de acordo com suas funções. Toda a parte de comando, controle, comunicações, rancho, alojamento e garagem deveriam ser transferidos sem solução de continuidade. Os meios e equipamentos necessários para executar a transferência eram controlados pelo setor logístico da MINUSTAH, e não estavam à disposição do grupamento, nem eram de fácil acesso. Isso tudo ocorrendo simultaneamente às patrulhas e operações.

Após meses de difíceis negociações, mas de esmerados planejamento e execução, pôde o Comandante Giovanni içar o pavilhão nacional no mastro da nova base na manhã de 06 de janeiro de 2009. À noite desta mesma data, ocorreu a passagem de comando do 10ºGptOpFuzNav-Haiti.



Organização

A exemplo dos contingentes anteriores, o 10ºGptOpFuzNav-Haiti estava organizado para o combate da forma apresentada na figura abaixo.



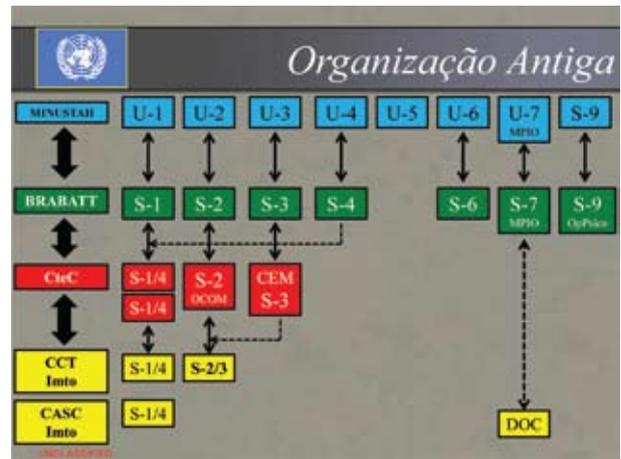
Em janeiro de 2009 o comando do 10ºGptOpFuzNav decidiu reorganizar o seu Estado-Maior. Esta decisão advinha do fato do grupamento estar com duplicidade de algumas funções e lacunas em outras. Tínhamos quatro Oficiais de Pessoal/Logística (S-1/4). Não tínhamos Oficial de Assuntos Cíveis (S-9), uma função com uma enorme demanda de atividades. O Oficial de Inteligência do Componente de Comando (CteC) acumulava com a função de Oficial de Comunicações, duas funções com muito trabalho: as comunicações, particularmente devido à mudança da base e à necessidade de manter comunicações com o Brasil e dentro da Área de Operações; e a inteligência que passava a ter que direcionar o emprego da Equipe de Comandos Anfíbios (ECANf) que foi reagrupada deixando de operar de forma descentralizada em apoio aos pelotões.

Uma outra forte razão para a mudança organizacional foi a intenção de alinhar e abrir canais técnicos de comunicação específicos entre o EM do grupamento e os EM do seu comando operacional superior, o BRABATT, e o do Componente Militar da MINUSTAH. Esses canais, ao longo da missão, permitiram ampliar bastante o espectro de atuação deste grupamento.

O novo EM do CteC passou a ter a seguinte configuração: um Oficial de Pessoal (S-1) dedicado; um Oficial de Inteligência (S-2), direcionando a ECANf; dois oficiais na Seção de Operações (S-3), acumulando com o Comando do CCT; um Oficial de Logística (S-4) dedicado; um Oficial de Comando e Controle (S-6); e um Oficial de Assuntos Cíveis (S-9) que acumulava a função de Oficial de Operações Psicológicas.

O Chefe-do-Estado-Maior passou a desempenhar, cumulativamente, a função de Imediato, haja vista a enorme demanda por fainas administrativas de uma base no exterior.

As figuras a seguir representam a mudança operada.



Ao longo do período da missão, a nova organização do EM mostrou-se bastante adequada. Todas as seções criaram vínculos com seus homólogos num processo sinérgico e muito produtivo. Este, sem dúvida, foi um dos fatores que contribuiu para o excelente relacionamento desfrutado entre o grupamento e o batalhão do Exército Brasileiro.

Centro de Operações de Paz

Um dos maiores desafios enfrentados durante a missão foi o de empregar a recém ativada Seção de Assuntos Cíveis.

É importante registrar que o atual contexto em que se insere a MINUSTAH, onde se percebe uma crescente vivificação da economia e uma atuante rede de assistência humanitária, decorre, em boa medida, do trabalho da Embaixada do Brasil no Haiti. É bem nítido o envolvimento pessoal do Embaixador, Sr. Igor Kipman, e da Embaixatriz, Sra. Roseana Kipman, em diversas atividades dessa natureza carente. As ingerências da embaixada atraem doações de toneladas de arroz e leite em pó, que, atracados em Porto Príncipe, demandam uma estrutura operacional para finalizar sua distribuição.

A atuação da tropa na atividade de distribuição de alimentos fortalece os laços de confiança com a população haitiana.

Em uma das mais motivantes operações, o 10ºGptOpFuzNav planejou e executou, em fevereiro de 2009, o transporte de alimentos de Porto Príncipe até a cidade de

Gonaïves, que havia sido fortemente atingida por uma série de furacões no ano anterior. Essa missão contou com a participação pessoal da Embaixatriz Roseana Kipman, que, embarcada na boléia de um UNIMOG, percorreu os 140 quilômetros de estradas altamente degradadas para doar os alimentos às freiras daquela cidade.



Tomando-se como base documentos doutrinários da ONU, assim como das Forças Armadas norte-americanas, decidiu-se por ativar o Centro de Operações de Paz (COP), em substituição ao Centro de Operações de Combate (COC). Esta alteração na denominação, por si só já assinalava a mudança de postura operacional que deveria sofrer o grupamento após o término das grandes operações de combate advindas do processo de pacificação concluído no início de 2007. Ela, também, trazia o Centro de Operações para a esfera do CteC, demonstrando que as operações ali planejadas, eram em proveito do grupamento como um todo e não apenas do CCT. Assim, todos deveriam viver uma “Única Batalha” (ou *Single Battle* no conceito do USMC, essencial para um adequado emprego de Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais).

Além disso, o COP serviria para integrar e coordenar os trabalhos de três seções fundamentais para o sucesso de Operações de Estabilização: Inteligência, Operações e Assuntos Cíveis. A Seção de Inteligência, com seus elementos de busca, deveriam produzir conhecimentos para puxar o emprego do CCT ou do CASC, conforme o conceito de “Ação Ditada pelo Reconhecimento” previsto no Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. A Seção de Operações deveria coordenar o emprego das

Operações Cinéticas do CCT, trocando informações com o S-2 e com o S-9. A Seção de Assuntos Cíveis, cujo braço operativo seria o CASC, estreitaria o contato com a população civil, obtendo valiosos informes para o S-2 ou colocando tropa, a título de estar executando Operações Cíveis-Militares, em pontos de importância operativa para o S-3.

A prática do emprego da Seção de Assuntos Cíveis forneceu alguns valiosos ensinamentos:

- existe uma diferença fundamental entre uma ACISO e uma Operação Civil-Militar. As ACISO, sendo basicamente assistencialistas, eram feitas sempre nas áreas mais carentes. As Operações Cíveis-Militares, por sua vez, têm sempre um propósito operacional, sendo realizadas nas áreas mais perigosas;
- esta seção em particular deve ser composta por militares vocacionados para interagir com a população carente;
- o domínio do idioma crioulo pelos militares da seção é um multiplicador de capacidades; e
- mesmo as Operações Cinéticas executadas pelo CCT devem ser acompanhadas por um Grupo de Operações Cíveis-Militares, que devem ficar em condições de mitigar danos colaterais, prestar primeiros socorros, colher informações e esclarecer a população sobre o propósito da operação, reduzindo, assim, interferências e reações indesejáveis.

Eleições

Durante o período de atuação do 10º contingente ocorreram, em dois turnos, as eleições senatoriais do Haiti. O primeiro turno ocorreu em 19 de abril e o segundo em 21 de junho de 2009.

O planejamento para a segurança no período eleitoral previa o incremento gradual do patrulhamento da área, nos dias que antecederiam, até um máximo de 100% que deveria ocorrer no dia da eleição. Para tanto, os (leaving) e arejamentos foram suspensos nos dez dias que antecederiam e sucediam à eleição.

Assim, os quatro pelotões do CCT eram empregados nas patrulhas e nos Pontos de Segurança Estática (PSE) e formou-se um quinto pelotão, com militares do CASC para compor a reserva do grupamento. Foram posicionados PSE em frente aos principais Centros de Votação, enquanto os demais eram cobertos por patrulhas. O pelotão reserva ficava à bordo, em condições de ser empregado em qualquer dos centros de votação, particularmente, em tarefas de controle de distúrbios.

Na véspera das eleições eram realizadas as “Operações Pneu”, onde recolhiam-se pneus encontrados abandonados nas ruas e que poderiam ser queimados em manifestações. No primeiro turno, foram recolhidos cerca de 150 pneus e no segundo turno chegou-se a 300.

Os dois turnos da eleição senatorial transcorreram sem nenhum incidente na área do BRABATT como um todo.

Operação Paradoxo

Durante a missão, pode-se validar, por meio do emprego integrado das Operações Cinéticas, de Inteligência e Cívico-Militares, alguns conceitos contidos nos manuais do (USArmy), FM 3-24 (COUNTERINSURGENCY) e FM 3-07 (STABILITY OPERATIONS). O conceito de Paradoxos das Operações de Estabilizações pode ser visto a seguir, lembrando que por recomendação do próprio manual, esses paradoxos não devem ser tomados como dogmas, devendo servir de orientação geral para a condição desse tipo de operação.

Paradoxos das Operações de Estabilização

- 1) Algumas vezes, quanto mais você protege suas forças, menos seguras elas ficam;
- 2) Algumas vezes, quanto mais força é usada, menos eficaz ela é;
- 3) Quanto mais bem sucedida a Operação de Estabilização for, menos força pode ser usada e mais riscos devem ser aceitos;
- 4) Algumas vezes não fazer nada é a melhor reação;
- 5) Algumas das melhores armas para as Operações de Estabilização não tiram;
- 6) A nação anfitriã fazer algo razoável é, normalmente melhor do que se a Força de Estabilização estivesse fazendo o mesmo muito bem;
- 7) Se uma tática funciona esta semana, ela pode não funcionar semana que vem; se funciona nesta província pode não funcionar na próxima;
- 8) Sucesso tático não garante nada; e

Muitas decisões importantes não são tomadas pelos Comandantes.

Alguns desses paradoxos puderam ter sua validade comprovada na denominada Operação Paradoxo:

- em 14 de maio, uma patrulha noturna foi cercada por moradores da Base Van Vire, o local mais perigoso da AOp do Grupamento-Operativo, e foi agredida com pedras e garrafas; o tenente, mais antigo da patrulha, se viu obrigado a realizar um disparo de advertência para afastar a população e retrair.

- a primeira e natural idéia de reação a esta agressão foi intensificar o patrulhamento e buscar agressivamente os responsáveis pela afronta. Ao invés disso, observando os paradoxos citados, o comando optou por enviar um destacamento de Assuntos Cívicos ao local para tomar conhecimento do motivo da insatisfação e identificar os anseios da população. Decidiu-se por construir, no beco, uma caixa d'água, com captação de água da chuva. A construção da caixa d'água ocupou militarmente a região por algumas semanas e fez aumentar a interação com a população. Iniciou-se uma relação de confiança mútua. Passou-se a dar aula de português no beco. Após o término da obra, o caminhão pipa passou a ir diariamente ao local.



- no dia 18 de junho, ocorreu o chamado Incidente na Catedral. Por ocasião do velório de um importante bispo local, um cidadão haitiano faleceu durante um incidente em que tropas da MINUSTAH realizaram disparos de advertência para o alto, após terem sido agredidos por pedradas. Todo o desenrolar desses acontecimentos foi transmitido ao vivo, por algumas televisões e rádios, pois o importante velório estava sendo coberto pela mídia local. A tropa que estava realizando a detenção de um suspeito, em meio a um aglomerado de pessoas que acompanhavam o velório. A coincidência da morte do cidadão logo após os disparos de advertência, fez com que a multidão que assistia ao incidente acreditasse que os soldados haviam atirado contra o cidadão. Seguiu-se uma grande comoção, rapidamente transformada em imensa turba. Os protestos se alastraram pela vizinhança, até o Palácio Nacional. O cidadão falecido era um morador do Beco VanVire. Parte da turba dirigiu-se ao beco para insuflar a população local contra as tropas da MINUSTAH. Lá chegando, não encontraram respaldo, pois os moradores preferiram não aderir ao protesto; afirmaram, então, que tinham uma ótima relação com os soldados de sua região e que para eles não valia a pena protestar.

A resposta positiva da população veio comprovar alguns dos conceitos contidos nos Paradoxos das Operações de Estabilizações. Como vimos, “algumas das melhores armas não atiram”, apenas jorram água.

Conclusão

Compor um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais para emprego em uma missão real em território estrangeiro, sob a égide da Organização das Nações Unidas, não é tarefa para qualquer militar. São inúmeras as habilidades necessárias. Esses militares têm que ser, antes de tudo, fortes. Possuir um caráter forte. Pois só assim conseguem suplantar as dificuldades de toda ordem que os confrontam.

No início, a incerteza do processo de seleção, o rigor dos adestramentos, a iminência do afastamento prolongado do lar. Ao chegarem, defrontam-se com um ambiente diverso ao seu, clima diferente, cultura distinta, confinamento.

Somam-se a isto, as suscetibilidades de uma Missão de Estabilização. Deve-se caminhar sobre a tênue linha entre proteger e prover segurança à população, agindo sobre as ameaças, mas sem constranger ou importunar indevidamente os inocentes. Não pode haver nenhum dano cola-

teral. Além disso tudo, ainda há de haver energia e boa vontade para levar auxílio aos necessitados.

O adestramento e a habilidade necessários aos militares nesse tipo de missão são raros de se conseguir. Esta missão, definitivamente, não é para qualquer militar. Eu, como Comandante deste 10º Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais-Haiti, atesto que tive o privilégio de conhecer e a honra de trabalhar junto de alguns desses excepcionais combatentes.

De todos os fatos citados ao longo deste artigo, destaco como o de maior importância, a oportunidade de se acen-

drar o Espírito de Corpo do CFN, incrementando nosso CAPITAL MORAL. Durante todo o período em que estivemos envolvidos com a missão, desde o início da preparação, até as despedidas finais, testemunhei um sem número de relatos e manifestações de apreço, dedicação e amor ao Corpo de Fuzileiros Navais.

Os combatentes anfíbios, voluntários para essa difícil missão, merecem considerável reconhecimento institucional, pois são eles que, no fundo, forjam o tão aclamado Espírito de Corpo que tantos nos orgulhamos de possuir.



CT (FN) Daniel Marques Rubin
dmrubinselva@hotmail.com

Os pequenos escalões em operações militares em áreas urbanas

O emprego do ponto forte pelo Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais na missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti durante o 5º e 6º contingentes

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a técnica operacional ponto forte, empregada por pequenos escalões na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, (MINUSTAH) e sua influência para o estabelecimento e manutenção do estado de normalidade na área de responsabilidade do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti (GptOpFuzNav Haiti), durante o 5º e o 6º contingentes.

PALAVRAS-CHAVE: Operações Militares em Áreas Urbanas. Operações de Paz. Pequenos escalões. Estado de normalidade.

Introdução

Historicamente, percebe-se que os conflitos urbanos modernos tendem a se desenvolver cada vez mais em áreas urbanas, onde a dificuldade de comando e controle impõem à necessidade de planejamento centralizado e execução descentralizada, onde a iniciativa individual e o trabalho em pequenas frações, principalmente nos níveis pelotão e grupo de combate, são fundamentais para o sucesso das operações.

Por outro lado, o aumento da demanda por Operações de Paz é consequência da diversidade e quantidade de conflitos do mundo atual e tem como origem fatores históricos, políticos, culturais, religiosos entre outros. Por se tratar de uma operação militar, essa modalidade também tende a se desenvolver em ambientes urbanos, como no da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

A projeção de poder de combate possibilitada pelo emprego da técnica operacional ponto forte nesse tipo

de missão, a qual consiste em intensos patrulhamentos, checkpoints e operações diversas, funcionando como uma base operacional dentro de regiões críticas da capital haitiana, logo chamou a atenção do comando do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti, que, entre o 5º e o 8º contingentes, passou a ocupar quatro pontos fortes, três deles na região Drouillard, Bois Neuf, com o emprego de pequenos escalões.

Constatou-se nesse período, principalmente, a partir de março de 2007, o estado de normalidade, caracterizado principalmente pela liberdade de movimento das tropas da MINUSTAH e demais órgãos públicos haitianos, fuga e detenção dos principais bandidos e notória simpatia da população para com a Força de Paz.

Diante do emprego da técnica de ponto forte na área de responsabilidade do GptOpFuzNav Haiti durante o 5º e o 6º contingentes e da mudança dos aspectos que medem o estado de normalidade, o presente artigo apresenta a importância do emprego de pontos fortes no restabelecimento e manutenção do estado de normalidade na área de responsabilidade do GptOpFuzNav Haiti.

O Problema Haitiano

Ao longo da história, a ausência do poder do estado em boa parte do território haitiano provocou a proliferação de vários grupos armados, como, por exemplo, os chiméres. Nos últimos tempos, tais grupos passaram a dedicar-se a qualquer tipo de atividade de seus interesses, normalmente ilícita.

Geralmente, as regiões mais carentes de serviços públicos, aquelas menos favorecidas pelo poder do Estado,

funcionam como refúgio e base de operações desses grupos (os quais passaremos a tratar como força adversa). Empregando a força, esses elementos impõem medo à população local, mascarando sua forma de atuar através de pequenos serviços, que atendem as necessidades mínimas dos habitantes locais, como segurança contra bandidos de outras regiões, por exemplo. Aqueles habitantes locais que não aceitam subjugar-se ao domínio da força adversa são expulsos ou até mesmo mortos.

Através da aceitação da população local, voluntária ou não, esses elementos passam a se organizar em gangues mais poderosas, recrutando simpatizantes locais para engrossar suas fileiras armadas, além de mulheres e crianças para compor uma simples, porém eficiente, rede de informações.

Muitas vezes, os chefes das gangues se apresentam como líderes comunitários de suas regiões. Seus subordinados quase sempre se confundem com a população. Suas armas são estocadas em qualquer casa, buraco, enfim, qualquer local da comunidade.

Suas ações principais, entretanto, são desencadeadas em outras regiões mais nobres da capital Porto Príncipe. Empresários haitianos são as maiores vítimas da ação das gangues, que roubam, seqüestram e realizam extorsões para garantir o seu financiamento, este voltado quase sempre para os interesses individuais dos bandidos.

Além de todas essas dificuldades, verifica-se em Porto Príncipe um ambiente operacional extremamente compartimentado, com grande adensamento urbano, longos e estreitos corredores de tiro, inúmeras janelas e buracos nas paredes (de onde se pode observar e atirar com relativa proteção), poucas vias de acesso para blindados, favoráveis ao combate aproximado e à ação de emboscadas e, principalmente, repletos de civis desarmados sujeitos ao iminente e praticamente inevitável dano colateral consequentemente da eclosão de combates entre as tropas da MINUSTAH e a força adversa, bem como entre as próprias gangues locais.

Entre as principais adversidades encontradas nesse ambiente operacional, está a possibilidade de um grande número de baixas junto à população civil, significativa destruição da estrutura urbana, participação de considerável efetivo de militares empenhados, isso tudo aliado às complexidades de coordenação e controle, pois o terreno urbano prejudica a observação da tropa como um todo e as grandes estruturas dificultam as comunicações via rádio, tornando árdua a intervenção no combate por parte do escalão superior.



Figura 1: Fotografia satélite da área de responsabilidade do GptOpFuzNav Haiti, seus checkpoints e pontos fortes.

Dessa forma, as características do terreno, aliadas às características de descentralização tática dos GptOpFuzNav, bem como o cuidado que deve existir quanto ao dano colateral, fazem com que aumente a importância da correta instrução e do judicioso emprego das pequenas frações nas Operações de Paz em Operações Militares em Áreas Urbanas.

O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti (GptOpFuzNav Haiti) e sua área de responsabilidade

Durante sua permanência no Haiti até o fim de 2007, o GptOpFuzNav Haiti teve sua área de responsabilidade alterada duas vezes. Entre o período de junho de 2006 e novembro de 2007, era compreendida por três regiões características: SONAPI, Drouillard e Bois Neuf (ver figura 1).

A SONAPI caracteriza-se por um pequeno distrito industrial, porém com grande importância econômica para o Haiti. A principal atividade do GptOpFuzNav Haiti nesta região era a operação de um checkpoint, denominado CP 03, que ficava posicionado na via principal de SONAPI, a Avenida das Indústrias, em frente à entrada do complexo de mesmo nome (SONAPI), além de patrulhamento motorizado e do guarnecimento de um Posto de Observação (PObs) no interior do complexo, que permitia reconhecimento e vigilância de parte da região de Drouillard, durante o período de operação do CP 03. Por diversas vezes, autoridades haitianas e da própria ONU declararam a importância da presença de tropas da MINUSTAH, como forma de manter o ilícito afastado daquela região.

Mais a oeste, Drouillard caracteriza-se por duas pequenas regiões de adensamento populacional e uma área maior de campo. Parte dela, Drouillard de oeste, já é denominada Cité Soleil, a maior e mais perigosa favela haitiana até meados de 2007. Por ocasião da chegada do 5º contingente do GptOpFuzNav Haiti, em junho de 2006, a região de Drouillard era considerada extremamente perigosa, devido às ações de emboscadas realizadas pela gangue local. Para Drouillard de leste, o GptOpFuzNav Haiti passou a desenvolver patrulhamento mecanizado sobre a Avenida Nacional número 1 e Rua Lisius, dois dos principais acessos a Cité Soleil. Além disso, foi realizada uma operação de reconhecimento pelo Componente de Combate Terrestre (CCT) na região do cemitério, junto ao entroncamento da Nacional número 1, Rua Lisius e Boulevard das Indústrias (que ligava a região à SONAPI), bem como outras incursões de reconhecimento e desbloqueio de vias em Drouillard de oeste. Após dois meses de atividades na região e diversos engajamentos com a força adversa, já era possível operar outro checkpoint, o CP 02, localizado na Nacional número 1, e realizar patrulhamento mecanizado em Drouillard de oeste sem tanto engajamentos e dificuldades como antes.

A terceira região, reconhecida como Bois Neuf, é densamente habitada em toda a sua extensão, com arruamento irregular e construções bem mais simples do que nas demais regiões. Bem como Drouillard de oeste, Bois Neuf apresenta-se com um típico bairro pobre de uma região urbanizada. Seu limite oeste é banhado pelo Mar do Caribe, com Cité Soleil

estendendo-se ao sul e Drouillard a leste. Em 2004, a região foi palco de uma grande operação da MINUSTAH, onde seis elementos da força adversa foram mortos, inclusive o líder da gangue, Dread Wilmé. Após isso, a diminuição das ações da MINUSTAH na região permitiu a reorganização da gangue e o retorno das práticas ilícitas locais.

No limite norte de Bois Neuf, encontra-se um ponto forte, o PF 21 ou PF Riachuelo, que foi de extrema utilidade para a realização de diversas operações e funcionou como base de patrulha para as atividades em Drouillard. Também havia à época a necessidade de se intensificarem as ações em Drouillard oeste e, principalmente, em Bois Neuf, região então inacessível às tropas da ONU. A experiência de outros contingentes no emprego de ponto forte, aliada à própria experiência do GptOpFuzNav com o PF 21 e à necessidade de se estabelecer em medidas que trouxessem a paz de volta à região, fizeram com que os fuzileiros navais tomassem as devidas providências quanto às suas atividades em sua área de responsabilidade, principalmente na região Drouillard – Bois Neuf. Entre tais providências, destacaram-se o aumento de atividades geradas pelo PF 21 e o estabelecimento de outros pontos fortes.

Ponto Forte

Generalidades

Entende-se por ponto forte uma técnica operacional de defesa em todas as direções, com capacidade de projetar poder de combate em uma área de influência.

A projeção de poder de combate resume-se à capacidade que um ponto forte tem de realizar ação de presença, inibindo as ações de elementos da força adversa em suas proximidades e, principalmente, servindo como base de operações, provendo o apoio logístico necessário, sendo utilizado como posto de comando e observação, além de prover posições de apoio de fogos entre outros.

Sua ação de influência é a região onde é possível ao seu comando influenciar o curso das ações, mediante o emprego do seu poder de combate. Sua dimensão pode variar conforme o ambiente operacional, a força adversa que atua na região e a quantidade de meios e pessoal que garante e opera o ponto forte.

A finalidade principal de um ponto forte é garantir o controle de uma determinada região, inibindo a ação da força adversa através de rápidas respostas às suas ações. Sua localização, portanto, só faz sentido em uma área crítica, num local de atuação da força adversa. A adequada escolha da sua localização causa um importante reflexo psicológico sobre a população local e, principalmente, sobre a força adversa, que perde o controle da área.

Dentre as principais atividades desenvolvidas a partir de um ponto forte, destacam-se: atuar em sua área de influência por meio de patrulhas a pé, motorizadas, mecanizadas e mistas, estabelecer postos de observação (POBs), realizar Posto de Controle de Trânsito (checkpoint), apoiar o estabelecimento de outros pontos fortes temporários e todos os tipos de operação que venham a ocorrer em área de influência e adjacências, como cerco e vasculhamento, desobstrução de vias, reconhecimentos, etc.

Pontos Fortes do GptOpFuzNav Haiti

Ao chegar ao Haiti, em junho de 2006, o 5º Contingente do GptOpFuzNav deparou-se com uma nova área de responsabilidade, recém assumida pelo 4º Contingente. Nessa área situava-se o PF 21 (PF Riachuelo).

O PF Riachuelo estava posicionado num local estratégico, no entroncamento da Rua Lisius com a Soleil 9, principal acesso ao norte de Cité Soleil (ver figura 2). Utilizando-se de uma região de ruínas, onde antes fora uma escola, possuía péssimas condições de operação, dada à falta de infra-estrutura local, como ausência de cobertura, vulnerável proteção de sacos de areia e inexistência de instalações para repouso da tropa, bem como pequeno perímetro de segurança, sujeito a ataques da força adversa.



Figura 2: Fotografia satélite da Área de Influência do PF Riachuelo.

Sua missão principal era monitorar o perímetro norte de Cité Soleil, coibindo o fluxo de ilícitos por este acesso. Todavia, suas péssimas condições de operação não permitiam que outras missões fossem cumpridas com eficácia. Rapidamente, então, foram realizados trabalhos de melhoramento na instalação, permitindo melhores condições de segurança e conforto para a tropa.

Semana depois de iniciados os trabalhos, já era possível realizar diversos tipos de atividades a partir do ponto forte Riachuelo, como o checkpoint 21 (CP 21), guarnecido em horários distintos junto ao ponto forte; maior número de patrulhas mecanizadas, já que não era mais preciso partir da base do GptOpFuzNav com tanta frequência; operações diversas, como reconhecimentos mecanizados, desobstrução de vias e vasculhamentos, diminuindo sensivelmente o tempo gasto com deslocamentos e usufruindo dos meios de comunicações diversificados do ponto forte; e, sobretudo, a ação de presença exercida pelo conjunto de atividades geradas a partir da instalação.

O PF Riachuelo passou a caracterizar-se como um ponto forte permanente. Seu efetivo variou diversas vezes, desde duas esquadras de tiro (ET), num total de seis militares, a meio PelFuzNav, num total de 15 militares. Quando guarnecido por seu efetivo máximo, sua composição era organizada em grupos para melhor distribuírem-se as tarefas.

Apesar de importantes resultados obtidos na região de Drouillard de oeste, o ponto forte Riachuelo não era capaz de exercer grande influência sobre toda a região, incluindo principalmente Bois Neuf, dada sua elevada distância até o perímetro da região habitada (aproximadamente 400m).

A desoneração de outras incumbências sobre o GptOpFuzNav, como o CP 03 e 02, além do patrulhamento da região de SONAPI, aliada a uma postura mais agressiva por parte do comando da Força Militar da MINUSTAH a partir de dezembro de 2006, após mais um processo eleitoral haitiano, permitiu o planejamento e a execução de operações que visavam o estabelecimento de outros dois pontos fortes, um em Drouillard e outro em Bois Neuf.

O ponto forte Humaitá (PF Humaitá) foi, então, o primeiro a ser concebido. Encravado no centro de Drouillard de oeste, na construção de maior porte da região (Casa da Bandeira) seu estabelecimento foi um duro golpe nas pretensões da força adversa. Sua posição privilegiada prejudicava efetivamente a prática de ilícitos em toda a região de Drouillard de oeste além de exercer boa influência sobre a parte mais a leste de Bois Neuf (ver Figura 3).

Suas atividades passaram a permitir a realização de patrulhamentos a pé na região de Drouillard de oeste em melhores condições de segurança, o que, de imediato, aumentou o contato da Força Militar da MINUSTAH com a população local, elevando notoriamente a quantidade de informações e o conhecimento da realidade local.

Sua composição em grupos era semelhante ao PF Riachuelo, operando inicialmente com meio PelFuzNav e tendo seu efetivo reduzido à medida que indícios de volta ao estado de normalidade surgiam.



Figura 3: Fotografia satélite da Área de influência do PF Humaitá

Impulsionado por uma onda de insatisfação da população pelas sanções impostas pela gangue local, aliado ao retraining desta para a região de Bois Neuf, o GptOpFuzNav Haiti decidiu o mais rápido possível realizar uma operação de grande vulto e estabelecer o ponto forte Paissandu (PF Paissandu).



Figura 4: Fotografia satélite da Área de Influência do PF Paissandu

O PF Paissandu foi instalado ao final do Impasse Chavane, na residência pessoal do líder da gangue local conhecido como Beloni, que se evadiu da região dias antes, percebendo o cerco sobre suas forças (ver Figura 4). Pode-se dizer que seu estabelecimento foi bem sucedido, dada a desestabilização da força adversa logo após a tomada da Casa da Bandeira e do estabelecimento do PF Humaitá.

Assim como este, o PF Paissandu passou a operar com meio PelFuzNav, também com alteração de efetivo conforme a evolução dos acontecimentos.

Com o PF Paissandu, o GptOpFuzNav Haiti passou a exercer influência direta sobre toda sua área de responsabilidade. A força adversa ficou inibida e passou a efetuar apenas pequenas ações isoladas na região. Uma boa parte de seus membros evadiram-se para outras regiões, outros foram presos.

Patrulhas a pé que partiam dos pontos fortes passaram a ser realizadas em toda Drouillard e Bois Neuf, transmitindo grande sentimento de segurança para a população. As operações de ajuda humanitária, como distribuição de água, apoio de saúde e realização de obras, que contavam com o apoio dos pontos fortes, também causaram um impacto bastante positivo, dado ao atendimento das necessidades básicas locais.

O comando da MINUSTAH rapidamente diagnosticou mudanças na área de responsabilidade do GptOpFuzNav Haiti, como a diminuição de elementos armados nas ruas da região.

Passou-se, a partir de então, a adotar uma postura menos agressiva por parte da Força Militar, buscando-se estreitar o contato com a população. Em outras palavras, estabelecido o estado de normalidade, a nova preocupação passou a ser a manutenção desse estado. Dada à instabilidade do Haiti como um todo, principalmente pelas suas características histórico-culturais, esta missão mostrar-se-ia não menos importante que a anterior.

Os pontos fortes e o estado de normalidade

Segundo Conceição, dentre as várias dimensões que caracterizam um estado de normalidade, destacam-se a presença ostensiva de elementos da força adversa nas ruas, o retorno de moradores que haviam abandonado suas residências, o número de ações da força adversa contras as forças legais (PNH, polícia da ONU E tropas militares), a presença de organizações não-governamentais e dos setores civis da MINUSTAH e a presença de instituições públicas haitianas fornecendo serviços de energia, saúde, água, saneamento, pavimentação, etc.

A obtenção do estado de normalidade na área de responsabilidade do GptOpFuzNav e sua conseqüente manutenção, caracterizam-se em dois momentos. Desde a chegada do 5º contingente (junho de 2006) até março de 2007 (1ª metade do período do 6º contingente), o GptOpFuzNav buscou a obtenção desse estado, adotando, uma postura mais ofensiva. Em março de 2007, os indícios (ou dimensões, segundo Conceição) se tornaram mais claros e, a partir daí, houve a necessidade de se adotar uma postura menos agressiva, voltada para a manutenção do estado de normalidade.

Essa percepção de mudança atingiu não só os habitantes locais, mas as tropas da MINUSTAH e demais organismos e instituições que atuavam na região Drouillard – Bois Neuf.

Esses indícios foram também percebidos pelos militares que operaram na região e tiveram suas devidas correlações com o emprego de pontos fortes. Alguns militares responderam a um questionário elaborado no intuito de associar o emprego de pontos fortes com o estabelecimento e manutenção do estado de normalidade em grau de importância. Os quesitos, portanto, levantam questionamentos quanto à importância do ponto forte para a mudança de cada indício de estado de normalidade.

A análise dos resultados mostra que 68% dos militares que responderam ao questionário concordam totalmente quanto à importância do emprego dos pontos fortes na diminuição do número de elementos armados da força adversa nas ruas de Drouillard e Bois Neuf. Um dado interessante é que nenhum dos 25 militares que responderam ao questionário optou por uma resposta negativa, ou seja, que não tenha correlação entre o emprego de pontos fortes e a diminuição de elementos armados.

Quanto à correlação dos pontos fortes com o retorno da população às suas residências e a criação de um sentimento de segurança percebe-se que 25% dos militares não concordam ou concordam em parte que o ponto forte foi importante. Tal fato deve-se principalmente a fatos isolados, ocorridos após a obtenção do estado de normalidade, vivenciados por esses militares, em que a força adversa, agindo desordenadamente, realizou ações em represália ao apoio da população à presença das tropas da MINUSTAH.

Vale ressaltar que a força adversa faz uso de dois aspectos fundamentais para suas ações: simpatia e/ou coação da população local; e a capacidade de se evadir após uma ação. Com isto, o menor tempo de reação da tropa, dada à proximidade dos pontos fortes em relação ao ambiente operacional, e a maior participação da população local em informar e delatar a força adversa contribuíram para a diminuição das atividades desta. Além disso, os militares afirmaram ter ocorrido um aumento da frequência nas escolas e do comércio local.

Os resultados da pesquisa confirmam também os dados existentes nos relatórios do GptOpFuzNav Haiti, quanto à diminuição do número de ações da força adversa contra as forças legais (militares da ONU, PNH e Polícia da ONU). Dessa forma, 92% consideram extremamente importante a influência dos pontos fortes na região Drouillard – Bois Neuf para a diminuição de ações da força adversa contra as forças legais. Esse expressivo resultado demonstra, em parte, a eficiência das ações militares na região, sufocando a força adversa em seu território, coibindo suas ações e seu ressurgimento de armas e munição.

Entretanto, certamente o indício de estado de normalidade mais preocupante, que menos foi observado pelos militares do GptOpFuzNav Haiti está relacionado com a participação de outros organismos, civis, ligados à assistência humanitária e infra-estrutura.

Ao serem perguntados sobre a participação de Órgãos Não-Governamentais, bem como dos setores civis da MINUSTAH e instituições públicas de energia, saúde, água, saneamento, pavimentação, etc, 36% dos militares negaram que tais organismos tenham aumentado sua participação

em atividades na região. Alguns militares foram além, comentando que alguns desses organismos, em especial os setores civis da MINUSTAH e instituições públicas de infraestrutura sequer atuavam na região, cabendo à própria Força Militar da MINUSTAH a participação nesse campo, como por exemplo, na pavimentação de parte da Rua Soleil 9 e de toda a Rua Lisius. Tal resultado revela que ainda existem diversas medidas a serem adotadas no âmbito da coordenação entre os setores da MINUSTAH.

A obtenção de resultados sobre a correlação dos indícios de estado de normalidade com o emprego de pontos fortes é de extrema importância, mas incapaz de, por si só, permitir conclusões bem fundamentadas. Para isso, o questionário permitiu aos militares que eles emitissem suas impressões gerais quanto ao problema proposto. Dessa forma, foram elaborados três quesitos conclusivos.

No primeiro deles, os militares deveriam ordenar, conforme o grau de importância, as atividades que mais contribuíram para o estabelecimento e manutenção do estado de normalidade.

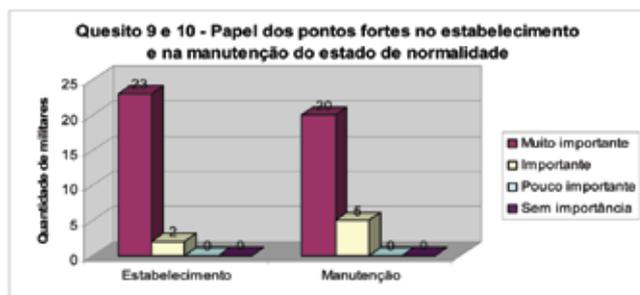
Um detalhe interessante é que na técnica de ponto forte foram consideradas todas as atividades que tem como origem tal instalação. As demais atividades, mesmo que semelhantes àquelas de origem nos pontos fortes, mas não possuem esse mesmo ponto de origem, foram consideradas como outras atividades técnicas.

Com 76% de preferência, o ponto forte foi escolhido como a atividade que mais contribuiu para o estabelecimento e a manutenção do estado de normalidade. O patrulhamento a pé ou motorizado foi a opção de preferência dos demais 24% dos militares que responderam ao questionário. Esse dado é interessante devido à própria capacidade do ponto forte em lançar patrulhas de diferentes tipos (a pé, motorizadas e mecanizadas), tornando-o uma espécie de base de operações com relativa limitação logística.

Foi exatamente por causa desse item, a logística, que seis militares optaram pelas patrulhas que tem como origem a base do GptOpFuzNav Haiti. Na opinião deles, o ponto forte teve papel fundamental para o estado de normalidade, mas a falta de meios, precariedade das instalações e o tempo limitado de ação em combate sem ressurgimento são limitações que devem ser mais bem trabalhadas.

Finalmente, as duas últimas perguntas, uma com relação ao estabelecimento do estado de normalidade e a outra sobre sua manutenção tiveram resultados semelhantes (ver Quadro 1).

Esses resultados (100% dos militares que responderam ao questionário considerando, no mínimo, importante o papel dos pontos fortes no estabelecimento e na manutenção do estado de normalidade da região Drouillard – Bois Neuf) demonstram a impressão geral positiva que os militares da MINUSTAH, os quais operaram na região em questão, têm sobre o emprego da técnica operacional ponto forte. Suas opiniões, no que tange às atividades por eles desempenhadas na área de responsabilidade do GptOpFuzNav Haiti, devem ser consideradas importantes, dado seus conhecimentos obtidos em seis meses de operação naquele ambiente operacional, com presença muito maior que qualquer outro organismo civil, da MINUSTAH ou do próprio governo haitiano.



Quadro 1: Como o Sr. classificaria, em grau de importância, o emprego de pontos fortes na região de Drouillard - Bois Neuf, para o estabelecimento e a manutenção do estado de normalidade?

Conclusão

As Operações Militares em Áreas Urbanas têm sido matéria de diversos estudos no nível tático que procuram acompanhar a evolução do combate para o interior de localidades. A tendência de se conduzir os conflitos nesse ambiente operacional tem provocado reações quanto à proteção de civis inocentes, gerando, como consequência, um conjunto de regras que pautam a atuação das forças em combate. A interferência de “terceiros”, em especial da ONU, tem sido fundamental na solução desses conflitos e na busca do estado de normalidade em áreas conflagradas, através do emprego de missões de paz de caráter multidimensional. Entre as técnicas empregadas pelos componentes militares das forças de paz, o ponto forte vem apresentando resultados interessantes, em especial na MINUSTAH, provocando um mínimo de dano colateral.

Valendo-se de outros trabalhos e de manuais que versam sobre o assunto, além da experiência pessoal do autor que participou do 5º contingente como comandante de pelotão, bem como de outros militares que participaram da missão, verifica-se que entre as técnicas empregadas pelas pequenas frações do GptOpFuzNav Haiti, o ponto forte foi a mais eficiente no estabelecimento e manutenção do estado de normalidade. Apesar de difícil medição, face às constantes evoluções dos acontecimentos, o papel do ponto forte, no caso em estudo foi fundamental para o êxito das operações. O emprego bem-sucedido do ponto forte no passado, em outras áreas de Porto Príncipe, os estudos já realizados sobre o assunto, consolidados em artigos, monografias, manuais e outros, bem como o consenso daqueles que conviveram com o surgimento dos indícios de estado de normalidade, não deixam dúvidas quanto à sua importância.

Neste sentido, recomenda-se o aprimoramento da técnica de ponto forte, principalmente quanto à sua eficiência em operar isoladamente durante médio a longo prazo, bem como a intensificação de adestramentos com o emprego de pequenas frações nas diversas atividades que têm como origem um ponto forte.

Autor

Capitão-Tenente Fuzileiro Naval. Participou do 5º Contingente da MINUSTAH como comandante de pelotão do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti. Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Curso de Infanteria, em 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Carlos Chagas Vianna. A missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti e seu componente militar. O Anfíbio, Rio de Janeiro, ano 25, n. 24, p.46-61, 2005.
- BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-1000: manual de organização e emprego de grupos operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2003.
- BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-2100: Manual de Operações Terrestres de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2003.
- BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-2400: manual de Operações de Paz do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2006.
- BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-3100: manual de operações em área urbana. Rio de Janeiro, 2002.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. C 100-5: operações. 3. ed. Brasília, DF, 1997.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. C 20-1: glossário de termos e expressões para uso no Exército. 3ª ed. Brasília: EGGCF, 2003.
- CASTRO, Oswaldo Queiroz. Experiências do 2º Contingente do GptOpFuzNav Haiti. Rio de Janeiro, O Anfíbio, Rio de Janeiro, ano 25, n. 24, p. 62-81, 2005.
- CONCEIÇÃO, Rafael Novaes da. A participação do 3º contingente brasileiro na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH): O emprego do ponto forte em áreas conflagradas na cidade de Porto Príncipe. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais)—Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2006.
- D'AQUINO, E. O. Operações militares em área urbanizada. O Anfíbio, Rio de Janeiro, ano 26, n. 25, p. 54-61, 2006.
- GLOBAL SECURITY. Department of the Army. FM 100-5: operations. Washington, DC, 1993. Janeiro, 2003.
- NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. Manual de metodologia da pesquisa científica. Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007.
- OLIVEIRA, E. Experiências do 3º e 4º Contingentes no Haiti. O Anfíbio, Rio de Janeiro, ano 26, n. 25, p. 78-88, 2006.
- OLIVEIRA, E. Operação Furacão Denis: Batismo de Fogo do 3º Contingente do GptOpFuzNav Haiti. Âncoras e Fuzis, Rio de Janeiro, ano VII, n. 32, 2006.
- REZENDE, Marcelo Lopes. Emprego de um pelotão de fuzileiros na manutenção de um ponto forte em área urbana, no contexto de uma operação de manutenção da paz – “Uma experiência no Haiti”. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2007.
- SILVA, Michel Melo da. Haiti. Âncoras e Fuzis, Rio de Janeiro, ano VII, n. 35, 2007.
- UNITED NATIONS. Department of Peacekeeping Operations. Mandato da MINUSTAH. Disponível em: <<http://www.un.org/depts/dpko/missions/minustah/>>. Acesso em: 14 jul. 2008.



CF (FN) Alberto Rodrigues Mesquita Junior
mesquitafn@yahoo.com.br

O Intercâmbio no USMC em Camp Lejeune



O *Memorandum of Agreement*, firmado entre as Marinhas do Brasil e dos EUA em 10 de março de 1978 prevê um Programa de Intercâmbio de pessoal militar, com a finalidade de estabelecer um relacionamento ativo entre a *USNavy* e a Marinha do Brasil, por meio da troca de experiências, conhecimento profissional e doutrinatório, observando-se a política de segurança da informação estabelecida pelos dois países.

Anualmente, um Capitão-de-Fragata (FN) é designado para servir em *Camp Lejeune*, na *Second Marine Division* (2nd *MarDiv*), ao passo que um Major do USMC é indicado para servir dois anos no CFN.

A Base de Camp Lejeune

A Base de *Camp Lejeune* está localizada na cidade de Jacksonville, Carolina do Norte, sendo a sede da *II MEF* (*Marine Force Expeditionary*), com suas 62 Unidades Operativas e aproximadamente 40.000 Marines.

Com a extensão de 18 km de litoral junto ao Oceano Atlântico, a Base de *Camp Lejeune* ocupa uma área relativamente plana de 631,31 Km² (o equivalente a quase 20 vezes o tamanho do bairro da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro), disponibilizando uma ampla estrutura para adestramento: 34 posições de tiro, 50 zonas de desembarque (tática), 80 linhas de tiro para armas portáteis, 01 polígono de tiro para armas de tiro indireto (obuseiro 155mm) para o adestramento da aviação (com munição inerte) há, ainda, 03 pistas de combate em localidade (*Combat Town*, *MOUT Facilities* e *Mobile MOUT*), 01 instalação simulando

uma Base Militar Avançada, 01 área para adestramento de helicópteros e 01 praia de desembarque, o que facilita sobremaneira o treinamento pré-*deployment* das Unidades Operativas.

Além disso, a Base oferece aos militares que aqui servem todas as facilidades possíveis de um país desenvolvido, tais como: residência as praças solteiras (de Soldado a 3^o Sargento) são obrigados a morar nos alojamentos das Unidades, existindo casas para os casados (não há para todos os militares), supermercado, escolas (creche, ensino fundamental e ensino médio), hospital (com farmácia), bancos, hotéis, biblioteca, loja de departamento, praças de alimentação, correio, oficina mecânica, postos de gasolina, agência de viagem, locadora de vídeos, clubes, academias de ginástica, quadras esportivas, piscinas, boliche, paintball, campo de golfe, marina e praia própria para banho.

Os Oficiais de Intercâmbio de Camp Lejeune (atualmente oriundos de 14 países) recebem uma casa dentro da Base, relativamente mobiliada com móveis de quarto e sala, cozinha (com geladeira, fogão e máquina de lavar louça) e uma lavanderia. A excelente casa conta com serviços de manutenção, o que, associado à segurança do local, proporciona um bom conforto para a família do Oficial.

O efetivo que aqui serve com suas respectivas famílias somados aos funcionários empregados nos serviços disponibilizados, formam a uma comunidade de 150.000 pessoas no interior da Base, gerando um comércio em torno de 3 bilhões de dólares a cada ano, decorrentes das folhas de pagamento e dos contratos realizados pela Base (todos os serviços são terceirizados, inclusive uma Empresa de Defesa que apóia as instruções). A Base de *Camp*

Prédio da II MEF e da 2d MarDiv





Pista de Combate em Localidade (*Combat Town*), onde as Unidades se adestram, utilizando munição *SIMUNITION*.



Pista de Combate em Localidade (*Mobile MOUT*), montada em estrutura de containers, simulando ambiente do Afeganistão.



Comissary e MCX, dentro da Base Brewster Middle School



Casa do Oficial Brasileiro em *Camp Lejeune*

Lejeune recebeu o prêmio de Instalação por Excelência nos últimos 5 anos consecutivos, pela efetividade no gerenciamento de seus meios e no desenvolvimento de Programas de Qualidade para cumprir a missão de prover Forças Expedicionárias em prontidão operativa.

Jacksonville

Jacksonville, cidade do Estado da Carolina do Norte (costa leste), no Condado de Onslow, possui uma economia basicamente agrícola. Distante 1.025Km de Orlando - Flórida (ao sul), 565Km de Washington-DC (ao norte) e 4.220Km de San Diego - Califórnia (à oeste), possui estações do ano bem definidas, com um clima bastante variado. No inverno apresenta temperaturas em torno de 5°C (41°F), 22°C (72°F) na primavera e verão em torno de 34°C (97°F).

A cidade de Jacksonville-NC vive basicamente em função dos *Marines* que servem em *Camp Lejeune* e suas famílias. Dispõe das lojas tradicionais das cidades americanas, normalmente instaladas num eixo principal, tais como *WALMART*, *FOOD LION*, *TARGET*, *BEST BUY*, *SEARS*, *JCPENNY*, *STAPLES*, *LOWES*, *TOYS“R”US*, alguns restaurantes (*RED LOBSTER*, *OUTBACK*, *TEXAS*, *APPLEE BEES*, *GOLDEN CORRAL*), todos os tipos de lanchonetes fast food (*MCDONALD’S*, *BURGER KING*, *WENDY’S*, *SUBWAY*, *KFC*) diversas lojas de carros, os chamados *dealers*, entre outros serviços.

II MEF

O *USMC* organiza suas Forças Operativas para o combate em *MAGTF* (*Marine Air-ground Task Force*), que podem ser empregadas como parte de uma Força Naval Expedicionária ou como parte de uma grande Força-Tarefa Combinada ou Conjunta.

A estrutura organizacional da *II MEF*, é composta basicamente por um Grupo de Combate Terrestre (2nd MarDiv – na qual o Oficial de Intercâmbio brasileiro está inserido e onde é o único Oficial estrangeiro), um Grupo de Combate Aéreo (2nd MarAircraftWing), um Grupo Logístico (2nd MLG), um Comando de Brigada Anfíbia, quando ativado (2nd MEB), três Comandos de Unidades Anfíbias (22nd, 24th e 26th MEU) e um Grupo de Apoio ao Comando da MEF (II MEFHG), ressaltando que o *USMC* possui ainda a I MEF em *Camp Pendleton*, na Califórnia e a III MEF, em *Okinawa*, no Japão, as quais possuem estruturas organizacionais bastante semelhantes.

Atualmente, a *II MEF* está com 62% de seu efetivo empregado em missão real, principalmente no Iraque (com a previsão do início da retirada das tropas para 2010), no Afeganistão, onde ampliou seu contingente em abril de 2009 para um *RCT* (*Regiment Combat Team*) com o emprego da *II MEB* (efetivo total de aproximadamente 15.000 militares); assim como emprega 22nd MEU no Mediterrâneo, onde está retomando o foco para Operações Anfíbias, Evacuação de Não-combatentes, Segurança de Embaixada e missões de Assistência Humanitária.

ABREVIATURAS

MC	Marine Corps	AA	Amphibious Assault
II MEF	II Marine Expeditionary Force	LAR	Light Armored Reconnaissance
2d MarDiv	2d Marine Division	Recon	Reconnaissance
MLG	Marine Logistic Group	CLR	Combat Logistics Regiment
MEB	Marine Expeditionary Brigade	CLB	Combat Logistics Battalion
MEU	Marine Expeditionary Unit	Bn	Battalion
II MEFHG	II Marine Headquarter Group	Coy	Company
ANGLICO	Air Naval Gunfire Liaison Company	Plt	Platoon

Iraque



“Base Aérea de AL ASAD – Soldados da 1ª Companhia do Batalhão de Comando, da 7ª Divisão do Exército Iraquiano, desembarcam rapidamente do helicóptero CH-53E do USMC, durante treinamento de Assalto Helitransportado. Iraque, 08 de abril de 2009.”

Afganistão



“Marines se abrigam para uma detonação controlada de explosivos durante uma Operação de Combate numa vila abandonada de Now Zad, Província de Helmand. Afeganistão, 03 de abril de 2009.”

USMC

O USMC conta atualmente com um efetivo de 198.505 militares no serviço ativo (20.188 oficiais e 178.317 praças) e mais 40.000 em reserva, estando num processo de aumento de pessoal da ativa para 202.000 militares até 2010.

Em sua previsão para 2025, o Comandante-Geral do USMC projetou o Corpo para que seja a principal Força Expedicionária dos EUA. A fim de que a sua utilidade operacional para os *Combatent Commanders* seja aumentada, o Corpo deverá ter seu emprego focado na prevenção, possuir equipamentos “leves”, ser versátil em suas capacidades, possuir uma consciência inovadora e ampliar sua dependência na Força Naval. “...uma Força em prontidão deve ser bem treinada, amplamente instruída e adequadamente equipada para ser empregada em todos os espectros do combate.”, esclarece o General James T. Conway, Comandante-Geral do USMC.

O intercâmbio junto ao USMC

Sob orientação do Comando-Geral do CFN, são realizadas pesquisas sobre assuntos considerados relevantes para a Marinha do Brasil, principalmente em aspectos de recursos humanos, do material e doutrinário. A possibilidade de acesso à Intranet, periódicos e documentos internos do USMC permite também o acompanhamento de novidades e a obtenção de conhecimentos que podem ser de interesse para a MB, especificamente para o CFN.

Durante o ano de permanência como *Brazilian Exchange Officer*, o Oficial de Intercâmbio, trabalhando no Estado-Maior da 2ª MarDiv, tem a oportunidade de observar exercícios, acompanhar adestramentos e visitar Unidades do USMC e da NAVY, o que permitindo a ampliação da sua visão profissional, assim como o contato com novas informações e experiências nos níveis tático e operacional.

Além das visitas às Unidades Operativas locais, são realizadas normalmente as seguintes visitas fora de *Camp Lejeune*, as quais ampliam sobremaneira a visão do Oficial de Intercâmbio:

- MARFORCOM / USJFCOM, em Norfolk, na Virginia;
- Centro de Recrutamento de *Parris Island*, na Carolina do Sul;
- Base Logística de *Albany*, na Georgia;
- Centros de Ensino, em *Quantico*, na Virginia; e
- quando possível, o treinamento das Unidades Operativas no deserto de *Mojav Viper*, em *29 Palms*, na Califórnia.

Durante esses primeiros seis meses de intercâmbio, dois aspectos bastante marcantes foram observados: o profissionalismo com que os *Marines* desempenham todas as suas atividades (independentemente da dimensão da faina) e, principalmente, o foco bastante orientado para a atividade fim: O COMBATE.

Todos os treinamentos são extremamente intensos, durante os quais absolutamente todos os *Marines* são submetidos às mesmas condições encontradas no Iraque



22nd MEU

“Aeronave MV-22B OSPREY do Marine Medium Tiltrotor Squadron 263 (reforçado), da 22nd Marine Expeditionary Unit, se aproxima para pousar no USS BATAAN, durante a Operação COMPTUEX, do Programa de Treinamento Pré-deployment da 22nd MEU. 06 de fevereiro de 2009.”

e Afeganistão, com o emprego dos mesmos meios disponíveis e com uma intensa exigência física.

Cabe ressaltar o lema do USMC de que todo Marine é um rifleman, com destaque para o Programa de Artes Marciais (MCMAP – Marine Corps Martial Arts Program) que todos os Oficiais e Praças realizam, com maior exigência nas Unidades de Infantaria.

Conclusão

O intercâmbio junto a uma Unidade Operacional do USMC que vive o “*real combat*” proporcionou a este Oficial FN um enriquecimento profissional imensurável, assim como a oportunidade de viver com sua família em um país estrangeiro, com uma qualidade de vida realmente muito boa.

Com relação ao CFN, o intercâmbio permite o acompanhamento das evoluções doutrinárias e do material empregado em combate, assim como os projetos em desenvolvimento. Respeitadas nossas restrições de meios e recursos orçamentários, nosso ambiente operacional e nossa cultura, algumas dessas novidades podem ser adotadas ou adaptadas aqui, de forma a atualizar e aperfeiçoar o Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil.

SEMPER FI

ADSUMUS!!!



CT(FN) Wagner Pinto Alves

Treinamento Físico Militar no CFN: Uma análise investigativa de novos métodos de treinamento

Melhor Monografia do CAOCFN/2008

Introdução

O Treinamento Físico Militar (TFM) entra como um componente indispensável para a eficiência operativa do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), pois é fundamental estar preparado fisicamente para comandar e atuar à frente de uma tropa. Em um conflito armado, os indivíduos são levados ao extremo de suas possibilidades e um bom condicionamento físico se faz necessário para suportar grandes marchas, terrenos de difícil transposição, como charcos e montanhas, o pesado equipamento individual, o calor intenso e, até mesmo, para sobrepujar o inimigo com a força física, se assim for necessário. Além disso, a atividade física proporciona bem-estar físico e mental, facilitando a execução de tarefas diárias, melhorando o relacionamento

interpessoal, permitindo uma maior produção de energia e controle da massa corporal e beneficiando o sistema imunológico. Os indivíduos aptos fisicamente são mais resistentes às doenças, se recuperam mais rapidamente de lesões do que pessoas não aptas e têm maiores níveis de autoconfiança e motivação.

Hoje em dia, uma parcela considerável da sociedade brasileira sofre com os males causados pelo sedentarismo e por hábitos alimentares irregulares, dentre os quais destacam-se: obesidade, doenças cardiovasculares, diabetes, osteoporose, depressão e maior morbimortalidade por qualquer causa. Tendo em vista que os militares do CFN constituem parte da sociedade brasileira e, dessa forma, estão sujeitos às mesmas influências socioculturais, o estudo do problema em tela contribuirá para que sejam



tomadas medidas necessárias que visem evitar a incidência de problemas de saúde semelhantes aos ocorridos no resto da sociedade. Além disso a melhoria da aptidão física contribui para o aumento significativo da prontidão dos militares e proporciona melhores condições para que os mesmos possam suportar o estresse debilitante do combate.

Dessa forma, justifica-se um estudo a cerca do aprimoramento do TFM no CFN, em que serão relacionados os programas de treinamento atualmente em uso nas unidades, apresentados novos métodos de treinamento e identificadas as possíveis melhorias no desempenho físico e na saúde dos militares com a adoção de uma nova sistemática de TFM.

Os atuais programas de treinamento em uso serão retirados do CGCFN-15 - Normas sobre Treinamento Físico Militar, Teste de Avaliação Física e Teste de Suficiência Física na Marinha do Brasil, edição 2009 e confrontados com os novos métodos sugeridos através da pesquisa na Internet e em material impresso por referências bibliográficas, de forma que possam ser identificados os possíveis benefícios fisiológicos de acordo com os estudos recentes.

Revisão Bibliográfica

A interação entre condicionamento físico, benefícios à saúde e prevenção de morbidades norteará essa revisão bibliográfica. As implicações e as possibilidades de como essas variáveis se influenciam, se explicam e interagem fazendo parte de um ramo do conhecimento já bastante explorado e com força no meio científico: a Fisiologia do Exercício.

Pesquisando a corrida como modalidade regular, Paula (1993) aponta os incontáveis benefícios aos sistemas cardiorrespiratório, muscular e nervoso se ela for executada sob orientação adequada. Karvonen (1996), sob a mesma ótica, destaca que quantidades moderadas de Atividade Física (AF) diminuem o risco de morbidade e que a realização da AF em si é uma forma de precaver-se dos problemas de saúde. Casaburi (2001) recomenda que AF moderada seja, por exemplo, caminhadas executadas 3 vezes por semana durante 30 minutos, podendo ser em esteiras ou bicicletas ergométricas. Pollock et al. (1998) reforçam esse ponto de vista evocando a disciplina aos princípios de regularidade e intensidade adequada da AF na prevenção da doença e na promoção da saúde.

McCartney (1999) apresenta uma revisão que avalie as respostas circulatórias agudas ao treinamento de resistência, utilizando técnicas de medidas intra-arteriais. Uma contração estática contínua de até mesmo um pequeno grupo muscular como os músculos do antebraço, apresenta uma carga de pressão para o coração, sendo caracterizada por um aumento moderado em Débito Cardíaco (DC), uma elevação significativa de Pressão Arterial (PA) e em mudança na resistência vascular periférica.

McCartney (1999), em relação aos fatores do treinamento resistido, afirma que as respostas circulatórias que foram encontradas são influenciadas pelo número de repetições, a carga absoluta e relativa à massa muscular envolvida. Fleck (1998), ainda, sobre respostas cardiovasculares do treinamento resistido, afirma que acontece uma hipertrofia

fisiológica na espessura da parede do ventrículo esquerdo, sendo a função sistólica e diastólica minimamente afetadas pelo treinamento de resistência, e que o volume sistólico e o DC são significativamente maior durante a fase excêntrica do que na concêntrica de uma repetição. E, ainda, Grossman (1980, p. 7), em revisão, conclui que “a hipertrofia cardíaca é uma adaptação fisiológica útil a um aumento da sobrecarga hemodinâmica ou do trabalho do miocárdio, sendo uma resposta consciente a pressão e volume aumentado”.

Para Santarém (1998), a eficácia do treinamento exige pesos relativamente elevados com poucas repetições, mas, desde que não se faça esforço absolutamente máximo que tenda para a isometria em apnéia, a pressão arterial aumenta dentro de níveis seguros. As repetições baixas, que normalmente são utilizadas no treinamento com pesos, produzem discreto aumento da frequência cardíaca. Além disso, os intervalos para descanso muscular entre as séries fazem com que a frequência cardíaca volte quase aos níveis de repouso antes do novo esforço.

Em muitos estudos, relacionando profilática ou terapeuticamente a atividade física com a depressão, não é possível uma investigação isolada desse distúrbio, pois ele, freqüentemente, se apresenta conjugado a outras manifestações psicopatológicas. Investigando comportamento de ratos de laboratório submetidos à natação forçada e labirinto elevado, Andreatini & Bacellar (1999) verificaram forte relação entre depressão e ansiedade nos animais submetidos ao experimento.

O exercício aeróbico tem sido utilizado como forma de terapia para pessoas depressivas não internadas em clínicas psiquiátricas. Stein & Motta (apud Becker)¹ estudaram, em 1992, os efeitos dos exercícios aeróbicos e anaeróbicos sobre a depressão de 89 estudantes universitários, que foram avaliados em um estudo de desenho pré-teste e pós-teste. Foram distribuídos aleatoriamente num dos 4 grupos: a) exercício aeróbico de natação; b) exercícios anaeróbicos com peso; c) atendimento em educação; d) grupo controle com nenhum exercício. As medidas utilizadas foram o Inventário de Depressão de Beck e o *Depression Adjective Check List*. Tanto os praticantes de exercícios aeróbicos como os de exercícios anaeróbicos apresentaram redução dos sintomas de depressão.

Palmer, em 1995 (apud Becker), estudou os efeitos psicológicos de um programa de 8 semanas de caminhadas sobre mulheres de 29 a 50 anos com problemas menstruais. Foram também controlados os parâmetros de pressão arterial, frequência cardíaca em repouso, tempo usado para percorrer uma milha, escores de auto-estima e depressão. Foi utilizado um grupo controle que não caminhou. O grupo que praticou caminhadas melhorou no rendimento (tempo de realização de 1 milha), pressão diastólica e aumentou os escores de auto-estima, comparado ao grupo controle.

Thoren et al. (apud Becker) afirmam que um prolongado exercício rítmico pode ativar o sistema central de opióides, originado pelo aumento da descarga das fibras

nervosas mecânico-sensitivas aferentes, determinado pela contração dos músculos esqueléticos. A revisão das investigações evidencia que muitos dos efeitos cardiovasculares, analgésicos e condutuais do exercício são mediados por esse mecanismo. Baseado nessa hipótese e apoiado em evidências de estudos com humanos e animais, os autores apontam o potencial do exercício para o tratamento da dor, ansiedade, depressão, hipertensão, anorexia nervosa, bulimia, alcoolismo e adição a drogas em geral.

Os Programas de Treinamento Atuais

Constantes do CGCFN-15, os programas de treinamento atuais foram desenvolvidos com base em princípios científicos, observando-se as diferenças de sexo, o nível de condicionamento físico e as faixas etárias.

Treinamento de Força

Atualmente, recomenda-se sobre um programa de treinamento de força (TF) uma frequência de 3 a 5 vezes por semana, com 5 a 12 exercícios que contemplem todos os grupos musculares com cargas que envolvam percentuais entre 60% a 85% da carga máxima do indivíduo, desenvolvidos de 1 a 3 séries, de 8 a 20 repetições. Também são sugeridos trabalhos específicos de fortalecimento do core, ou seja, para as musculaturas mais profundas da região pélvica que devem ser trabalhadas, de preferência, em plataformas de instabilidade, em conjunto com o treinamento de força tradicional. Com o objetivo de tornar a sessão mais eficiente, aconselha-se o treinamento em circuito, com estações que envolvam os principais grupos musculares. Tal circuito deve conter de 6 a 12 estações, alternando o seguimento de trabalho (braço e pernas), podendo ser desenvolvido em conjunto com um ergômetro (bicicleta ou esteira) para otimizar o gasto energético. Seguem-se os métodos de treinamento:

Circuit Training

O treinamento em circuito tem sido utilizado para desenvolver o condicionamento cardiovascular e neuromuscular de indivíduos que necessitem de resistência aeróbia ou anaeróbia, resistência muscular localizada (RML), força explosiva, flexibilidade ou velocidade.

Treinamento de Resistência Muscular (TRM)

O TRM é um treinamento realizado em grupo, a pé firme, com duração aproximada de uma hora, para ambos os sexos, e deverá ser conduzido por um guia de TFM habilitado. Consiste na realização de séries de exercícios, uma para cada grupamento muscular do corpo, com variações de velocidade na execução, tempo de 5 minutos por série e cerca de 50 repetições.

Treinamento funcional

É um método que se baseia no princípio da instabilidade mecânica para gerar estímulo sensorio-motor (o equilíbrio é apenas um dos aspectos desenvolvidos).

¹ BECKER JR, Benno. Influência do exercício e esporte sobre a área emocional. Aula no Curso de Pós-graduação em Naturologia Aplicada. Universidade do Contestado, Concórdia/SC, 1998.

Musculação

Por ser uma atividade a ser desenvolvida individualmente, deverá ser orientada por profissionais de Educação Física da OM, os quais deverão estar habilitados para a montagem individualizada de sessões de treinamento.

Treinamento Cardiovascular

O treinamento de corrida deverá constar nos Programas de TFM com a frequência de, pelo menos, duas vezes na semana, sendo realizado nos espaços existentes nas OM ou em qualquer outro local. Seguem-se os métodos de treinamento:

Contínuo

Predomínio de volume. Busca-se a manutenção da intensidade durante todo o percurso.

Intervalado

Parâmetros comuns: "ETRIA"

- Estímulo: tiros, arrancadas e outros gestos esportivos;
- Tempo: de segundos até 5 minutos. A duração é vinculada ao sistema energético trabalhado;
- Repetições: dependerá da qualidade física trabalhada, indo de 10 a 60 repetições;
- Intervalo: permitir recuperação incompleta, estar vinculado ao metabolismo trabalhado. Descanso fixo: fase preparatória – nadar dentro do intervalo: fase específica.
- Ação no intervalo: ativa, recuperadora ou ativadora e passiva.

Métodos fracionados

Aplicação de um segundo estímulo após a recuperação quase total dos efeitos do primeiro. Dois tipos básicos: sprints ("tiro" curto e veloz) repetidos e corridas repetidas.

Métodos em circuito

Método misto usado para o desenvolvimento neuromuscular, cardiorrespiratório e psicocinético. Pode ser utilizado para qualquer um dos sistemas energéticos, dependendo dos estímulos e intervalos. Engloba exercícios que permitam sua execução por várias pessoas, simultaneamente, incluindo atletas em repouso ativo. Cada estação é precedida de um tempo de recuperação ativa.

Métodos adaptativos

Buscam além dos efeitos fisiológicos normais, uma adaptação a estresses específicos, como ausência de O₂ (*hypoxic-training*) e treino em altitude. A hipóxia produz aumentos na difusão de O₂ tecidual (capacidade aeróbica) e aumenta os níveis de CO₂ (capacidade anaeróbica). Apnéias menores que 10 segundos.

O trabalho em altitude permite desenvolver resistência aeróbica e anaeróbica. Cumpre destacar que o O₂ disponível nas altitudes é o mesmo que ao nível do mar, sendo que suas moléculas encontram-se mais afastadas. Esse treino aumenta o número de globinas carregando CO₂, diminuindo a quantidade de O₂ no sangue arterial. A adaptação do organismo consiste em aumentar a hemoglobina.

A altitude vai atuar como uma carga. As altitudes devem ser superiores a 1500 metros.

Treinamento em Bicicleta Ergométrica

Realizado em Bicicleta Estacionária.

Treinamento de Natação

O programa de TFM deverá prever a natação pelo menos duas vezes na semana, em dias não consecutivos, em cada um dos quais, o militar deverá nadar pelo menos 500 m, em formas variadas de treinamento.

Treinamento de Caminhada

Pode ser executado por militares de ambos os sexos.

A obesidade só será considerada como restrição à corrida para indivíduos com IMC superior a 30 e percentual de gordura considerado muito ruim.

Turmas de TFM

A divisão da tripulação em turmas de TFM visa adequar a intensidade das atividades do programa de TFM à capacidade física dos militares avaliados. Para tal, será usado como parâmetro o ritmo (tempo em minutos e segundos por quilômetro percorrido), verificado no TAF de corrida.

Exercícios de aquecimento e ginástica preparatória sempre deverão preceder a corrida.

Sugere-se ainda, para fins de aplicação da intensidade de treinamento, que as turmas sejam subdivididas por sexo e faixa etária.

Novos Métodos de Treinamento

Aspectos Motivacionais

Tendo em vista que resultados fisiológicos benéficos somente serão possíveis com a prática regular do TFM, os aspectos motivacionais que impulsionam os praticantes aos treinamentos revertem-se de fundamental importância.

Segundo Samulski (2002), a motivação para a prática esportiva depende da interação entre a personalidade (expectativas, motivos, necessidades, interesses) e fatores do meio ambiente, como facilidades, tarefas atraentes, desafios e influências sociais. No decorrer da vida de uma pessoa, a importância dos fatores pessoais e situacionais acima mencionados, pode mudar, dependendo das necessidades e oportunidades atuais.

Vários pesquisadores como Becker (2000), Samulski (2002) e Gould & Petlichkoff (1988), analisaram os motivos pelos quais as pessoas se envolvem em programas esportivos. Destacam-se os seguintes:

- Ter alegria;
- Aperfeiçoar suas habilidades e aprender novas;
- Praticar com amigos e fazer novas amizades;
- Adquirir forma física; e
- Sentir emoções positivas.

Percebemos que tais motivos se encaixam melhor no universo dos esportes coletivos, os quais ainda promovem a socialização, a cooperação, a lealdade, a criatividade, o espírito de equipe e a autonomia de seus praticantes. Tomemos como exemplo o voleibol, que nas últimas décadas foi o esporte que mais se popularizou. Hoje, o voleibol é o segundo esporte mais praticado no Brasil. “As recentes conquistas das seleções brasileiras e o patrocínio de grandes empresas fizeram com que sua popularidade crescesse de maneira considerável na última década. Sua prática ocorre tanto na forma recreativa e de lazer, quanto profissional”, diz Bojikian (1999, p.17). Essa popularização trouxe ao conhecimento do público, através da mídia esportiva, algumas especificidades do voleibol que apaixonam a quem gosta de esporte: nele, a atuação coletiva se sobrepõe à individual. Por não poder ser retida, a bola deve ser passada rapidamente para os companheiros, da melhor forma possível. Um bom passe facilita um bom levantamento, que por sua vez, se for de boa qualidade, favorecerá a uma boa cortada e assim sucessivamente. A ação de um praticante depende daquela feita pelo companheiro que o antecedeu, o que obriga sempre a um torcer pelo êxito do outro. Cada componente de uma equipe é dependente dos demais e isso traz um processo de socialização natural e obrigatório. Segundo Machado (1997), existem muitos motivos responsáveis pelo bom desenvolvimento e desempenho na aquisição e manutenção de habilidades. Geralmente, as atividades que requerem maior participação, com mais movimentos, concentram maior número de motivos dos envolvidos, fazendo com que tenham maior interesse e desafios, o que por si só já é estimulante e motivador.

Modalidades

Como vimos anteriormente no Capítulo II, o CGCFN-15 não contempla seus programas de treinamento com esportes coletivos, o que pode desmotivar os militares quanto à prática do TFM. Dessa forma, com base nos estudos acima mencionados, podemos afirmar que os esportes coletivos tendem a atrair um maior número de praticantes por suas características mais ligadas ao divertimento e ao lazer. Por isso, sugerimos nesse estudo a adoção da prática de algumas modalidades (futebol, voleibol, basquete e rugby), no mínimo duas vezes por semana, além do aumento do tempo destinado ao TFM, passando a ser composto por dois períodos de 45 minutos conforme o exemplo abaixo:

Tempos	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
1º T (45 min)	TF	NAT	TF	NAT	TF
2º T (45 min)	COR	ESP	COR	ESP	COR

Legenda: TF – Treinamento de Força
NAT – Natação

COR – Corrida
ESP – Esportes Coletivos

Futebol

O futebol de campo é uma atividade complexa, que exige do jogador o desenvolvimento de capacidades físicas, motoras e psíquicas por conta de uma variação de exigências motoras dinâmicas, em que os atletas precisam estar preparados física, técnica e taticamente. (BALIKIAN, 2002, p.31).

Os preparadores físicos e fisiologistas têm priorizado no início do treinamento, uma grande estimulação aeróbia dinâmica geral de longa duração, visando o desenvolvimento da aptidão cardiorrespiratória, acreditando ser esta uma importante base para o desenvolvimento de capacidades mais específicas como velocidade, resistência muscular local aeróbia e anaeróbia, força rápida, resistência de força rápida, flexibilidade, coordenação e etc.

Voleibol

O voleibol é um esporte caracterizado, segundo Barbanti (1994), citado por Massa et al. (2003), por seu trabalho físico dinâmico, com intensidade variada, em que ocorrem períodos de esforço físico e períodos de pausa. É uma atividade bastante complexa, exigindo perfeição na execução das habilidades, bem como características físicas específicas.

Segundo Suvorov (1998) e Grishin (1998), o voleibol se destaca pelo desenvolvimento das qualidades motrizes como velocidade, flexibilidade e resistência aeróbia, além da força, para que possam dominar os hábitos motores do jogo.

Basquete

Uma das grandes exigências do basquete, de acordo com Rossini Jr. (2001), são as capacidades motoras e as possibilidades funcionais dos jogadores como corridas intensas, saltos, combinações de movimentos e situações de jogo que exigem rapidez, resistência, força, destreza, flexibilidade e agilidade.

Hercher (1982) e Daiuto (1974) afirmam que é de fundamental importância desenvolver as capacidades físicas dos jogadores, aumentando as possibilidades funcionais da força, velocidade, resistência, agilidade, respeitando os processos de recuperação do organismo através de períodos de repouso. Para os autores, o próprio jogo desenvolve essas aptidões, mas o aprimoramento deve também acontecer fora da quadra.

Rugby

O Rugby estimula o trabalho em equipe, compreensão, cooperação além de respeito para com atletas adversários companheiros. As recompensas são como sempre foram, os prazeres de participar de um esporte; a coragem e habilidade que o jogo exige; o amor por um esporte coletivo que enriquece a vida de todos os envolvidos; e as amizades forjadas para sempre através do interesse compartilhado pelo jogo.

Dentro do campo, abnegação e espírito de equipe são essenciais; não é um esporte que favorece o egoísmo, pois cada ponto marcado é resultado de um esforço conjunto de todos no time. Além do trabalho em equipe, os valores claros de disciplina e ética, juntamente com as regras rígidas, impedem que o esporte, naturalmente viril e com bastante contato físico, se torne violento.

É através de disciplina, controle e respeito mútuo que o espírito do jogo floresce e, no contexto de um jogo fisicamente desafiador como o rugby, estas são as qualidades que moldam o companheirismo e senso de jogo limpo (“fair play”) essenciais para o contínuo sucesso e sobrevivência do esporte.

Apresentação dos Benefícios

Melhorias no Desempenho Físico e na Saúde dos Militares

Neste capítulo abordaremos os principais benefícios e ganhos fisiológicos promovidos pelas atividades físicas cardiovasculares e neuromusculares preconizadas no CGCFN-15, edição 2009, caso venham a ser praticadas de forma regular, por todos os militares, conforme a proposta motivacional de inclusão de esportes coletivos sugere.

O Treinamento Cardiovascular

O treinamento cardiovascular é baseado em atividades físicas realizadas, normalmente, por meio de exercícios de cargas contínuas ou intermitentes, de intensidades fracas ou moderadas, que buscam desenvolver a capacidade de trabalho do sistema cardiovascular. Dentre os métodos sugeridos pelo CGCFN-15, a corrida contínua, o treinamento intervalado aeróbico, os métodos fracionados, os métodos em circuito, os métodos adaptativos e os esportes coletivos, produzirão os ganhos fisiológicos necessários ao aprimoramento da condição física total do militar, que minimizará os efeitos do stress sobre o processo decisório em combate.

A corrida contínua é um método de treinamento de cunho aeróbico, que desenvolve principalmente a resistência e a potência aeróbica, bem como a resistência aeróbica muscular localizada e, secundariamente, a resistência anaeróbica. As principais alterações fisiológicas da corrida contínua que auxiliam no combate ao stress podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Maior volume de ejeção do coração
Maior captação e melhor distribuição do oxigênio
Maior capacidade glicolítica
Aumento na oxidação de gorduras
Maior conteúdo de mioglobina
Maior oxidação do glicogênio muscular
Aumento no número e no tamanho das mitocôndrias
Maiores reservas musculares de glicogênio
Maiores reservas musculares de triglicerídios
Maior disponibilidade de gorduras como combustível
Maior atividade enzimática na ativação, no transporte e na desintegração dos ácidos graxos
Redução da pressão arterial
Aumento da ventilação-minuto máxima

Quadro 1 – Efeitos fisiológicos da corrida contínua no combate ao stress. Fonte: adaptado de FOSS; KETEVIAN, 2000

O treinamento intervalado aeróbico é uma atividade física individual que estimula o sistema aeróbico do militar

por curtos períodos de tempo, em situação próxima à capacidade máxima de consumo de oxigênio, seguido por um intervalo de recuperação.

A corrida intervalada aeróbica é um método de treinamento que desenvolve as resistências aeróbica e anaeróbica por meio da aplicação de cargas de intensidade moderada, até o limiar anaeróbico. Pode-se dizer que, quanto maior a intensidade, maiores serão as adaptações fisiológicas decorrentes do exercício. Os ganhos fisiológicos que se pretende adquirir com o método de corrida intervalada aeróbica estão descritos no quadro 2.

Hipertrofia cardíaca e aumento nas cavidades do coração
Menor frequência cardíaca basal
Maiores reservas musculares de glicogênio
Maior débito sistólico
Aumento no VO2 máx
Aumento do limiar anaeróbico
Maior capacidade do sistema ATP-PC
Maiores reservas musculares de ATP e PC
Maiores atividades das enzimas para a renovação do ATP
Maior capacidade glicolítica
Aumento nas atividades das enzimas glicolíticas
Aumento da capacidade aeróbica igual em ambas as fibras
Aumento na capacidade glicolítica maior na fibra de contração rápida
Hipertrofia muscular seletiva

Quadro 2 – Efeitos fisiológicos da corrida intervalada aeróbica no combate ao stress. Fonte: adaptado de FOX, 1991, p. 245

Os esportes coletivos são atividades desenvolvidas de forma atraente, ou seja, de maneira que o executante sinta prazer ao executá-las, dentro da idéia de competição e de acordo com uma regra própria. São atividades que proporcionam momentos agradáveis de descontração, e desenvolvem atributos da área afetiva que irão contribuir, no aspecto psicossocial, para uma postura mais confiante diante de estímulos estressores em geral.

O aspecto competitivo dessas atividades físicas está intimamente ligado à coletividade. O militar em uma sessão desportiva de TFM, é impelido à disputa contra outros desportistas, sendo o gol, o ponto, a jogada que desequilibra a defesa adversária, ou a simples sensação de fazer parte da coletividade, uma motivação que leva o militar a obter ganhos expressivos na área afetiva, tornando-o mais confiante. As principais qualidades morais desenvolvidas pelos desportos estão apresentadas no quadro 3.

Camaradagem	Disciplina
Espírito de corpo	Espírito de luta
Estabilidade emocional	Lealdade
Sociabilidade	Liderança

Quadro 3 - Principais qualidades morais desenvolvidas pelos desportos. Fonte: adaptado de BRASIL, 1990, p.7-6

O militar é um ser competitivo por natureza. A adoção de práticas desportivas semanais incrementará o espírito competitivo do combatente, melhorando a auto-estima e preparando o organismo para reagir positivamente aos estímulos estressores.

O Treinamento de Força

O treinamento de força é baseado em atividades físicas realizadas, normalmente, por meio de exercícios localizados, de intensidade variada, que buscam desenvolver a capacidade de trabalho da musculatura em geral. Busca desenvolver a musculatura de forma a incrementar ganhos fisiológicos que irão permitir o aumento da massa muscular e conseqüente aumento da capacidade de armazenagem glicolítica.

Dentre os métodos sugeridos pelo CGCFN-15, acredita-se que o Treinamento de Resistência Muscular (TRM), a musculação, e o treinamento em circuito produzirão os melhores ganhos fisiológicos no sentido do aumento da massa muscular.

O TRM é uma atividade física que visa aprimorar o condicionamento físico do militar por meio de exercícios localizados e de efeito geral, desenvolvendo, predominantemente, as qualidades físicas de coordenação, flexibilidade, resistência aeróbica e resistência aeróbica localizada.

A musculação é um tipo de exercício resistido, com variáveis de carga, amplitude, tempo de contração e velocidade controláveis. Com tanta versatilidade, pode ter como objetivos o aumento da força e da massa muscular, diminuição do peso e percentual de gordura corporal, melhoria do condicionamento físico e da performance esportiva, bem como o aumento da resistência muscular.

O treinamento em circuito é uma atividade física com implementos que permite desenvolver os sistemas cardiovascular e neuromuscular, pela execução ordenada de exercícios intercalados com corridas estacionárias (repouso ativo). Desenvolve qualidades físicas como a coordenação, resistência aeróbica, resistência aeróbica localizada, resistência anaeróbica e a resistência anaeróbica localizada.

Treinamento de Natação

Dentre seus benefícios, podemos destacar:

- Melhora da postura, alongando e fortalecendo toda a musculatura;
- Aumento da capacidade respiratória;
- Aumento da resistência do organismo;
- Ajuda na prevenção e recuperação de algumas doenças, como hipertensão, asma, bronquite, problemas ortopédicos e etc;
- Ativação do sistema neuromuscular; e
- Relaxamento e combate do stress.

Considerações Finais

Baseado nos resultados produzidos por este estudo e apoiado na literatura preexistente, pode-se concluir que:

1 - No tocante aos programas de treinamento atualmente em uso nas unidades do CFN, constatamos que encontram-se muito bem estruturados e caso sejam seguidos conforme o planejado, beneficiarão em muito o condicionamento físico e o bem-estar de seus praticantes, além de agir

na prevenção de várias doenças. Contudo, cabe ressaltar que a falta de atividades recreativas, bem como dos esportes coletivos, reconhecidos como agregadores e formadores de espírito de equipe, pode contribuir para a desmotivação quanto à prática do TFM, o que explicaria o surgimento de um comportamento prejudicial de parte dos militares que acabam por buscar os mínimos do TAF, praticamente não evoluindo fisicamente e, em alguns casos, até piorando.

2 - Quanto à apresentação de uma nova abordagem e novos métodos de treinamento, focamos o estudo na adesão voluntária ao TFM através dos aspectos motivacionais apresentados, em que pudemos verificar que os esportes coletivos tendem a atrair um maior número de praticantes por suas características mais ligadas ao divertimento e ao lazer. Por isso, sugerimos a adoção da prática de algumas modalidades (futebol, voleibol, basquete e rugby), no mínimo duas vezes por semana, além do aumento do tempo destinado ao TFM, passando a ser composto por dois períodos de 45 minutos.

3 - Na identificação das possíveis melhorias no desempenho físico e na saúde dos militares do CFN com a adoção de uma nova sistemática de TFM, cabe ressaltar que baseamo-nos nos benefícios advindos da prática regular dos programas atuais, cuja frequência aumentaria em função da adição dos esportes coletivos, conforme nossa pesquisa dos aspectos motivacionais constatou. Resumidamente, podemos destacar os seguintes benefícios:

- Bem-estar físico, melhora da auto-estima e redução de níveis de ansiedade e depressão, auxiliando no relaxamento e no sono;
- Maior disposição para as atividades diárias e melhor produtividade no trabalho;
- Atuação no controle sobre vários fatores de risco coronariano, tais como: cansaço emocional, obesidade (redução do peso gordo), hiperlipidemias (níveis elevados de colesterol e triglicerídeos no sangue), sedentarismo, hipertensão arterial, diabetes e outros;
- O coração fica com a capacidade de bombear mais sangue, com um menor número de batimentos, fazendo com que a frequência cardíaca e a pressão sanguínea se tornem mais baixas, melhorando assim a circulação do sangue e aumentando as capacidades aeróbica e anaeróbica;
- Melhora da aptidão física, com aumento da força, flexibilidade e controle de peso;
- Aumento da capilarização dos tecidos pelo sistema circulatório;
- Aumento da capacidade de absorver e utilizar oxigênio (melhora da capacidade aeróbica);
- Fortalecimento do sistema esquelético, articulações e músculos;
- Aumento da capacidade pulmonar, possibilitando um melhor aproveitamento do oxigênio, com menos esforço;
- Melhora na capacidade de retirada do ácido láctico, aumentando a capacidade anaeróbica.

Em face das conclusões apresentadas, tornam-se convenientes duas recomendações:

1 - É necessária a formulação de uma política de valorização da atividade física no CFN, criando estratégias de aderência e controle dessa prática, conscientizando seus integrantes dos benefícios advindos dessa atividade e buscando tornar o TFM agradável, sendo feito de forma regular e voltado para a individualidade biológica.

2 - É necessária uma reestruturação do conceito atual de alimentação na Marinha do Brasil, incluindo particularmente as fases de planejamento de cardápios, preparo e

manipulação do alimento, mas não excluindo as demais fases. Para isso, torna-se de fundamental importância que profissionais habilitados (nutricionistas) estejam à frente desse processo. Se não for possível a contratação de pessoal qualificado para todas as OM, que pelo menos esses profissionais coordenem um grupo de OM, ou que as cozinhas se tornem centralizadas e industriais, como vem ocorrendo com a Força Aérea Brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - estão disponíveis na Revista Âncoras e Fuzis eletrônica, no site www.ciasc.mil.br



CF (FN) Alexandre Aballo Nunes
aballo@ciasc.mar.mil.br

Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo - Escola de Operações de Paz

A Escola de Operações de Paz do Corpo de Fuzileiros Navais (EOPAZ), subordinada ao CIASC, é composta de uma estrutura permanente, contando, para o desempenho de suas tarefas, com um banco de dados atualizado de militares capacitados, pertencentes a outras OM do CFN, que serão empregados, com elevado grau de prioridade, nas instruções e demais atividades afetas ao tema Operações de Paz.

O Memorando nº 1/CGCFN de junho de 2009 apresenta outras medidas que visam impulsionar e priorizar o funcionamento da EOPAZ, a fim de bem cumprir a ORCOM-O-3 e a ORISSET AD-D-02 no que tange a incrementar e aprimorar as atividades da EOPAZ, de modo a torná-la referência no processo de preparação dos Observadores Militares da ONU e Supervisores/Monitores das Missões de Desminagem Humanitária, além de apoiar a preparação dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) a serem enviados para as Missões de Paz.

Tarefas da EOPAZ

As principais tarefas da EOPAZ são:

- Consolidar o conhecimento e as experiências adquiridas;
- Ministrar o Curso Especial de Oficiais de Estado-Maior e Observadores Militares da ONU (C-ESP-OfEMObsMilONU);
- Ministrar a disciplina OpPaz no CAOCFN e em outros cursos, conforme necessário;
- Participar das atividades ligadas ao convênio do programa PRO-DEFESA;



- Participar das atividades das Asociación Latinoamericana de Centros de Entrenamiento para Operaciones de Paz (ALCOPAZ);
- Intensificar o intercâmbio com EGN e com a Seção de Operações de Paz da FFE nos assuntos de interesse;
- Consolidar um banco de dados de oficiais e praças, com suas respectivas experiências em Operações de Paz;
- Consolidar um amplo dossiê com todas as atividades ligadas às Operações de Paz em andamento e já realizadas no âmbito da Marinha do Brasil (MB) e do CFN em especial;
- Realização de painéis e jornadas sobre as atividades de oficiais em eventos ligados às Operações de Paz, com a participação da FFE e de outros setores interessados;
- Atuar em apoio ao Centro de Estudos do CFN, na consolidação e divulgação das Lições Aprendidas, abrangendo os dados obtidos junto aos últimos contingentes;
- Interagir com as instituições civis, especialmente as envolvidas no PRO-DEFESA, promovendo a participação de professores e alunos em nossos cursos e vice-versa;

- Acompanhar proativamente todas as atividades ligadas às Operações de Paz em andamento; no país, quando possível, participar das mesmas por meio de representante;
- Adotar quaisquer outras medidas julgadas pertinentes e que possam contribuir para a consolidação e a divulgação do nome da Escola de Operações de Paz do CFN e de todas as atividades ligadas às Operações de Paz.

Atividades desenvolvidas em 2009

Jornadas de Operações de Paz

No dia 13 de abril de 2009, foi realizado no CIASC, a **I Jornada de Operações de Paz** que contou com a participação de alunos dos cursos de graduação, mestrado e doutorado da PUC-RJ e UFRJ, além de militares do CFN, aos quais atribuem-se o exercício de cargos ligados à área de Operações de Paz.

Ao longo da jornada, foram laboradas quatro palestras conforme abaixo discriminado:

- Prof. Dr. Kai Michael Kenkel (IRI-PUC/RJ) – Tema: Aspectos relativos ao Haiti e à MINUSTAH;
- CC (FN) Dirley – Tema: A Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental;
- CC (FN) Jayme Pedrosa – Tema: Os Direitos Humanos, os militares e as operações de paz; e
- CF (FN) Aderne – Tema: Seminário Executivo de Operações de Paz do Colégio Interamericano de Defesa.

O CIASC promoveu nos dias 26 e 27 de agosto de 2009, a **II Jornada de Operações de Paz**, com o propósito de discutir os aspectos mais relevantes da atuação do 10º Contingente do CFN na MINUSTAH.

Temas das palestras

- Missões multi-dimensionais: impactos no nível tático.
- Assuntos Civis: ACISO X OPERAÇÕES CIVIS-MILITARES.
- BFNHARQ: desafios de transferir e operar uma base no exterior.
- Capacidade Expedicionária de médio e longo prazo: o CFN está preparado?
- GptOpFuzNav: qual a melhor organização para o combate nos casos de missões de estabilização de longa duração com outras forças e países?
- GptOpFuzNav: qual a melhor subordinação na estrutura do MINUSTAH?
- GptOpFuzNav-Haiti: reconhecimento institucional.
- Incidente na Catedral: estudo de caso.
- Situação atual da missão.

Seminário de Operações de Paz

O *Seminário de Operações de Paz* foi realizado no CIASC nos dias 16 e 17 de novembro deste ano, envolvendo todos os participantes do Programa Pró-Defesa. Tal evento teve grande importância para a divulgação da MB nas Operações de Paz, pois contou com a presença de renomadas personalidades como palestrantes, brasileiros e estrangeiros, vários professores e pesquisadores universitários com profundo conhecimento no assunto e muitos acadêmicos interessados no tema.

Com o propósito de divulgar ainda mais as atividades de cunho militar na MINUSTAH, foram planejados, nos dois dias do Seminário, um mostruário com os principais equipamentos utilizados pelo GptOpFuzNav-Haiti e uma demonstração com algumas atividades de caráter operativo a cargo da tropa.

Banco de Dados

Já foram iniciadas as entrevistas com os Oficiais designados para as Missões de Paz, bem como as entrevistas com Oficiais que retornam da missão. Nessa oportunidade, é feita uma apresentação sobre as principais atividades realizadas. Essas entrevistas permitirão o aprimoramento do Banco de Dados e ainda servirão para alimentar o Sistema de Lições Aprendidas.

Os militares têm sido acompanhados durante suas missões, havendo uma troca permanente de mensagens com a EOPazCFN, o que permite um acompanhamento das atividades em curso.

Cursos realizados no CIASC

De acordo com os novos currículos aprovados no corrente ano, o CIASC avançou mais uma vez e, nos períodos de 8 a 29 de setembro e 26 de outubro a 18 de novembro, ministrou importantes cursos como: o C-ESP-OfEMObsMILONU e o Curso Especial de Desminagem Humanitário (C-ESP-DesmHum).

Com o objetivo de preparar e contemplar as atividades a serem desempenhadas no decorrer das Missões, os cursos priorizaram as instruções práticas, não só para aumentar o dinamismo e o realismo do curso, mas principalmente para mostrar aos alunos as dificuldades que podem ser encontradas na área de operações e testar suas reações diante de cada situação.

O evento teve a participação de estudantes universitários nas atividades práticas do Curso de Oficiais de Estado-Maior e Observadores Militares da ONU, os quais atuaram como figurantes, conferindo maior realismo aos eventos criados.

Apoio ao processo de preparação dos contingentes do GptOpFuzNav-Haiti

Durante o primeiro semestre de 2009, ocorreram na Escola de Operação de Paz, quatro palestras que contribuíram

para a preparação do 11º Contingente, versando sobre os seguintes temas:

- 1 – Direito humanitário nas Operações de Paz com foco nas questões do abuso e exploração sexual;
- 2 – O Haiti e a MINUSTAH;
- 3 – Relacionamento com a Imprensa; e
- 4 – Operações Humanitárias e relacionamento civil-militar.

É intenção aumentar gradativamente a participação na preparação dos próximos contingentes com a realização de mais palestras e o ingresso em outros eventos, conforme as necessidades apresentadas pelo ComFFE.

Com relação às atividades efetuadas pelos GptOpFuz-Nav-Haiti, na fase da preparação e durante os seis meses na MINUSTAH, será realizado um documentário que permita o registro e a divulgação da participação da MB naquela Missão de Paz.



Maryanne Cicera Briggs da Cruz
maryanne.briggs@gmail.com

1º Seminário de Operações de Paz Pró-Defesa



Com o propósito de debater a participação brasileira em Operações de Paz, a Marinha do Brasil, a PUC-RIO e a UnB reuniu nos dias 16 e 17 de novembro especialistas nacionais e estrangeiros na Escola de Operações de Paz do Corpo de Fuzileiros Navais (EOPAZ).

O seminário integra o projeto “O Brasil em missões de paz: inserção internacional, equipes integradas e ação no Haiti”, desenvolvido pelas instituições mencionadas, tendo sido o único na área de Operações de Paz aprovado pelo Ministério da Defesa e pela Coordenação de Aper-

feiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na próxima edição publicaremos a matéria completa sobre o evento, incluindo uma entrevista com o Embaixador do Brasil no Haiti, Igor Kipman.

Abaixo segue um trecho do discurso da Embaixatriz do Brasil no Haiti, Roseana Kipman sobre sua experiência naquele país.

“Nós somos diferentes, nós somos gente, nós olhamos no olho, nós damos tchau, nós dizemos ‘olá’. Os nossos soldados que não falam nenhuma língua a não ser o Português, com raras e honrosas exceções, falam perfeitamente com as crianças. Eles se entendem em uma língua de gente, olho no olho, mão na mão. Esta é a beleza.

Somos um único povo. Isto sim que me envaidece e que me dá alegria. Sim, é capaz das Forças Armadas trabalharem ao lado dos civis. Porque Força Armada sem civis não existe. Nós nunca seremos uma força invasora. Isso não está na alma do brasileiro. Nós fomos em paz e sairemos de lá em paz. Reconhecidos como um grupo que veio para dizer alguma coisa. Esta é a minha admiração às Forças Armadas Brasileira e o meu testemunho como brasileira do muito que vocês fazem pelo Haiti.”





CF (FN) Osmar da Cunha Penha
osmar@ciasc.mar.mil.br

Reflexões: o tripé da vida

Tenho visto vários jovens Oficiais deixarem o nosso convívio para exercerem, por meio de concursos públicos ou não, outras profissões. Sei que isto não é novidade, pois ao chegar a minha primeira OM, em 1991, pude observar que, àquela época, alguns companheiros já se aventuravam na empreitada de mudar radicalmente de profissão, na maioria dos casos, em busca de salários mais compensadores e de rotinas menos sacrificantes. Não posso criticá-los - nem me dou esse direito - por tentarem buscar, seus pontos de vista, aquilo que consideravam ser o melhor para si. Não me faltaram incentivos para que embarcasse no mesmo barco. No entanto, após oito anos, dedicados intensamente a minha formação como Oficial da Marinha, não me via, por exemplo, atrás de uma mesa, realizando auditorias de processos fiscais (não que eu tenha alguma coisa contra a profissão de Auditor Fiscal, muito pelo contrário), tarefa para a qual não possuía a mínima vocação. Após quase vinte e seis anos de vida profissional como Oficial FN, creio ter acertado em minha decisão. Digo isso porque, com o passar do tempo, pude perceber que a vida é mantida em estabilidade, creio eu, sobre um tripé - “o tripé da vida” – cujas bases são o equilíbrio emocional, a independência financeira e a satisfação profissional.

O **equilíbrio emocional** começa a ser estabelecido desde a infância, quando começamos a lidar com situações e viver experiências que vão forjando a pessoa em que nos tornamos com o passar dos anos. São essas experiências, positivas ou negativas, que nos permitem lapidar tal equilíbrio, de modo a enfrentar os desafios do futuro. Como diz o ditado popular, “nada como um dia após o outro”, seja na vida profissional, no amor, no convívio com os amigos ou no trato familiar. Algumas pessoas, entretanto, passam a vida inteira sem conseguir estabelecer esse equilíbrio.

A **estabilidade financeira** consiste em um valioso suporte, uma vez que nos permite dar rumo e impulsão a diversos aspectos de nossa vida, proporcionando-nos tranquilidade. Viver sob a dependência financeira de outra pessoa afeta nosso equilíbrio emocional, podendo trazer transtornos incontornáveis. Amizades são desfeitas, relacionamentos amorosos são rompidos, famílias desmoronam, planos futuros são frustrados, tudo devido a uma possível desestabilidade financeira.

Por fim, a **satisfação profissional** representa a possibilidade de fazermos, ao longo de nossas vidas, algo que pode até ser cansativo, dependendo da atividade, mas que não nos desgasta. Exercer, ao longo do dia, um trabalho no qual acreditamos e para o qual nos sentimos vocacionados, permite-nos desfrutar de uma noite tranquila de sono, sem termos que pensar no sufocante dia de trabalho que se iniciará na manhã seguinte. É algo que transcende a mera questão financeira, pois, exercer uma profissão pensando exclusivamente neste aspecto, poderá tornar-se uma enorme frustração, além de gerar desequilíbrios emocionais incomensuráveis.

Dessa forma, jovens companheiros, como podemos depreender desta reflexão, talvez o grande segredo esteja em buscar o equilíbrio entre as bases que compõem o tripé acima descrito, a fim de alcançarmos uma vida estável. Estabilidade financeira pode até contribuir significativamente para uma vida emocionalmente equilibrada. Entretanto, tal equilíbrio poderá ser comprometido, caso passemos a vida fazendo algo frustrante ou que não nos traga satisfação, por vezes provocado por decisões precipitadas.





A Prática da Direção Defensiva no Nosso Cotidiano

Direção Defensiva

Ato de conduzir de modo a evitar acidentes, apesar das ações incorretas dos outros e das condições adversas, que encontramos nas vias de trânsito.

Por que praticar a direção defensiva?

Segundo pesquisas realizadas em todo o mundo, sobre acidentes de tráfegos, apenas 6% dos acidentes têm como causa os problemas da via; 30% correspondem aos problemas mecânicos e em maior proporção (64%) são desastres causados pelo próprio condutor.

Dentre os principais problemas com o condutor, temos:

- Dirigir sob o efeito do álcool ou substâncias entorpecentes;
- Imprudência – trafegar em velocidade inadequada;
- Imperícia – inexperiência ou falta de conhecimento do local; e
- Negligência – falta de atenção, falha de observação.

O condutor defensivo é o que adota procedimentos preventivos no trânsito, com cautela e civilidade. Não dirige apenas, pois está sempre pensando em segurança, pensando em prevenir acidentes, independente dos fatores externos e das condições adversas que possam estar presentes.

É aquele que tem uma postura pacífica, consciência pessoal e de coletividade, tem humildade e autocrítica.

Dentro das diferentes técnicas de como conduzir defensivamente, existem várias precauções que se deve tomar ao iniciar uma jornada, mesmo sem ter conhecimentos especializados de mecânica, para evitar se envolver em situações de risco, realizando um trajeto sem cometer infrações de trânsito, sem abusos com o veículo, sem atrasos de horário, sem faltar com a cortesia devida, ou seja, sem envolver-se em acidentes.

Já falamos em condições adversas, mas o que vêm a ser e quais são elas?

Condições adversas são todos aqueles fatores que podem prejudicar o seu real desempenho no ato de conduzir, tornando maior a possibilidade de um acidente de trânsito.

Existem várias “condições adversas”, e é importante lembrar que nem sempre elas aparecem isoladamente, tornando o perigo ainda maior.

Listamos abaixo as seis condições adversas mais importantes para que você as conheça bem e tome os cuidados

necessários a fim de reduzir seus efeitos, ou de evitar os danos que elas podem causar a você.

- Luz;
- Tempo;
- Vias;
- Tráfego;
- Veículo; e
- Condutor.

Na verdade, dentre esses fatores todos os condutores têm controle total sobre um, o seu próprio comportamento. O comportamento correto é a sua maior garantia de chegar com segurança ao seu destino.

Ingestão de substâncias tóxicas, álcool ou remédios

O consumo de alguma substância afeta o nosso estado físico e mental e nosso modo de conduzir veículos.

Alguns remédios usados, mesmo por recomendação médica, alteram o nosso estado geral, prejudicando nosso desempenho ao volante. Evite tomá-los, ou não dirija após o uso.

Exemplos:

- Remédios para emagrecer;
- Calmantes e antialérgicos;
- Drogas para manter-se acordado (“rebites”), etc...

As drogas afetam o raciocínio lógico e o desempenho normal das funções físicas e mentais. Conduzir alcoolizado é inflação gravíssima e acarreta várias penalidades previstas no CTB (Código de Tráfego Brasileiro).

Dirigir alcoolizado, em nível superior a 06 (seis) decigramas de álcool por litro de sangue, resulta em multa de R\$ 957,70 (900 UFIR,s), suspensão do direito de dirigir e detenção de seis meses a três anos.

É de prática popular fazer uso de exercícios físicos, café forte sem açúcar, banho frio ou remédios e chazinhos caseiros na tentativa de diminuir o efeito do álcool no organismo. Isso não adianta, mesmo para aquelas pessoas que se acham resistentes à bebida ou pensam que conduzem melhor quando bebem.

Importante:

Recursos populares apenas conseguem transformar um bêbado com sono, num bêbado acordado. Nunca conduza um veículo depois de beber.

Esses recursos populares não funcionam. A única maneira de eliminar a bebida alcoólica do organismo é esperar

passar o tempo necessário para a eliminação natural, que varia de acordo com o peso, a altura, a quantidade e a espécie de alimentos existentes no estômago e com o tempo decorrido após o ato de beber.

Se você bebeu, tomou remédio ou fez uso de qualquer tipo de droga, não dirija. Espere passar o efeito do produto ingerido.

Aquaplanagem

Refere-se à falta de contato dos pneus com a pista, chão ou pavimento e ocorre por causa de pistas molhadas ou poças d'água, sendo sempre mais fácil de acontecer se os pneus estiverem lisos (carecas) ou o veículo em velocidade alta.

Em determinadas situações forma-se uma camada de água sobre o pavimento e o pneu do veículo roda sobre ela sem ter o atrito necessário para a estabilidade.

Importante: A falta de contato dos pneus com a pista faz com que o veículo derrape e o condutor perca o controle do veículo, podendo causar um acidente de trânsito.

Para acontecer a aquaplanagem dos pneus basta haver uma combinação de velocidade do veículo, o tipo de pista, da calibragem dos pneus, profundidade da água na pista e dos frisos dos pneus e a falta de atenção do motorista.

Em dias de chuva, reduza a velocidade, examine os frisos dos pneus, faça a calibragem correta, fique atento quanto às condições da pista e não tente "lavar" o seu veículo usando as poças de água.

Maneira de conduzir: A maneira incorreta de conduzir seu veículo é uma das grandes causas de acidentes nas ruas e nas estradas.

Porém, muitos condutores "acham" que estão dirigindo direito, por desconhecerem comportamentos adequados e leis de trânsito que visam manter a segurança nas vias públicas.

Conduzir com fones de ouvidos conectados a aparelhos de som ou telefone celular resulta em multa, sendo considerada inflação média: perda de 4 pontos (Art. 252 – VI – CTB).

Comportamentos seguros no trânsito

Como você viu, existem vários tipos de colisão que podem acontecer com o seu veículo e os comportamentos perigosos dos condutores nas vias também são bem variados, mas o fator mais comum nos acidentes é não ter conseguido desviar ou parar a tempo o seu veículo, evitando a colisão.

Como parar: Você, condutor defensivo, deve conhecer os tipos de paradas do veículo, tempo e distância necessários para cada uma delas.

Distância de seguimento: É aquela que você deve manter entre o seu veículo e o que vai à frente, de forma que você possa parar mesmo numa emergência, sem colidir com a traseira do outro.

Distância de reação: É aquela que seu veículo percorre, desde o momento que você vê a situação de perigo até o momento em que pisa no freio. Ou seja, desde o momento em que o condutor tira o pé do acelerador até colocá-lo no freio.

Distância de frenagem: É aquela que o veículo percorre depois de você pisar no freio até o momento total da parada.

Distância de parada: É aquela que o seu veículo percorre desde o momento em que você vê o perigo e decide parar até a parada total do seu veículo, ficando a uma distância segura do outro veículo, pedestre ou qualquer objeto na via.

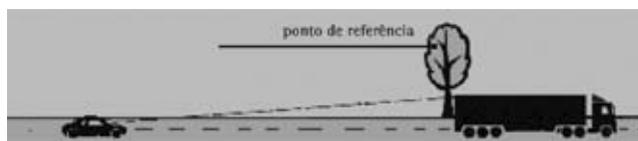
Importante: Você deve ter percebido que a distância de parada é a soma da distância da reação mais a distância de frenagem e, portanto, deve ser maior que as duas juntas para evitar a colisão e que esta deve ser a distância de seguimento.

Distância Segura: Para você saber se está a uma distância segura dos outros veículos, vai depender do tempo (sol ou chuva), da velocidade, das condições da via, dos pneus e do freio do carro, da visibilidade e da sua capacidade de reagir rapidamente.

Existem tabelas e fórmulas para você calcular essa distância, principalmente nas rodovias, mas como elas variam muito, e dependem além do tipo e peso do veículo, de outros fatores que também variam muito, o melhor é manter-se o mais longe possível (dentro do bom senso), para garantir a sua segurança.

Porém, para manter uma distância segura entre os veículos nas rodovias, sem a utilização de cálculos, fórmulas ou tabelas, vamos lhe ensinar a usar "o ponto de referência fixo":

- Observe a estrada à sua frente e escolha um ponto fixo de referência (à margem) como uma árvore, placa, poste, casa, etc.



- Quando o veículo que está à sua frente passar por esse ponto, comece a contar pausadamente: cinqüenta e um, cinqüenta e dois. (mais ou menos dois segundos).

- Se o seu veículo passar pelo ponto de referência antes de contar (cinqüenta e um e cinqüenta e dois), deve aumentar a distância, diminuindo a velocidade, para ficar em segurança.

- Se o seu veículo passar pelo ponto de referência após você ter falado as seis palavras, significa que a sua distância é segura.

- Esse procedimento ajuda você a manter-se longe o suficiente dos outros veículos em trânsito, possibilitando fazer manobras de emergência ou paradas bruscas necessárias, sem o perigo de uma colisão.

Atenção: Essa contagem só é válida para veículos pequenos (até 6 metros) e na velocidade de 80 e 90 km e em condições normais de veículo, tempo e estrada.

Muito Importante

- Mantenha-se no ritmo da maioria, procurando nunca frear bruscamente, não parar sobre a pista, não dar marcha à ré e não fazer manobras na pista. Se perder uma saída ou retorno, siga até a próxima. É mais seguro.

- Observe e obedeça à sinalização, preste atenção a tudo, pois você não terá tempo de pensar duas vezes. Por isso, mantenha-se bem distante do veículo da frente para evitar colisões.

- Cuidado com a fadiga e o sono, pois você não percebe quando começa a dormir ao volante e a fadiga tira de você as condições de reagir prontamente em caso de emergência.

- Ao dirigir nas rodovias, principalmente à noite, a tentação é maior para exceder a velocidade além da permitida, tornando bem mais difícil qualquer manobra que você tenha que fazer, ou sua parada numa emergência, além de impedir a sua visão de obstáculos ou problemas na via.

- Ao entrar ou sair das rodovias, diminua a marcha na pista de desaceleração ou em local indicado, e aguarde o momento certo, pois essas manobras são muito perigosas por causa das velocidades mais altas.

- Cuidado com os dias de chuva, pois as pistas tornam-se escorregadias, sujeitas a derrapagens. O tempo e o espaço

para parar são maiores e todas as manobras tornam-se mais difíceis e perigosas com a chuva. Diminua a velocidade.

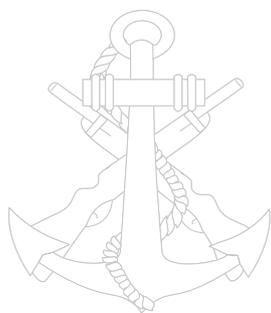
- Quando for ultrapassar, ou mudar de faixa, use as setas, olhe pelos retrovisores duas vezes e só comece a ultrapassagem com segurança. Após ultrapassar, espere até ver no seu retrovisor o veículo que ultrapassou, para sinalizar e voltar à faixa de origem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CG-CFN-12: Normas para Administração do Material do CFN. Rio de Janeiro, 2008.

_____. Ministério dos Transportes. Departamento de Trânsito (DETRAN). Código de Trânsito Brasileiro. Brasília, DF, [20--].

DEPARTAMENTO DE TRANSITO DO PARANÁ. Curitiba, [20--].



CT (T) Ana Paula Nascimento Gonçalves
paula@ciasc.mar.mil.br

O Ensino à Distância a Serviço da Educação Inclusiva

A Educação à Distância vem crescendo sobremaneira no contexto educacional brasileiro e mundial. Não se trata de negar a importância do ensino presencial, tampouco de simplesmente transformar o ensino presencial em um ensino realizado à distância, mas, sim, de propiciar um tipo de ensino diferenciado, com particularidades, com um projeto pedagógico adequado, por meio de linguagem e formato próprios, pelos recursos técnicos e, ainda pelo acompanhamento pedagógico, com tutores responsáveis pelos discentes, permitindo que pessoas fisicamente distanciadas possam manter contato e, dessa forma, possibilitem o aprendizado, valendo-se de um ambiente interativo rico e diversificado.

Assim, existem hoje diversos cursos à distância, de iniciativa privada ou pública, como é o caso do Consórcio CEDERJ e do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), nas quais pessoas podem realizar até mesmo Cursos de Graduação com todo amparo legal. Ressalta-se neste processo a importância do trabalho dos tutores, que, além de acompanhar os discentes, estão sempre buscando motivá-los. Observa-se que, mesmo nesta modalidade de ensino, a relação professor-aluno acontece, ainda que num ambiente diferenciado.

Desse modo, a Educação a Distância torna-se um elemento de transformação social, que oferece oportunidades de aprendizagem às pessoas que, por morarem em lugares mais distantes dos centros urbanos, ou por

questões de horário, que têm dificuldade em manter um curso presencial, possam com o EAD ter portas abertas para a aprendizagem, propiciando além da formação, a permanente capacitação, facilitando a educação continuada, tão importante para a qualificação profissional.

Na Marinha do Brasil as OM de ensino vêm buscando implementar esta modalidade de ensino em alguns cursos específicos. Também o Corpo de Fuzileiros Navais está analisando esta possibilidade, a qual poderá iniciar-se com o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais, o que demandará uma estrutura técnico-pedagógica diferenciada e própria às necessidades do EAD. A organização desta metodologia, que a princípio exige uma estrutura relativamente complexa, certamente se refletirá num incentivo para a constante capacitação dos profissionais, traduzindo-se em qualidade para a formação.

Todo esse contexto de expansão e oferta de ensino de qualidade é certamente um foco fascinante da educação contemporânea, que penso ser importantíssima para o maior acesso da população ao saber. A Educação a Distância está, portanto, a serviço de uma escola inclusiva, na qual todos, independente de classe social, moradia ou horários possam ter possibilidade de acesso à educação. É neste contexto que nós, profissionais da educação, professores, pedagogos, gestores, estamos caminhando para uma democratização cada vez maior do ensino.



CC (FN) Adauto Bunheirão
adauto@ciasc.mar.mil.br

Motivação de Pessoal



Desinteressados, mais do que simplesmente estorvos funcionais, são muitas vezes uma criação da própria organização, por intermédio de políticas equivocadas de gestão de pessoas, pressão por metas elevadas sem o correspondente incentivo, ausência de planos de carreira, etc. O integrante desinteressado ou permanentemente desmotivado é um desafio comum nas organizações voluntárias e sem fins lucrativos, mas também está presente nas empresas, na sala de aula e até no seu grupo de estudos. Como lidar com ele sem removê-lo da equação?

Seria tudo mais fácil se você pudesse clicar com o botão direito na sua equipe, selecionar a opção “Incrementar motivação”, e pronto. Mas a motivação é um processo, não um evento isolado. É consequência, e não causa. A sua ausência pode vir de problemas conjunturais, estruturais, de infra-estrutura, de processos, e até mesmo de liderança.

Algumas razões comuns para a perda da motivação de um membro da equipe (ou de todos eles) são a falta de reconhecimento, de conhecimento dos objetivos da atividade que realiza, de uma perspectiva de progressão no futuro, os processos mal estruturados, a inadequação das métricas às características da equipe, e a inépcia dos superiores hierárquicos.

Para amenizar o problema da desmotivação, apresentamos alguns itens que são de suma importância:

- A raiz do problema. Procure descobrir junto do funcionário, qual a sua motivação para o desinteresse. Sim, até para não fazer nada devemos estar motivados de alguma maneira. As causas podem ser as mais diversas, mas ouvi-las e compreendê-las é um passo enorme na resolução do problema. O truque aqui é saber realmente ouvir e refletir, e não se limitar a escutar e depois fazer um discurso motivacional.

- Agir sobre as causas. Uma vez descobertas as causas, procure saná-las. Lembra-se das qualidades do líder? Uma delas é remover obstáculos para a equipe. Existem desde a teoria das necessidades de Maslow até a de Extratos de Elliott Jacques para explicar a motivação das pessoas, mas o básico pode ser saber que a forma mais fácil de diagnosticar é observando com atenção e dialogando francamente.

- Diga a verdade. Não adianta dourar a pílula, se o desinteresse do seu subordinado está atrapalhando o desempenho da equipe ou até mesmo o andamento do trabalho. Diga isso a ele com todas as letras, mas em uma conversa reservada. Nem sempre ele reagirá de forma negativa, desde que você o faça com respeito à sensibilidade de cada um. Você aumenta a chance de não ter problemas com isso, se seguiu corretamente o primeiro passo.

- Comunique bem os objetivos. Reveja a comunicação de seus objetivos. Muitas vezes o desinteresse é resultado

direto da falta de comunicação clara dos objetivos da empresa ou da equipe. Em muitos casos, além dos objetivos não estarem claros, os incentivos também não estão, ou seja, os desinteressados não fazem além do mínimo necessário porque não percebem a razão de fazer mais, e nem o incentivo para que o façam, as duas chaves para o interesse.

- Inspire a equipe. Ouça a si mesmo. Perceba o que faz com que você esteja interessado. Falar com as pessoas armado de um interesse sincero faz com que elas compartilhem da sua motivação, na maioria das vezes. Um líder, muitas vezes, tem um pouco dessa característica inspiradora que genuinamente move os outros a segui-lo, principalmente quando percebem que dividindo o sacrifício com você, também compartilharão da vitória no final.

- Crie o hábito da motivação. Devemos nos manter em uma postura sempre de alto astral, realizando nossas atividades com entusiasmo, mantendo uma atitude positiva e andando de cabeça erguida, mesmo na presença de algum contratempo. Há uma inter-relação entre nosso estado de espírito e nosso comportamento; um influenciando o outro reciprocamente. Se você andar de cabeça baixa e ombros caídos, certamente a tendência é tornar-se desanimado; mas, se mesmo diante de acontecimentos difíceis, você permanecer com atitude firme e ativa, conseguirá manter sua motivação e seu bom astral.

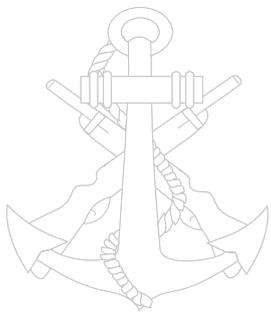
- Mantenha o bom humor. Está provado que as pessoas bem-humoradas são mais motivadas. De certa forma, as tarefas tornam-se mais fáceis de serem realizadas quando estamos felizes e bem-humorados; esse estado de espírito ajuda a motivação.

Lembre-se de que os fatores determinantes do sucesso são o entusiasmo, o fazer por prazer, a dedicação, o empenho, a persistência, a atitude positiva, o otimismo, o bom humor, a inovação, a autenticidade, a simplicidade, a decisão ágil, a ação efetiva, a comunicação eficaz e, principalmente, ter clareza para onde se quer ir e como chegar, além de desenvolver os meios para atingir o compromisso consigo. Os fatores que impedem o sucesso são negativismo, pessimismo, abatimento, baixa auto-estima, insegurança, inibição, omissão (medo de correr riscos), perfeccionismo (medo de errar), mentiras, fofocas, trapanças, tramóias e mau-humor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Marcos Augusto da Silva. Motivação de pessoal. Disponível em: <<http://www.sermelhor.com/artigo.php?artigo=9&secao=trabalho>>. Acesso em: 16 set. 2008.

LIMA, Ari. Marketing pessoal e motivação. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/marketing/marketingpessoal-e-motivacao.html>>. Acesso em: 16 set. 2008.



Missão das Nações Unidas no Nepal

Designados pela Portaria nº 137/SPEAI/MD, de 25 de janeiro de 2008, para realizar as funções de Observadores Militares na Missão das Nações Unidas no Nepal (UNMIN), o Capitão-de-Corveta (FN) Carlos Alexandre Tunala da Silva e o Capitão-de-Corveta (FN) Anderson Casquilha Souza, autores deste artigo, participaram da referida missão no período de 27/02/2008 a 10/03/2009.

Aspectos Geográficos e Econômicos

A República Democrática Federativa do Nepal está localizada no Sudeste Asiático, espremido entre duas potências nucleares emergentes: a China e a Índia, e possui uma área aproximada de 147.181 km², o equivalente ao estado do Ceará.

Pode-se dividir fisicamente o país em três faixas que se estendem de leste a oeste. A primeira mais ao sul, também conhecida como “Terai”, são as terras mais baixas com altitudes que raramente superam os 300 metros. Uma parte central, onde se localiza a capital Kathmandu, possui terreno bem acidentado com altitudes que em geral variam de 1000 a 2000 metros. E a última, ao norte, que compreende a cadeia do Himalaia com vários picos que alcançam mais de 8000 m de altitude, inclusive o monte Everest, o mais alto do mundo.

Possui grandes rios que se formam, principalmente, com o degelo do Himalaia e com as intensas chuvas que ocorrem no período de maio a agosto (fenômeno das Monções).

Devido a essa constituição do terreno (montanhoso ao norte), o país possui mais ligações com a Índia do que com a China, o que ajuda a explicar a predominância do hinduísmo, apesar de o país ser o berço do budismo. Explica, também, a existência do sistema de castas no convívio social, nos mesmos moldes do observado na Índia.

De acordo com dados de 2005, 40% do PIB do Nepal vêm da produção agropecuária, notadamente, chá, arroz, milho, trigo, cana-de-açúcar, leite e carne de búfalo. A indústria trabalha principalmente com o processamento da produção agrícola que é absorvida pela população local e pela Índia.

Outra fonte de recursos é obtida a partir da exportação de mão-de-obra. A mais famosa é a contratação de soldados pela Grã-Bretanha, por meio dos Batalhões Gurkhas Britânicos, além do fato de a Índia empregar em larga escala a mão-de-obra de nacionais nepales em seus próprios Batalhões Gurkhas e, sazonalmente, na produção agrícola e industrial indiana.

O turismo é visto como uma promissora fonte de recursos que se encontra em reestruturação pois suas atividades foram em muito prejudicadas pelo movimento rebelde de 1996 a 2006.



Mapa Geopolítico do Nepal

Aspectos Históricos e Políticos

O Nepal adotou o regime de real democracia até 1959, quando o monarca instaurou o “Panchayat”, regime do qual os partidos políticos foram abolidos. Os políticos, ainda, podiam se fazer representar no Congresso, mas sem a possibilidade de se formarem em blocos de partidos, o que os deixou muito enfraquecidos politicamente. Essa prática reforçou os poderes do rei, que adquiriu um poder absoluto sobre o reinado.

Reformas parciais foram aceitas pelo rei em 1991 após um movimento pró-democrático conduzido pelos políticos do Nepal. O sistema político partidário parlamentar é então estabelecido e o *Nepali Congress* (NC) emerge como grande força política no país.

A falha em atender as demandas da população pelo NC, além da crescente corrupção que envolveu os políticos desse partido, fez com que ganhassem força contestações ao governo.

Surge, então, o Partido Comunista do Nepal – Maoísta (CPN(M)), fundado em 1994 por Pushpa Kamal Dahal (mais conhecido como PRACHANDA), que logo passou a ser um movimento armado e, em 1996, lançou um movimento insurgente contra o governo, conhecido como “Guerra do Povo”. Esse movimento viu várias fases entre combates e cessar-fogos, até que a incapacidade em sufocá-lo levou o rei a empregar o Real Exército Nepalês em 2001 contra os rebeldes maoístas. O conflito foi marcado por sérias violações aos direitos humanos, violência sexual e impunidade, contabilizando mais de 13.000 mortes dentre civis, Maoístas e Combatentes do Exército do Nepal.

O período subseqüente à entrada do Exército no conflito passou por grandes convulsões políticas na capital e, em 2005, o rei Gyanendra fechou o Congresso e tomou para si o governo do país.

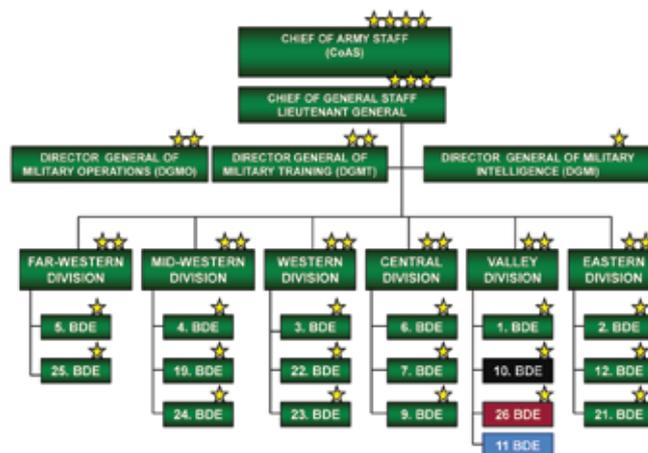
Em 2006, tomou força outro movimento para estabelecimento da democracia. Multidões apoiaram por meio de protestos na capital o retorno dos partidos políticos e, nesse mesmo período, os maoístas declararam um cessar fogo unilateral. O rei cedeu às pressões e aceitou ter parte dos seus poderes transferidos para os políticos, ao passo que o Congresso, representado pela aliança dos sete principais partidos políticos, assinou com os Maoístas um Acordo de Paz - “*Comprehensive Peace Agreement*” (CPA), consolidando os acordos e entendimentos anteriores e declarando o fim da guerra. Foram firmadas condições básicas para uma paz duradoura e foi decidido que eleições deveriam ser realizadas para se eleger uma Assembléia Constituinte no intuito de confeccionar uma nova Carta Magna.

A ONU foi então convidada para monitorar o processo de paz e apoiar as eleições para o novo parlamento.

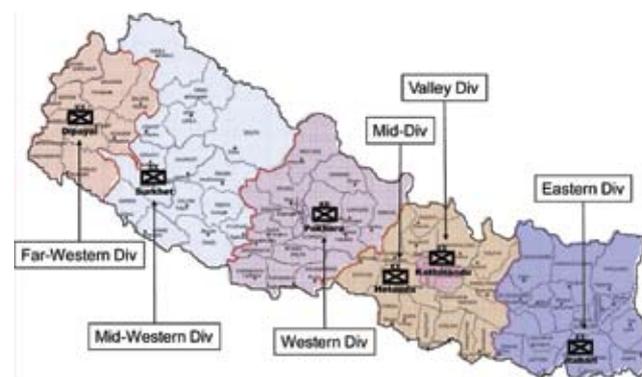
○ Exército do Nepal (NA)

O Exército do Nepal é um exército regular que conta com um contingente de aproximadamente 96.500 militares e tem como papel principal defender a integridade territorial, soberania e independência do Nepal. O seu papel secundário é prestar assistência ao Governo do Nepal na manutenção da segurança interna. Outras funções incluem a assistência humanitária, as operações de salvamento em catástrofes, auxiliando no desenvolvimento nacional e conservação da natureza, além de participação em missão internacional de manutenção da paz. A propósito, a contribuição do Nepal com tropas para missões da ONU é de longa data (desde 1958), destacando-se o emprego nos seguintes países: Burundi, Congo, Croácia, Haiti, Líbano e Ruanda. Atualmente, cerca de 3.200 componentes do Exército do Nepal estão a serviço da ONU em diversas missões pelo mundo.

Conforme previsto no Acordo de Paz, a mesma quantidade de armas deveria ser estocada por ambas as partes e os quatorze contêineres de armamentos do Exército do Nepal foram concentrados numa única unidade localizada em Kathmandu.



Organograma do Exército do Nepal



Distribuição das Grandes Unidades do exército do Nepal

○ Exército Maoísta (MaoA)

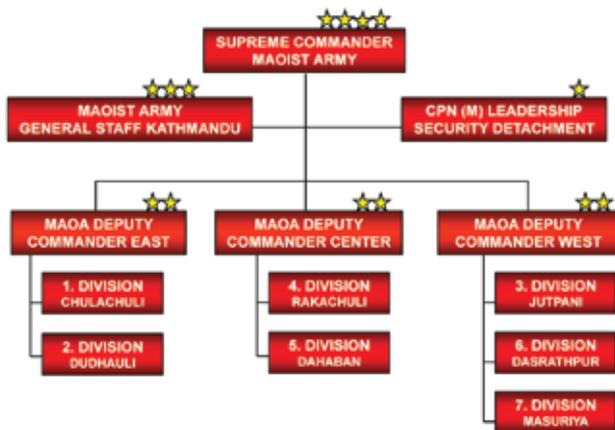
Após a assinatura do Acordo de Paz (CPA) em 21 de novembro de 2006, os combatentes maoístas saíram da marginalidade e criou-se o Exército Maoísta (MaoA).

Os combatentes foram então distribuídos em sete diferentes acantonamentos – MCS (*Main Cantonment Site*), cada qual com uma Divisão e três Brigadas do Exército Maoísta e suas armas estocadas em contêineres (dois em cada MCS) monitorados pela ONU.

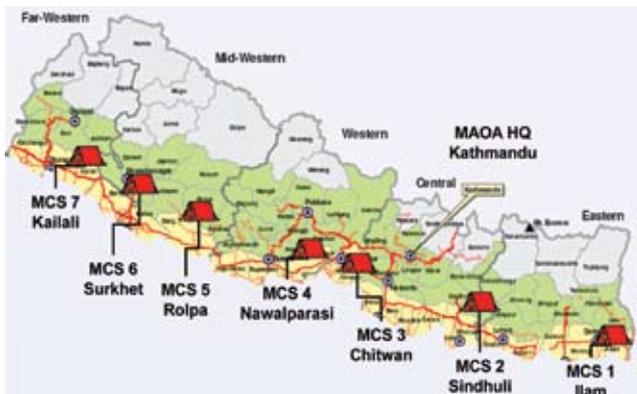
Durante as etapas de Registro e Verificação, que aconteceram no ano de 2007, foram obtidos os seguintes resultados: combatentes Maoístas registrados de janeiro a fevereiro de 2007 (32.250); combatentes Maoístas efetivamente verificados entre junho e dezembro de 2007 (19.602); armamentos verificados e estocados em contêineres distribuídos pelos sete acantonamentos (3.475, sendo 524 utilizados para segurança nas 28 unidades do Exército Maoísta).

A UNMIN

Com o Acordo de Paz assinado em 2006, surgiu a necessidade de uma terceira parte neutra, tanto para monitorar o Exército do Nepal quanto os ex-guerrilheiros, agora chamados de Exército Maoísta. Estava lançada a semente da UNMIN (*United Nations Mission in Nepal*), que surgiu



Organograma do Exército Maoísta



Distribuição dos Acantonamentos Maoístas

com a tarefa inicial de monitoramento de combatentes e armas e se expandiu como missão política controlada pelo Departamento de Assuntos Políticos da ONU (DPA) e não pelo Departamento de Operações de Manutenção da Paz (DPKO), como tradicionalmente acontece com a quase totalidade das Missões de Paz da ONU.

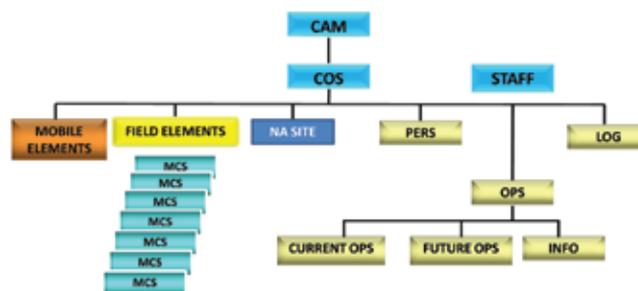
Assinou-se, então, o "Agreement on the Management of Arms and Armed personnel" (AMMA&A) que, juntamente com o mandato e o "Comprehensive Peace Agreement" (CPA), regulam o emprego da ONU em solo nepalês e delegam à UNMIN as seguintes tarefas:

- Monitorar os exércitos e armas das duas partes, de acordo com o CPA;
- Dar suporte e assistência às partes na implementação do AMMA&A;
- Assessorar o monitoramento do acordo de cessar fogo;
- Prover suporte técnico para o planejamento, a preparação e a condução das eleições para a Assembleia Constituinte em uma atmosfera justa e livre, em consonância com os partidos políticos (realizadas em 10 de abril de 2008).

Para o cumprimento dessas tarefas, a UNMIN tem como um de seus grupos componentes o *Arms Monitors Office*. É nesse componente que ficam lotados os militares participantes da missão os quais recebem o título de *Arms Monitor* e totalizam 73 profissionais de 19 países, incluindo o Brasil que participa com seis oficiais.

Dividido em quatro grupos: *Staff Office* (Estado-Maior), *MCS Field Elements*, *NA site Elements* e *Mobile Team*, são as seguintes as tarefas do *Arms Monitors Office* para o cumprimento de sua missão:

- Operar, coordenar e fazer parte, de acordo com o AMMA&A, do JMCC (*Joint Monitoring Coordination Committee*) o qual incluirá representantes do Exército Maoísta (MaoA) e Exército do Nepal (NA) e que tem o propósito de monitorar as atividades realizadas por ambas as partes, a fim de certificar o cumprimento do Acordo de Paz;
- Dispor de um mecanismo de coordenação através do JMCC, de modo a prover entendimento e confiança mútuos entre as partes, de forma que haja um monitoramento e divulgação das atividades conforme os termos do AMMA&A, servindo, também de meio para o compartilhamento de informações que dizem respeito ao MaoA e NA, que requeiram prévias notificação e aprovação de qualquer uma das partes;
- Cooperar com outras agências da ONU e atuar como elemento de ligação com organizações internacionais e não governamentais;
- Monitorar os Acantonamentos do Exército Maoísta (MCS) e do Exército do Nepal incluindo os contêineres de armas e locais de armazenamento de munição e explosivos;
- Visitar e estabelecer ligação com a comunidade civil;
- Investigar denúncias ligadas a possíveis violações ao AMMA&A e recomendar medidas para assegurar o seu cumprimento.



Organograma do AMO (*Arms Monitors Office*)

A Rotina na Missão

A rotina dos componentes do *MCS Field Elements* consistia em rotações aleatórias para os MCS, que aconteciam a cada duas semanas, sendo realizadas de viatura, de aeronave ou uma combinação de ambos. Cada rotação era composta por quatro AM (*Arms Monitors*), um LA (*Language Assistant* - intérprete) e três SF (*Support Force*), ex-militares do Exército Indiano (*Regimentos Gurkhas*), cujas tarefas eram monitorar os contêineres de armas, realizar inspeções nos IED (*Improvised Explosive Device*) armazenados, prover a segurança e a guarda do *Team Site*, participar das patrulhas diárias juntamente com os AM, e efetuar tarefas logísticas de apoio e manutenção do *Team Site*.

Após outubro de 2008, com a redução do efetivo da UNMIN, os *MCS Field Elements* foram divididos em sete grupos, cada qual composto por cinco ou seis AM. Cada um dos sete *UN Team Site* (localizados no interior dos MCS) passou a ser de responsabilidade de um grupo, que emprega sempre três AM no MCS. As rotações passaram a ser fixas, ou seja, cada AM vai sempre para o mesmo MCS,

mas o período passou a variar de acordo com a necessidade dos componentes do time.

No período em que permanecem nos acantonamentos maoístas, os AM executam patrulhas e tarefas principais de monitoramento das armas (estocadas nos contêineres) e dos exércitos, de inspeção nos contêineres de armamentos e nas armas de segurança, bem como testemunham o pagamento do salário aos combatentes maoístas (tarefa solicitada à ONU pelo Banco Mundial).

Os componentes do NA site ficam sediados na capital (Kathmandu) e são empregados em equipes de um *Arms Monitors* e um *Language Assistant* no NA site, team site localizado no interior de uma Unidade do Exército do Nepal (Chaunni), onde estão localizados os seus catorze contêineres de armamento.

Já o *Mobile Team*, que também fica sediado em Kathmandu, tem como tarefa principal conduzir patrulha e estabelecer ligação com as unidades do Exército do Nepal, localizadas em Kathmandu ou em qualquer outra região do país. Tem também como tarefa subsidiária realizar investigações de incidentes, onde tenha ocorrido descumprimento ao AMMA&A.

Atualmente, o desafio a vencer é realizar a integração dos dois exércitos e reabilitar os combatentes maoístas que não forem aproveitados, sendo que, para concluir o processo de paz iniciado, vontade política e pressão internacional serão necessárias a fim de que o governo do Nepal avance nessa direção.



UN Team Site – localizado no interior do acantonamento maoísta (MCS)



Inspeção e controle dos armamentos estocados nos contêineres



Entrevista: Contra-Almirante (Ref^o) José Carlos Ribeiro da Silva

Pai da Érica e da Vanessa, marido da Sra. Odaléia e flamenguista “com certeza”. Entrou para a Marinha do Brasil por influência dos amigos da escola e decidiu ser Fuzileiro Naval por gostar do ar livre. Essas e outras informações foram concedidas pelo Exmo. Contra-Almirante (Ref^o) José Carlos Ribeiro da Silva, nesta bem humorada entrevista, realizada no dia 30 de setembro deste ano.

Falando com muita calma e deixando os presentes bem à vontade, o Alte ironizou alguns acontecimentos da sua vida e relembrou os principais momentos da sua carreira, dentre os quais incluiu sua missão em Angola e duas passagens pelo nosso Centro de Instrução, além da evolução que ocorreu na estrutura do CIASC.



Vossa Excelência ingressou na MB em 1964 e permaneceu no serviço ativo por mais de quarenta anos. Como Vossa Excelência descobriu na juventude a vocação para seguir a carreira naval?

Alte José Carlos - Para começar, eu descobri a Marinha por acaso. Eu era aluno do ginásio e, de repente, quando nós estávamos no 3º ano, um grupo de amigos começou a falar em Colégio Naval. Havia um amigo nosso, cujos pais eram pescadores na Ilha Grande. Nós fomos passar as férias na Ilha Grande e olhamos o Colégio Naval. “Ei, ali deve ser legal!”. No ano seguinte o grupo se juntou, na 4ª série do ginásio, e resolveu fazer o concurso. Foi assim que eu descobri o Colégio Naval, ou seja, por influência de colegas de sala de aula; porque eu não tinha a mínima noção do que era.

Dentro da formação, como Vossa Excelência chegou ao Fuzileiro Naval? Como foi a vossa escolha por essa formação?

Alte José Carlos – Eu cheguei sem conhecer o Fuzileiro Naval, só que eu sempre fui aberto para o ar livre, a parte física; e tinha os sonhos de Ícaro: eu queria ser pára-quedista, mergulhador, metido a super-homem. E naquela época só o fuzileiro poderia ser pára-quedista e mergulhador.

Como Vossa Excelência resumiria vossa passagem pelo serviço ativo na Marinha?

Alte José Carlos – Eu saí da Escola Naval querendo ser pára-quedista. Eu queria servir na RECON, na época localizada onde é hoje o Paissandu, mas, por um critério chamado endereço, quando eu me apresentei aqui, no núcleo da 1ª Divisão, perguntaram: - Quem mora em Niterói? – Levantei a mão e fui bater na Ilha das Flores, que era o destacamento especial dentro da Ilha das Flores, que depois virou Batalhão Paissandu. Tivemos um período sem cursos de pára-quedismo no CFN. O primeiro que abriu foi para aviação. Aí, eu disse: - Bota o meu nome. – Fiz todas as provas; passei. Mas, para minha surpresa, mandaram-me para Brasília ao invés de São Pedro. Pegaram um azimuth diferente; eu fui para Brasília. No ano seguinte, me inscrevi novamente; quando eu voltei de Brasília, passei e já estava desligado para São Pedro d’ Aldeia, ocasião em que disseram que eu era cardíaco (cardiopata grave) e me reprovaram na inspeção de saúde. Em seguida, me designaram para servir no Grupamento de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro. Então, foi dessa forma. Meu início não teve nada a ver com logística. Não consegui ser aviador; tentei ser pára-quedista e me consideraram mais cardíaco ainda. Como eu já estava quase morrendo, continuei na Tropa de Reforço, desempenhando trabalhos na área de Inteligência. Veio a época de ESAO e CAVANF (hoje, o CA-OCFN). Fiquei como instrutor. Quando eu me estabeleci, trabalhei muito para montar a estrutura de que o instrutor precisa. De repente, houve um incidente em Belém. Eu fui simplesmente transferido para Belém para ser Imediato do Grupamento, onde fiquei durante dois anos. Voltei para o CIASC. Fui encarregado da Escola de Operações Anfíbias e do Departamento de Administração. A Escola de Operações Anfíbias, naquela época, era parruda. Tinha vários

oficiais: eu. Acumulava as duas funções. Como era o corveta mais antigo, ficava no cafezinho com o programa de instrução na mão, esperando os oficiais passarem. O oficial passava e eu dizia: “Você vai dar esse módulo”. Aí, vinha outro, “Você vai dar esse módulo”.

O senhor esvaziou o cafezinho da Dona Beth?

Alte José Carlos – Não, mas depois o pessoal olhava e perguntava: “Ele está lá no cafezinho?” Era minha forma de recrutamento de oficiais para dar aulas. A Escola de Fileiras era simplesmente ficar no cafezinho e esperar alguém passar.

Saí do CIASC para a EGN. Saí da EGN, fui para Brasília. Fiquei servindo no SIM em Brasília, no gabinete. Aí, descobriram que eu tinha vocação logística. E chegou a época de eu comandar. Eu fiz várias compilações de comando, mas escolheram que eu tinha que comandar o Batalhão de Serviços. Então eu só passei pela porta para ir até a linha de tiro. O Batalhão de Serviços é onde hoje funciona a BFNIG. Foi assim que me vi às voltas com um problema logístico que, para mim, era um grande desconhecido. Comandei o Batalhão de Serviço e lá tive o Almirante Alexandre como Oficial de Operações e depois como Imediato. Saí do Batalhão e fui ser o G 40 da Tropa de Reforço. Saí do G 40 da Tropa de Reforço para fazer o CPEM. Do CPEM, eu vim a ser Superintendente de Ensino, aqui no CIASC, que tinha dois CMG com CPEM, naquela época, eu e o CMG Abdalla. Saí daqui e fui ser Chefe de Estado-Maior da Tropa. De lá, fui surpreendido sendo designado para ir a Angola.

Vossa Excelência participou da UNAVEM III como Chefe dos Observadores Militares. Sobre essa experiência profissional, gostaríamos de saber como Vossa Excelência se preparou para a missão?

Alte José Carlos – Foi em 1995. Quando cheguei a Angola, realmente a missão estava sofrendo uma grande transformação, porque era uma missão pequenina, que só tinha observadores, e passou a ser daquelas a que a ONU dá maior importância, maior vulto de tropa, observadores e tinha uma série de outras atividades. Foram desvinculados os observadores da missão da tropa. Esse período de transição foi o mais complicado, porque ninguém sabia efetivamente qual era a minha função. Levei pelo menos uns três meses até me situar e organizar a minha função lá na missão. Depois disso, fui percorrer aquele país de baixo a cima para organizar os Postos de Observação, que foi o que tomou mais o meu tempo. Eram 66 postos espalhados por todo o país. Isso me obrigou a ter que andar de helicóptero e naqueles aviõezinhos que a ONU contratava. Fiz em torno de 380 horas de voo. Agora, em termos de preparação, apenas recebi meu passaporte no Galeão. Qual foi a minha preparação? Não espalha, não, nenhuma. (Risos) Até a função que disseram que eu iria exercer em Angola estava errada. Disseram que eu seria Chefe de Estado-Maior. Quando eu cheguei lá, era Chefe dos Observadores. Agora, como eu me preparei, perguntando a quem já tinha participado de uma ou outra Missão de Paz. Foram: Comandante Borges, que tinha participado de Moçambique, e o Mário Márcio, que também tinha

participado de Moçambique. Foram eles que me disseram em grandes pinceladas o que eu poderia encontrar.

Então não existia preparação?

Alte José Carlos – Não, não existia. Era um grande desconhecido. Por isso, o Oficial voltava e fazia um relatório, mas o relatório caía no vácuo e se perdia. Eu procurei relatórios e não encontrei nenhum. Em termos de preparação institucional, não tinha. Felizmente, agora tem.

E depois dessa missão?

Alte José Carlos – Depois dessa missão eu voltei e, mais uma vez, o acaso começou a correr atrás de mim. Eu voltei, e a Marinha tinha feito uma reformulação no programa de comandos. Os comandos eram destinados aos Capitães-de-Mar-e-Guerra mais antigos. Com a mudança, os comandos passaram para logo após a promoção. Quando eu voltei, eu estava no meio do caminho. Tinha passado da faixa da minha turma comandar. Essa mudança ocorreu quando eu estava fora. Ao chegar, eu fui designado para ir para o Departamento de Material do Comando de Apoio. Não cheguei a assumir nenhuma função, fiquei de quarentena por receio que eu pudesse ter contraído malária na missão. Quando retornei, recebi a seguinte ordem do Comandante de Apoio: –“Você não vai entrar de férias, nem vai assumir o departamento. Você acaba de ser desligado para a FFE.” “Eu, como?” “É, está sendo criada uma base e você foi indicado para comandar.” Saí, sem nem ter chegado, me apresentei à FFE e fui preparar a Base de Fuzileiros Navais do Rio Meriti e fazer a mudança da FFE. Assim, fiquei lá nos anos de 96, 97 e 98. Em 98, final do ano, fui desligado para o Comando do Material; pensei, nessa época, que a minha carreira já estava encerrada, mas o Papai do Céu resolveu me ajudar. Foi criada uma vaga no Ministério da Defesa e abriram precocemente uma vaga de promoção a Almirante.

Mais alguma coisa a acrescentar que Vossa Excelência acha relevante na carreira?

Alte José Carlos – Os pontos que eu realmente considero relevantes são do período em que eu estive em Angola. Foi de muito trabalho, muito trabalho mesmo. Organizar, desmistificar algumas coisas que nós temos, porque a gente imagina a ONU como um organismo perfeito e, quando chega para trabalhar junto a ela, vê que é um organismo com todas as imperfeições das outras, algumas até maiores. E o outro, foi o grande desafio de mudar a FFE do Centro da cidade para Duque de Caxias, porque o desafio é que o pessoal não estava querendo muito mudar. Sair do Centro da cidade para ir para Caxias não é um bom programa. E o Almirante Mauro César, que era o ministro, estava querendo que mudasse em curto prazo. Não dava tempo para cumprir aquele prazo. A firma que ganhou a licitação para fazer a adaptação do prédio faliu no meio do caminho, então a obra teve que ser feita na base de mão-de-obra de fuzileiros. Felizmente, no final, acabou dando tudo certo. A FFE mudou com uma série de dificuldades. Para se ter

idéia, toda a FFE tinha dois telefones: um do Comandante e outro do resto do mundo. Ninguém conseguia falar com ninguém. As obras ainda não estavam terminadas, era poeira para todo lado e o rancho era emprestado do Batalhão de Engenharia.

Voltando a Angola, quais foram as dificuldades para liderar oficiais de diversos países? Em que medida as diferenças culturais interferiram no cumprimento da missão?

Alte José Carlos – Os postos de observação em Angola tinham muitas diferenças: alguns eram verdadeiros “spas”; já outros eram como se a pessoa ficasse acampada o tempo todo, não tinha água, não tinha nenhuma estrutura. Estabeleci um sistema de rodízio, mas, para isso, precisei classificar esses postos. Postos de 1ª categoria... Fiz uma classificação do tipo que a Embratur fazia com os hotéis antigamente, três, quatro, cinco ou zero estrelas. Depois de visitar todos os postos, comecei a fazer um rodízio em que o observador que estava em um posto confortável ia para o ruim e o que estava em um ruim ia para o confortável. Assim começaram todos os problemas, porque o ser humano é igual, independente de sua nacionalidade. Por exemplo: um observador que estava no posto bom, quando era movimentado para o ruim, arranjava logo uma doença, uma série de problemas para não ser movimentado. Então, estabeleci um novo critério, porque alguns observadores faziam queixa com os respectivos embaixadores. Quando o contingente começou a chegar, eu o distribuía colocando gente por país nos postos de várias categorias. E fazia as trocas dentro dos observadores oriundos de um mesmo país. A partir daí eles brigavam entre si e os problemas saíram de cima de mim. Dessa forma foi que eu comecei a organizar o serviço. Mas isso levou algum tempo e, felizmente, tive um apoio muito grande do comandante da missão, que era um General do Zimbábue. Acabamos nos afinando muito, uma pessoa realmente muito bem preparada.

As diferenças culturais e religiosas também interferiram diretamente no cumprimento da missão. Pela regra do jogo, cada posto de observação tinha de cinco a seis oficiais e não poderia ter mais de dois oficiais da mesma nacionalidade. Era uma missão com 35 países. Tinha de tudo: tinha mulçumano, hindu, hindu sick, ateu, cristão, cristão ortodoxo, que eram os ucranianos e os russos. Essa mistura realmente causava alguns problemas. Para caracterizar, eu vou contar um caso bem interessante que vivi e que me fez sair correndo numa emergência de um posto de observação lá no interior. Estava todo mundo querendo brigar com todo mundo por causa de um bife. Um major ucraniano (não sei onde ele arranjou o bife) levou para dentro do posto e colocou, na geladeira, a querosene que tinha. E tinha um outro major indiano, que considerou aquilo uma ofensa grave. Queria que ele jogasse o bife fora. O ucraniano, para manter a harmonia do time, jogou o bife fora, aí o indiano quis que ele enterrasse o bife lá não sei onde, o ucraniano enterrou o bife. Não satisfeito com isso, o indiano queria que jogasse a geladeira fora, pois a geladeira estava contaminada. Houve uma revolta dos outros todos contra esse major indiano. E eu tive

que sair correndo para lá, colocar o major indiano junto comigo embaixo do braço e mandar outro substituir. Isso caracteriza bem como as diferenças religiosas e culturais interferem na harmonia dos observadores. Outra dificuldade que tinha era pré-requisito para participar da missão como observador que falasse inglês e que fosse habilitado como motorista. Um determinado país, que eu não vou declinar o nome, chegou com 22 observadores dos quais atendendo dois requisitos só tinham três. O restante, ou não falava inglês, ou não dirigia. E vários não faziam as duas coisas. Pela regra do jogo, deveriam ser repatriados e substituídos. Por questões diplomáticas me mandaram fazer uma escolinha de motorista para aqueles que não dirigiam. Eu montei a escolinha de motorista: destruíram logo três carros e não aprenderam a dirigir. E aí eu perguntei: “E agora, como é que eu vou fazer esses caras falarem inglês em duas semanas? Dá um jeito.” Conclusão: esses caras viraram um peso morto. Alguns deles iam para o posto de observação e o trabalho deles era simplesmente servir de cozinheiro. Porque eles não podiam sair em patrulha, porque não sabiam dirigir. Os que sabiam dirigir não poderiam sair porque não falavam inglês e não sabiam reportar o que estava vendo. Então tive alguns pesos mortos por não cumprimento da regra. E isso sobrecarregava os outros e eu era cobrado por isso.

○ senhor viveu alguma outra grande dificuldade?

Alte José Carlos – Eu era presidente da Comissão de Investigação das Violações do Acordo, que também me obrigava a viajar muito e me deu alguns problemas. Os dois lados sempre se acusavam mutuamente. Eu era obrigado a viajar de um lado para o outro para verificar. Até acusações em relação ao Brasil houve. Um dia eu estava em uma reunião, levantou-se o General representante da UNITA, afirmando que eu não tinha isenção para estar sentado ali, porque o meu país estava vendendo armas para o outro lado. Eu disse: - Desconheço. Pedi para interromper a reunião para verificar a acusação. No final, ele tinha parte da razão. Não foi o Brasil quem vendeu, mas as armas eram brasileiras. O mercado paralelo de armas tinha vendido algumas baterias de foguetes ASTRO para o governo angolano. Todo mundo desconhecia, o embaixador, o Itamarati. Mas a verdade, é que a culpa caiu nas nossas costas, porque a arma era fabricada no Brasil.

Vossa Excelência identificou algum fator que tenha facilitado vosso trabalho na missão?

Alte José Carlos - Praticamente na cúpula da missão falávamos português, pois o Chefe do Estado-Maior era um Coronel português. Eu tinha dois atributos que facilitaram o acesso aos dois lados. Eu, como “bom negão”, tinha afinidade da cor, além disso, eu já tinha cabelos brancos, o que realmente, naquele continente, conta muito. Às vezes a gente chegava e era tratado como “o mais velho” (tom enfático). Então a minha palavra passou a ter um certo peso por causa desses três fatores. Eu tinha a afinidade da língua, a mesma cor de pele que eles e tinha já um aspecto de senil. Isso me ajudou muito no trabalho, me ajudou

muito no andamento da missão. Realmente o brasileiro é muito bem recebido, muito querido pelo angolano. Tanto que eles vêem o Brasil como um país-modelo das colônias portuguesas. Pela visão do angolano, é um país que deu certo. As arestas que tinham eram devido ao embate político que estava havendo no momento, porque quando está todo mundo querendo ganhar um pedacinho, aproveita-se de qualquer motivo para tentar levar vantagem. Isso às vezes trazia alguns problemas, mas de maneira geral, tanto do lado da UNITA quanto do lado do governo, nós éramos muito bem aceitos.

Verificamos que ao longo da carreira Vossa Excelência serviu no CIASC em duas ocasiões: como instrutor e Superintendente. Depois da breve visita que nos fez hoje e das informações que vos foram passadas, Vossa Excelência considera que o patamar alcançado contempla as metas sonhadas à época em Vossa Excelência aqui serviu?

Alte José Carlos – Eu acho que ultrapassou. Vou falar pela minha experiência de aluno e de instrutor Oficial do Departamento de Administração. O aluno, durante algum tempo, só recebia trote. O aluno que vinha aqui para fazer especialização, para fazer a formação, a única coisa que ele fazia muito, era faxina e ordem unida. Sala de aula era pouco. Eu vivi essa época, senti esse problema quando eu fui aluno e depois quando fui chefe do Departamento da Escola de Operações Anfíbias e Superintendente de Ensino. Hoje em dia, já tive a oportunidade de conversar com alguns ex-alunos que saíram recentemente do CIASC - eles falam maravilhas. Eles vêm aqui, para efetivamente serem formados, especializados, aperfeiçoados, o que não víamos há um tempo. Então, pelo que eu tenho tido de notícia e pelo que eu vi, o CIASC teve um salto de qualidade, não só nas instalações, mas também na preparação do pessoal.

O Centro de Estudos está ativando o Sistema de Lições Aprendidas, que registrará nossas experiências em diversos campos de atividades, inclusive nas Operações de Paz. Em que medida Vossa Excelência julga que essa atividade pode auxiliar na preparação dos futuros observadores Fuzileiros Navais em missões de paz?

Alte José Carlos - Isso é fundamental. Cada missão é uma missão. As lições aprendidas são de uma importância enorme, porque formarão um banco de dados e nós não vamos mais ser surpreendidos. Quando se vai lá, já se tem uma idéia do que pode acontecer.

Por fim, gostaríamos de saber se Vossa Excelência tem alguma mensagem para deixar para os Fuzileiros Navais que são alunos no nosso Centro de Instrução.

Alte José Carlos – Que aproveitem. Aproveitem essa passagem pelo CIASC, particularmente agora, depois que o CIASC está com essa nova mentalidade; é uma oportunidade única.



CMG (FN-RM1) Marco Antonio Nepomuceno da Costa
nepomuceno@ciasc.mar.mil.br

Centro de Estudos do Corpo de Fuzileiros Navais (CECFN) em ação

Seminário de Operações Ribeirinhas

Dando prosseguimento aos trabalhos do CECFN o 1º Seminário de Operações Ribeirinhas foi realizado nos dias 14 e 15 de setembro.

Contou como palestrantes na primeira jornada com os Comandantes das Flotilhas do Mato Grosso e do Amazonas e com os Comandantes do Grupamento de Fuzileiros Navais de Ladário e do Batalhão de Operações Ribeirinhas, que abordaram os temas: “Meios Navais em Apoio às OpRib no Pantanal (ComFlotMT) / Amazônia (ComFlotAM) – Peculiaridades, Limitações e Perspectivas” e “Fuzileiros Navais nas OpRib no Pantanal (GptFNLa) / Amazônia (BtIOpRib) – Peculiaridades e Ensinamentos Colhidos”, o seminário trouxe a tona o estágio atual das OpRib nos dois principais ambientes operacionais.

Na segunda jornada, foram formados dois grupos de discussão compostos por oficiais que assistiram às apresentações (representantes do CGCFN, CON, Com4ºDN, FFE Com6ºDN, CDM, CMatFN, EGN e CISAC). Os grupos trabalharam os temas “O conceito de GptOpFuzNav e as OpRib – uma análise quanto à aplicabilidade” e “Base de Combate Ribeirinha – a visão prática de sua viabilidade”.

Nas duas jornadas as apresentações foram complementadas por debates com as platéias, que contaram com os oficiais-alunos do CAOCFN.

As experiências profissionais e a base doutrinária foram contrastadas, considerando as atuais limitações materiais, que instigam a criatividade, conforme ficou demonstrado nas apresentações dos 6º e 9º DN e dos grupos de discussão.

Caberá agora ao CECFN aprofundar os estudos no tocante aos principais aspectos abordados no seminário e

apresentá-los como contribuição para a consolidação dos conceitos doutrinários.

A Biblioteca do CECFN ampliou seu acervo

Nossa biblioteca trabalha divulgando e oferecendo seus serviços e atividades aos diversos setores da MB. Atualmente, em decorrência do Programa de Leitura Profissional, recebemos diariamente duas visitas das unidades da Divisão Anfíbia, com equipes compostas por 30 militares em cada tempo de expediente, que podem utilizar o acervo para pesquisa, receber orientação sobre as publicações disponíveis, ou simplesmente ler o livro recomendado no programa.

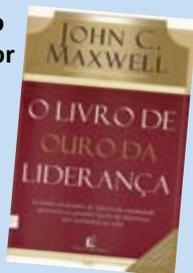
Outra importante atividade é a “Hora do Conto”, que é direcionada para as crianças que participam do projeto Forças no Esporte, cuja faixa etária varia de 10 a 14 anos. As histórias versadas sobre liderança, responsabilidade, amizade e união de grupo são selecionadas de forma a permitir a interiorização desse conteúdo por essas crianças, propiciando-lhes, com isso, exemplos de vida e a oportunidade de exporem suas opiniões, pois, após cada conto, as histórias são discutidas e analisadas à luz da realidade do mundo em que a humanidade está inserida.

A intenção da biblioteca com as atividades desenvolvidas é aproximar cada vez mais seus usuários do universo do conhecimento, auxiliando-os no acesso às informações, de maneira a eliminar as barreiras que possam existir entre eles e a leitura.

Veja no quadro a seguir algumas das obras disponíveis na nossa biblioteca, que podem unir lazer e cultura, sendo, na nossa opinião, boas dicas de leitura.



Título: Livro de ouro da liderança: o maior treinador de líderes da atualidade apresenta as grandes lições de liderança que aprendeu na vida



Autor: Maxwell, John C.

Editora: Thomas Nelson Brasil

Assunto: Liderança. O autor destaca as principais ações de um líder, e garante que os ensinamentos sobre liderança podem ser aprendidos por qualquer pessoa. Ressalta, também, que um líder só é um líder quando é capaz de ter uma visão clara da contribuição de sua equipe.

Título: Alexandre, o Grande - A Arte da Estratégia



Autor: Bose, Partha

Editora: Best Seller Ltda

Assunto: Estratégia. A partir da biografia de um dos maiores estrategistas da história Alexandre, O Grande, Partha Bose destaca suas lições e segredos de estratégia. O livro descreve conceitos que são adotados por empresas, líderes políticos e pelas Forças Armadas.

Título: Uma breve história do mundo



Autor: Blainey, Geoffrey

Editora: Fundamento

Assunto: História. O autor faz um balanço da saga da humanidade, compilada desde seus primórdios até os frenéticos dias atuais. Blainey descreve a geografia das civilizações e analisa o legado de seus povos. O livro entrelaça a história de um povo a outro, de forma didática, onde descreve o surgimento das religiões, a carnificina das guerras e a ascensão e queda dos grandes impérios.



CC (T) Natália Morais Corrêa Borges de Aguiar
natalia@cpfn.mar.mil.br

A Pesquisa como Atitude Cotidiana

Pedagogia é encantar-se e seduzir-se reciprocamente com experiências de aprendizagem. (ASSMANN, 1998, p. 34)

Resumo

O propósito deste artigo é repensar a prática pedagógica dos docentes em espaços escolares, apresentando sugestões para o desenvolvimento de uma educação pela pesquisa do conhecimento. Discussões sobre o que é conhecimento, sobre novas metodologias de ensino e formas de aprender, ensinar e avaliar são cada vez mais presentes no meio acadêmico e social. Pretendemos desmistificar a noção de que antes se faz pesquisa, depois educação, numa relação dicotômica, e reforçar que a pesquisa, além de ser um princípio científico, é um princípio educativo, pelo seu valor pedagógico e formativo, capaz de desenvolver o questionamento, a consciência crítica, a criatividade e a autonomia.

Introdução

A educação vive hoje um momento de mudança de paradigmas. O ensino pautado na aquisição de conteúdos vem sendo substituído por um ensino voltado para o estímulo e o desenvolvimento de habilidades intelectuais que levem ao alcance de competências profissionais. No contexto da “Sociedade do conhecimento”, com o advento da Internet, a velocidade que as informações se propagam é imensa. É preciso definir o que é conhecimento.

O conhecimento transmitido em sala de aula é considerado informação, caso não seja trabalhado, construído e desconstruído. Vários educadores defendem que a pesquisa escolar, utilizada como instrumento metodológico de ensino-aprendizagem, permite que o aluno aprenda ao transformar informação em conhecimento. Pimenta (2002, p.31-32) considera que:

o pensar, o refletir, o conhecer, o dominar a cultura acumulada, as formas de construção da sociedade, as tecnologias e as formas de construí-las. Isso é conhecimento [...] O conhecimento possibilita a criatividade, a proposição de outros caminhos às formas como a sociedade está organizada, o que confere a condição de cidadania.

Acreditamos que conhecer é a forma mais competente de intervir. É importante lembrar que competência não é apenas executar bem, mas caracteristicamente refazer-se todo dia, para postar-se na frente dos tempos. É a forma inovadora de manejar a inovação (DEMO, 2007, p.13).

O novo foco na educação escolar não abandona os conteúdos, mas, aponta que aprender a aprender é o grande objetivo a ser alcançado. Ser capaz de estabelecer relações significativas entre conteúdos novos, por processos mentais de comparação, de correlação, de aplicação, de análise, de síntese, de julgamento é o que se espera do aluno, segundo Moretto (2003, p. 121-122). Nesse sentido, é preciso repensar a prática pedagógica aplicada na sala

de aula. É necessário que o professor de hoje se mantenha atualizado, procure rever os conteúdos curriculares, como, também, a forma de transmiti-los, desenvolvendo novas estratégias de ensino aprendizagem.

Hoje, o objetivo da ação docente deve ser a construção do conhecimento, visando ao pleno desenvolvimento de todas as potencialidades de cada indivíduo, sejam elas intelectuais, afetivas, sociais, criativas ou morais. (PORTILHO; ALMEIDA, 2008, p. 473)

Novas estratégias de ensino aprendizagem

Com a descoberta de tecnologias inovadoras, a utilização dos recursos da informática em sala de aula e as contribuições de educadores discutindo novos rumos teóricos e metodológicos para a educação, os docentes são convidados a assumir uma outra postura profissional, desempenhando não mais, exclusivamente, o papel de transmissor de conteúdos, mas o de facilitador, tutor ou orientador, indicando leituras, bibliotecas e caminhos para que os alunos tenham capacidade de escolha e produção própria de temas (DEMO, 2003, p. 63). Neste movimento, Portilho e Almeida (2008, p. 477) alertam que “há uma nova forma de entender o conhecimento e esta desencadeia uma atitude também renovada diante das mediações educativas e dos sistemas de avaliação implementados”.

O programa curricular dos cursos técnico-profissionalizantes consta de conteúdos conceituais, procedimentais, que precisam ser sedimentados na prática. Demo (2000a, p. 129) ressalta que o professor como facilitador é fator central do processo de aprendizagem. Ele deve ter como preocupação frequente, durante a sequência de suas aulas, a significação daquilo que é ensinado para o aluno, ou seja, o aluno deverá entender a aplicabilidade desses conhecimentos em sua vida diária.

Concordamos com Assmann (1998, p. 29) quando argumenta que o ambiente pedagógico deve ser um lugar de “fascinação e inventividade”. Envolver a turma em atividades de pesquisa, despertar nos discentes o interesse e a curiosidade pelo aprendizado da disciplina, e desafiar os estudantes, individualmente ou em grupo, a obter êxitos na resolução de problemas são procedimentos estimuladores do crescimento dos alunos e do próprio docente, já que por meio da interação, ocorre a troca de saberes e experiências que levam à busca de novas interpretações e novas descobertas. É interessante ainda registrar a colocação de Candau (2003, p. 70), quando afirma que

no ensino por meio de solução de problemas, o aluno se defronta com situações reais e concretas e tem muitas alternativas, tanto para compreender o problema, perceber suas implicações, como para pensar em alternativas de solução [...]. O importante é que o sujeito se disponha a penetrar na realidade e que inicie o estudo sobre ela.

Nessa perspectiva, Demo (2007, p. 6-7) salienta que a base da educação escolar é a pesquisa, não a aula, ou o ambiente de socialização, ou a ambiência física, ou o mero

contato entre professor e aluno. O autor argumenta que “a aula que apenas repassa conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento”. Afinal, a parte mais interessante e gloriosa da aprendizagem não é a imitação, mas a reconstrução (DEMO, 2000b, p. 151). Mas, como fazer da pesquisa uma atitude cotidiana, rompendo com a ideia de que a pesquisa é uma atividade especial, que necessita de um momento especial ?

O primeiro passo é romper com a visão de que o aluno é objeto de ensino e enxergá-lo como sujeito do processo e parceiro de trabalhos coletivos, em que o professor será o orientador. Portilho e Almeida (2008, p. 486) defendem que o “ensino com pesquisa é viável, sobretudo se o professor conseguir criar um ambiente favorável, em que haja envolvimento, participação e produção”. O aluno deve poder se movimentar, comunicar-se, organizar seu trabalho, buscar formas diferentes de participação, reorganizar o ritmo de trabalho, enfim, ser autônomo, criativo e responsável (DEMO, 2007, p. 17-18).

Por meio do trabalho em equipe, o aluno desenvolve a capacidade de contribuir para o alcance de objetivos comuns. Para que não ocorra improdutividade de um ou outro aluno no trabalho grupal, o docente pode recomendar que os grupos se revezem em sua constituição, buscando o equilíbrio entre o trabalho individual e coletivo.

Outro passo importante é a procura por material para a pesquisa. Antes de propor a pesquisa, o docente deverá fazer um levantamento dos recursos disponíveis no ambiente escolar e fora dele. Após essa verificação, o docente irá habituar o aluno a ter iniciativa de, como pesquisador, procurar, em bibliotecas e em outras fontes, livros, textos, informações sobre o assunto a ser estudado, sempre com o seu acompanhamento e estímulo.

Após reunir o material para pesquisa, os alunos irão reconstruir o que pesquisaram e o que aprenderam, desenvolvendo a capacidade de formulação e elaboração próprias. É fundamental que os alunos escrevam, redijam, coloquem no papel suas ideias, argumentem e discutam coletivamente o que pesquisaram. A partir do conhecimento disponível, o aluno irá reescrever o assunto, num movimento de questionamento reconstrutivo. Demo (2007, p. 28) ressalta que formular e elaborar

são termos essenciais da formação do sujeito, porque significam propriamente a competência, à medida que se supera a recepção passiva de conhecimento, passando a participar como sujeito capaz de propor e contrapor. Assim, uma coisa é ler, tomando conhecimento do que está no livro. Outra coisa é elaborar o que se leu, imprimindo interpretação própria pelo menos. No primeiro caso, a relação básica é de instrução, ensino, treinamento. No segundo, é de formação de competência.

Como estratégia didática facilitadora do questionamento reconstrutivo no aluno, podemos citar o estímulo ao hábito de leitura. No pensar de Demo (2007, p. 31), a leitura sistemática permite ao aluno “estar a par do conhecimento disponível, participar do fluxo cultural constante, informar-se de modo permanente, e alimentar o processo de formulação própria, de argumentar e contra-argumentar,



de questionar e reconstruir”. E acrescenta que o professor deve orientar o aluno permanentemente para expressar-se de maneira fundamentada, exercitar o questionamento, reconstruir autores e teorias e cotidianizar a pesquisa.

Mudanças necessárias

Entendemos que as mudanças não são simples, as resistências são grandes, porém, é preciso que a educação não fique reduzida ao ensino com aulas reprodutivas e provas de respostas prontas, memorizadas, copiadas de geração em geração. Nessa caminhada, possível e necessária, alguns desafios precisam ser superados, como a reorganização curricular e as formas de aferição do aprendizado. Como mostra Silva (2008, p. 105),

a experiência formativa não se restringe, portanto, a um saber-fazer que tenha como meta dar respostas imediatas às demandas postas pelo cotidiano. Tampouco é propiciada pela escola por meio de procedimentos metodológicos assentados numa lógica behaviorista que toma a aprendizagem como mero exercício de dar respostas a estímulos previamente calculados.

Sob essa ótica, toma um novo sentido o pensamento de Demo (2007, p. 35-38), de que na reorganização curricular é preferível o aprofundamento vertical à exposição horizontal, ou seja, é melhor trabalhar bem alguns temas, ao invés de estudar superficialmente pedaços curriculares que só reproduzem conteúdos. O ritmo de trabalho não precisa seguir o tempo de aula padrão cronometrado em cinquenta minutos. Permite-se uma organização alternativa do tempo e o currículo deve ser flexível, considerando os interesses da turma e respeitando os ritmos próprios dos alunos e suas dificuldades, combatendo, assim, o fracasso escolar.

Quanto às formas alternativas de avaliação, o autor recomenda que a avaliação seja compreendida como processo constante de acompanhamento da evolução do aluno, por meio de anotações e pela formulação de indicadores de competência como, por exemplo, o interesse pela pesquisa, as produções e elaborações próprias e a participação ativa do aluno nas atividades propostas. Sobre as formas de aferição do aprendizado, Portilho e Almeida (2008, p. 479) acrescentam, ainda, que

considerando que a pesquisa propõe atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem, fica claro que, através delas, a avaliação leva em conta o envolvimento, a participação, a produção do conhecimento, o

progresso, a caminhada e qualidade do processo educativo. Provas e questionários passam a ter o mesmo peso que qualquer outra produção do aluno, seja esta individual ou coletiva.

Considerações finais

O presente estudo reuniu referenciais teóricos e pesquisas de autores contemporâneos da educação que enfatizam a importância de rever as práticas pedagógicas e os processos de construção de conhecimento, ressaltando o papel da pesquisa como princípio educativo. O ensino com pesquisa tem sido apontado como um caminho de inovação do processo pedagógico. Como ressaltam Portilho e Almeida (2008, p. 478), o pensamento divergente passa a ser valorizado num contexto em que o conhecimento começa a ser interpretado como algo provisório e relativo, que se refaz a cada momento.

Consideramos importante o aprofundamento da questão da pesquisa no ambiente escolar, bem como o amadurecimento de discussões teóricas e de experiências positivas e inovadoras sobre o tema para o avanço de futuras práticas pedagógicas transformadoras. Pois, entendemos que educar, num processo mais amplo, é valorizar a pesquisa como ato cotidiano, incentivando a leitura, a produção intelectual, a argumentação e a crítica. É, portanto, desenvolver competências e habilidades indispensáveis à formação do educando para viver em sociedade, de modo pleno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, H. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CANAU, V. M. A didática em questão. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.
- _____. Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000b.
- _____. Educar pela Pesquisa. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- _____. Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.
- MORETTO, V. P. Construtivismo: a produção do conhecimento em aula. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- PIMENTA, S. G. De. Professores, pesquisa e didática. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.
- PORTILHO, E. M. L.; ALMEIDA, S. C. D. Avaliando a aprendizagem e o ensino com pesquisa no Ensino Médio. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 16, n. 60, jul./set. 2008.
- SILVA, M. R. Currículo e competências: a formação administrada. São Paulo: Cortez, 2008.



Atividades no CIASC

Programa Forças no Esporte

O aprendizado interdisciplinar com a Marinha do Brasil, focando o exemplo militar dos Fuzileiros Navais, tem ajudado muitas crianças de colégios municipais do bairro Bancários, na Ilha do Governador (RJ).

Desde 2008, o Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC) implantou o programa “Forças no Esporte”, que atende a cerca de 200 crianças na faixa etária dos 10 aos 14 anos, cursando o período escolar do 6º ao 9º ano. O programa apresenta, entre suas finalidades, a promoção da cidadania, o desenvolvimento e o acompanhamento pessoal.

Em 2009, uma nova atividade foi incorporada: “A Hora do Conto”, que tem como intuito aproximar os jovens da literatura. Os encontros acontecem todas as sextas-feiras, nos períodos da manhã e da tarde, na recém-inaugurada Biblioteca do CIASC. Os temas abordados são: liderança, espírito de equipe, responsabilidade, trabalho e esperança.

Em outros dois dias da semana os jovens desenvolvem atividades como prática de esportes e reforço escolar, ações já previstas no programa. Em complemento, aulas teóricas e práticas com instrumentos musicais, atendimento odontológico e palestras sobre o meio ambiente.

Visando a uma maior interação com a comunidade local, o CIASC trabalha em parceria com três escolas municipais próximas, que indicam os alunos com base em critérios sócio-econômicos e no aproveitamento escolar. “As mães adoram o projeto, pois muitas trabalham fora e não têm onde deixar as crianças. É uma forma de terem seus filhos participando de atividades dentro de uma instituição que olha por eles.”, afirmou a Diretora do colégio Sun Yat Sen, Teresa de Fátima Coutinho. De acordo com ela, os alunos inscritos não faltam um dia ao “Forças no Esporte” e outros ficam ansiosos para a abertura de novas vagas. Todo o trabalho é realizado por profissionais e estagiários das áreas de Educação Física e Pedagogia.



Teatro é cultura com a peça: Eu Sou o Que Elas Querem

O bem-estar dos alunos e da tripulação também é uma preocupação do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC). No dia 17 de setembro, o Centro de Instrução recebeu a peça teatral “Eu Sou o Que Elas Querem”, estrelada pelos atores David Pinheiro, o “Sambarilove”, Lúcia Baruffaldi e Helga Nemeczyk.

O espetáculo foi realizado no auditório do CIASC com lotação máxima. Com irreverência e interatividade com a platéia, os atores mostraram a eterna disputa dos sexos, em um verdadeiro passeio nas facetas do humor, arrancando risos de todos os presentes. Ao longo da peça os números musicais deram um toque especial ao evento, que também conteve monólogos e discussões hilariantes entre os artistas.



Após o evento, o ator David Pinheiro comentou sobre o trabalho que realiza em prol de crianças com câncer, amenizando e melhorando a qualidade de vida daqueles pacientes, doando uma parcela do seu tempo em um gesto de amor ao próximo.

Sem dúvida é uma peça teatral que não deveria ficar restrita no âmbito do CIASC. Quem sabe não seria um bom espetáculo para os militares que estão no Haiti?

Dia do Mestre

Em homenagem ao Dia do Mestre o CIASC realizou, no dia 15 de outubro, uma cerimônia para premiar quatro instrutores que foram eleitos a partir dos resultados da avaliação ditático pedagógica como Instrutores Padrão 2009. Destaque para o poema escrito pela 1T (T-RM2) Luciana Mendel, também instrutora, que foi lido durante a na cerimônia para expressar a difícil e gratificante tarefa de instruir.



Premiados: CT (FN) Jannechevitz, 1T (T-RM2) Jaqueline, SO (FN-ES-RM1) Roberto, 1º SG (FN-CN) Herivelton

Ao Mestre, com Carinho

Professores ou instrutores...
Que importa o nome da função?
Imperiosa, sim, é a tarefa desses mentores:
iluminar mentes sequiosas de conhecimento.
Belo empreendimento!

Sim, são construtores do saber,
que é ampliado com o tempo.
Espalham as sementes e com zelo as regam;
nutridas as mentes,
ao aprimoramento do trabalho se entregam.

Auxiliarão na formação de outros cidadãos
que também cultivam sonhos.
Que sabor de vitória tem a concretização de seus intentos!
Isso porque à sua nobre tarefa impregnam sentimentos!

A dedicação é notável
e o prêmio é verificar
que todos os seus pupilos
assimilaram o seu ensinar

Sempre prontos para voar mais alto
e dispostos a novos caminhos trilhar,
estimulam o espírito de corpo guerreiro
aos companheiros de seu celeiro

Almas alertas e persistentes no labor,
sabem improvisar quando necessário e urgente,
pois as idéias trazem em estado latente.
Isso é mais que um louvor – é um hino de amor.

A esses ilustres profissionais da educação,
expressamos toda a nossa admiração
e felicidades desejamos.
A todos os nossos Mestres, com carinho.

1T(RM2-T) Luciana Aparecida Mendel

Jornada de Liderança 2009

Liderança foi o tema do evento realizado no auditório do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC), nos dias 18 e 19 de agosto. Reunindo certa de 450 participantes, dentre eles os oficiais alunos do CAO-CFN, os alunos do C-Ap-SG, a tripulação do CIASC e demais convidados, a “Jornada de Liderança” foi idealizada para



proporcionar aos alunos do CAO-CFN uma oportunidade de colocarem em prática os conhecimentos adquiridos, além da criação de um fórum de discussões sobre o assunto.

Para tal, os estudantes, divididos em quatro Grupos de Estudo, realizaram a análise, com foco nos estilos de liderança e nos atributos do líder preconizados no EMA-137 Doutrina de Liderança da Marinha, de quatro filmes de conhecimento público exibidos durante a Jornada, os quais abordam o tema não só sob a ótica militar, mas também sob a ótica civil. Após a apresentação de cada grupo, os participantes debatiam sobre os diversos aspectos de liderança observados, contando com a orientação e mediação do CMG (FN-Ref) Newton Prado e o CMG (FN-RM1) Aires Alberto Coimbra de Oliveira. “Achei excelente a idéia do CIASC, permitiu a discussão do assunto mais importante hoje dentro da Marinha do Brasil”, afirmou o Comandante Prado.

Dessa forma, durante esses dois dias o CIASC proporcionou aos militares presentes uma oportunidade de reflexão e troca de conhecimentos e experiências, o que ressaltou a importância do tema para Corpo de Fuzileiros Navais e para a Marinha do Brasil.



1º Ten. (T-RM2) Marcela Barcellos Araújo
marcela@ciasc.mar.mil.br

Presença do C-ESP-ComAnf enseja AÇÃO SOCIAL na Amazônia

Contando com a autorização e o apoio do 9º Distrito Naval e aproveitando a realização de exercício curricular do C-ESP-ComAnf na região amazônica, o CIASC conduziu no entorno de Manaus, AM, entre os dias 19 e 23 de outubro, uma Ação Social que atendeu 02 comunidades ribeirinhas (Catalão e Bela Vista), onde foram realizadas várias atividades sócio-recreativas.

O grupo de militares composto por Médico, Dentista, Nutricionistas, Bibliotecárias e Professores trabalharam em conjunto para proporcionar um momento de alento às comunidades.

Na área médica foram realizados atendimentos e distribuição de medicamentos: a Dentista palestrou sobre a higiene bucal, orientou sobre a escovação e aplicou flúor nas crianças e nos adultos; após essas atividades, foram distribuídos kits de limpeza bucal (cremes, escovas e fios dentais).

Nutricionistas ministraram palestras sobre alimentação e higienização dos alimentos, e ao final foram distribuídas as cestas básicas.

“A hora do conto”, atividade destinada a mostrar para as crianças a importância da boa leitura para o progresso humano, foi desenvolvida pelas Bibliotecárias: as crianças foram divididas em grupos, aos quais foram narrados 4 contos – cada grupo foi atendido durante o período de 30 minutos; ao final de cada conto foi doado 1 livro para cada criança. Além disso, foram distribuídos para cada responsável das comunidades alguns livros para implantação de salas de leitura.

Os professores demonstraram a importância da prática da Educação Física e do Esporte, por meio de atividades recreativas e realizaram palestras sobre educação sexual, que teve como foco principal esclarecer as dúvidas dos adolescentes.





MEIO AMBIENTE em linguagem clara & simples

A problemática ambiental se apresenta como um grande desafio do terceiro milênio e toda organização, com objetivos educacionais ou não, que pretenda alcançar a excelência no serviço ou na atividade que se propõe a fazer, deve considerar a relevância do seu comprometimento na causa.

Descomplicando o meio ambiente

Você realmente conhece a Ilha da Marambaia?

A grande maioria das pessoas conhece a Ilha da Marambaia por sua localização e características geográficas e pouco sabem sobre sua existência enquanto Unidade de Conservação.

A Ilha da Marambaia é uma sub-área da Área de Proteção Ambiental de Mangaratiba. Trata-se de ilha com elevação protegida pela curva de nível de cota de 100m, de acordo com o Decreto Estadual nº 9.802 de 12 de março de 1987. Enquadra-se no grupo de Unidade de Conservação de Uso Sustentável, conforme Lei Federal nº 9.985/00 que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Com base na Constituição, nos termos do § 4º do art. 225, o bioma Mata Atlântica é patrimônio nacional e o uso de seus recursos naturais deve ser feito de forma a preservar o meio ambiente. Sua prioridade é garantir a perenidade, a conservação e a recuperação de espécies nativas da Mata Atlântica, considerando a situação crítica atual das espécies da flora ameaçadas de extinção, agravada pela intensa fragmentação do bioma, que compromete o necessário fluxo gênico.

Unidades de Conservação

As Unidades de Conservação se dividem em dois grupos: Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável. Ambos são constituídos de categorias de unidades de conservação. Dentre as categorias do grupo de Uso Sustentável está a Área de Proteção Ambiental (APA). Enquadram-se nesta categoria duas áreas de adestramento da Marinha: APA GUANANDY (Itaóca/ES) e Ilha da Marambaia, sub-área da APA de Mangaratiba (Município de Mangaratiba/RJ). A diferença básica entre o grupo de Proteção Integral e o grupo de Uso Sustentável está na utilização dos recursos naturais e no estabelecimento do grau de restrição à intervenção humana. O quadro abaixo mostra, em linhas gerais, as principais diferenças:

Proteção Integral	Uso Sustentável
Uso restrito e indireto dos recursos naturais como pesquisas científicas, educação e interpretação ambiental e turismo ecológico.	Admite-se o uso direto dos recursos naturais de uma forma planejada ou regulamentada desde que estudos demonstrem que a atividade é sustentável.
A presença humana na forma de comunidades não é permitida. Os ecossistemas devem estar livres de alterações causadas por interferência humana. Havendo incompatibilidade entre os objetivos da área e as atividades privadas, as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, se necessário, de acordo com o que dispõe a lei.	É admitida a permanência de populações tradicionais que a habitam quando de sua criação, em conformidade com o disposto em regulamento e no Plano de Manejo da unidade.
Preservação da biodiversidade. Não poderá haver consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos naturais.	Proteção da diversidade biológica; disciplinar o processo de ocupação e compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais.
A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade e àquelas previstas em regulamento.	A realização de pesquisa científica é incentivada e permitida. As condições para a visitação pública serão estabelecidas pelo órgão gestor da unidade.

A utilização da APA GUANANDY e da Ilha da Marambaia como áreas de adestramento militar é admitida, uma vez que se enquadraram no grupo de uso sustentável. Contudo, a exploração dos recursos naturais dessas áreas deverá ser realizada de maneira a garantir a continuidade dos processos ecológicos e os demais sistemas naturais ali existentes, visando à melhoria da qualidade de vida da população local e à proteção dos ecossistemas regionais. Devem ser observadas, além do contido em leis existentes sobre Áreas de Proteção Ambiental, as condições e restrições de uso previsto no Plano de Manejo da Unidade de Conservação. Portanto, as atividades desenvolvidas durante os exercícios militares devem estar compatíveis com o propósito da categoria.

Por definição, uma APA é uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos ecológicos, estéticos e culturais. Também é constituída por áreas com funções específicas descritas pelo Código Florestal, denominadas Áreas de Proteção Permanente (APP), como cursos d'água, lagoas, lagos ou reservatórios,



Área de Preservação Permanente (APP). Espaço rico em biodiversidade localizado próximo ao prédio do Comando da Divisão Anfíbia.

naturais ou artificiais, nascentes, topos de morro, montes, montanhas e serras, encostas com declividade superior a 45 graus, restingas fixadoras de dunas ou estabilizadoras de mangues, matas ciliares e etc. O que faz com que a utilização dessas áreas de proteção se dê na forma da lei, respeitando sempre o zoneamento ambiental, especialmente a proteção e a manutenção da diversidade biológica, assim como os recursos naturais e culturais presentes. E para que possamos atuar dentro da legalidade e aplicar as boas práticas ambientais, algumas ações são fundamentais como, por exemplo:

- Promover educação ambiental à tropa antes de iniciarem suas atividades em áreas protegidas, apresentando os diplomas legais relacionados, principalmente a lei de crimes ambientais, que prevê aumento de pena para quem comete crime ambiental dentro de Unidades de Conservação;
- Esclarecer à tropa sobre a importância da preservação dos Biomas e dos impactos ambientais que um simples pedaço de saco de ração, ou qualquer outro resíduo, pode causar ao ambiente natural, além de tais atitudes estarem em desconformidade com nossos objetivos ambientais e institucionais;
- Organizar um aparato logístico mínimo para a retirada de todo resíduo produzido nas áreas de exercícios.

Dentro de um planejamento, seria importante auditar as áreas de exercício com o objetivo de verificar se a utilização dos recursos naturais está sendo feita de maneira sustentável ou se, porventura, foi deixado algum passivo ambiental. Tomemos como exemplo a supressão de vegetação para construção de abrigos. É aconselhável o revezamento das áreas onde serão retirados esses recursos e que se leve em consideração o tempo de regeneração do ambiente natural. Uma vez retirados os recursos do ambiente natural, deve-se reutilizá-los até que se esgote por completo sua funcionalidade ou serviço ambiental que motivou sua retirada.

Vale ressaltar que educação ambiental não trata somente da análise da problemática em si, mas principalmente é utilizada como estratégia de prevenção. Dentre os princípios basilares do direito ambiental brasileiro, o princípio da prevenção é considerado o mais importante.

A seguir, podemos ver imagens impressionantes de como a falta de informação e de educação podem impactar no meio ambiente.



Fotos de um Albatroz, ave marinha, que ingeriu material plástico oriundo do fluxo de resíduos sólidos que chegam até o oceano.

Comumente, sacolas plásticas são confundidas com algas pelas tartarugas e por outros animais, que as comem e morrem asfixiados. Além do risco de afetar a fauna, um simples pedaço de plástico pode permanecer por centenas de anos no ambiente natural.



Tartaruga deformada por aro de plástico

Para o desenvolvimento do tema, utilizamos como principal referência a Lei 9.985, de 18 de julho de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Porém, são inúmeros os diplomas legais que dispõem sobre o assunto. Para quem tiver o interesse em se aprofundar no tema, abaixo estão alguns deles:

- Constituição Federal de 1988, Art. 225 – caput, § 4º.
- Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965 - Código Florestal.
- Decreto Federal nº 750 de 10/02/1993. Proíbe a exploração da Mata Atlântica.
- Resoluções CONAMA nº 278 de 24/05/01 e nº 317 de 04/12/02, que dispõem sobre o corte e exploração de espécies ameaçadas de extinção da flora da Mata Atlântica.
- Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006 – Utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica.



CC (FN) Claudio Vicente Issa
Vieira
issa@ciasc.mar.mil.br

DECIDA nº 39

(publicado na edição anterior de nossa revista)

Situação

No contexto de um AssAnf realizado com o propósito de negar o uso das instalações do Obj A (Usina Termonuclear) ao inimigo, o Cmt do GDB-1 decidiu da seguinte forma:

“Este GDB desembarcará, a Hora-H do Dia-D, por CLAnf e ED, na PraDbq VERMELHO, com três CiaFuzNav em linha e uma em reserva. Uma CiaFuzNav a Sul para sucessivamente atacar e conquistar os Obj a (Altu de CHAVE) Q(84-56) e Obj A (Complexo de Usinas Termonucleares) Q(84-56), uma CiaFuzNav ao centro para atacar e conquistar o Obj b (Altu de SIMBA) Q(83-57), e com uma CiaFuzNav a N para atacar e conquistar o Obj c (Altu NW de FILÉ) Q(82-59). MdtO, após a conquista dos Obj a, b, c e A, prosseguirá no ataque com uma CiaFuzNav (a 4Pel) a Norte para atacar, conquistar e manter o Obj 4 (Altu HULK-ABDRESSA) (fora da carta) e com uma CiaFuzNav (a 2 Pel) a Sul para realizar a junção com a 3ª(Ref)/3ªBtlInfFuzNav, no Ponto de Junção 1 (fora da carta). Após a junção, manterá o Obj 2 (Altu CARMEM-RAQUEL) (fora da carta) com uma CiaFuzNav (a 4Pel). Manterá em reserva uma CiaFuzNav (a 2 Pel), até a realização da junção e, após a junção, duas CiaFuzNav (a 2 Pel).”

No momento do desembarque a SMI era a seguinte:

- 3 PelFuzNav em posições preparadas e ocupadas nas Altu de SIMBA/GALO, VASO e CHAVE, com direção voltada para os eixos que demandam às instalações da Usina Termonuclear; e

- 1 CiaFuzNavBld a 2 Pel se reorganizando na Rg a W das Altu de TENENTE com tempo de prontificação de 1 hora. Sabe-se ainda que após prontificar-se, esta CiaFuzNavBld consegue cerrar para a área do Obj A pelo N da Lagoa ILHA DO AVE em 1h e 30 min.

Possível solução (da casa)

Analisando o terreno verifica-se que as altu de CORAÇÃO – SIMBA – GALO - VASO e CHAVE, permitem um excelente domínio de vistas e fogos sobre todo o Obj A. Assim, conclui-se que enquanto houver presença inimiga nestas elevações, a posse do referido Obj ficará comprometida. Adicionalmente, existe outro fator complicador que é a possibilidade do inimigo ser reforçado na região do Obj A, pelo N da Lagoa ILHA DO AVE, em 2h e 30 min, pela CiaFuzNavBld inimiga a 2 Pel que está se reorganizando na Rg a SW das altu de SARGENTO. Caso este reforço se concretize poderá haver um desbalanceamento de poder de combate na região do Obj e nossas ações de conquista ficariam comprometidas. Deste modo, deverá haver também uma preocupação no sentido de garantir que o inimigo não seja reforçado na área do Obj A.

A posse das altu de FILÉ permitiria ao GDB-1 se contrapor às possíveis ações de reforço por parte da CiaFuz-

Devido à natureza do Obj A, fica proibida a utilização do ApFN nas Altu em torno deste Obj.

Estamos em H+90 e a situação é a seguinte:

A 3ªCiaFuzNav conquistou o Obj a e estima terminar sua consolidação e ficar ECD prosseguir para a conquista do Obj A em 30 minutos.

A 1ªCiaFuzNav encontra-se nas Altu de PEIXE e prossegue no ataque ao Obj c, tendo o Cmt desta SU estimado a conquista do Obj em 30 minutos.

A 2ªCiaFuzNav conseguiu destruir o pelotão inimigo que encontrava-se nas Altu de VASO, porém, no prosseguimento do seu ataque ficou detida pelo pelotão inimigo que encontrava-se no Obj b. Apesar de já ter sido realizado uma intensificação de fogos naquela posição, a SU não conseguiu retomar a impulsão do ataque.

O GDB-2 vem cumprindo suas tarefas e garantindo a proteção do flanco N de nossa ZAç.

Pedido

Como Comandante do GDB-1 realize o controle da ação em curso e defina sua idéia de manobra para a 1ª fase (conquista dos Obj a, b, c e A).



NavBld inimiga que está se reorganizando na Rg a W das altu de TENENTE. Assim, a 1ªCiaFuzNav que encontra-se nas altu de PEIXE deverá prosseguir no ataque em direção ao Obj c. Esta SU deverá contar com forte apoio de fogo de modo a possibilitar que o Comandante da SU desencadeie fogos de interdição para retardar ao máximo a progressão do reforço inimigo.

A 3ªCiaFuzNav que conquistou o Obj a e estima terminar sua consolidação em 30 minutos, terá o limite lateral de sua ZAç com a 2ªCiaFuzNav retificado de maneira a permitir seu prosseguimento no ataque para conquistar o Obj b pela VA CHAVE-GIBOIAÕ-Obj b.

A 2ªCiaFuzNav que encontra-se detida nas altu de VASO, também deverá estar atenta à alteração do seu limite lateral com a 3ªCiaFuzNav. Inicialmente manterá suas atuais posições e tão logo a 3ªCiaFuzNav conquiste o Obj b e a SU seja capaz de retomar a impulsão do ataque, deverá atacar e conquistar o Obj A.

A 1ª/4ªCiaFuzNav permanecerá em reserva.



CT (FN) Daniel Marques Rubin
dmrubinselva@hotmail.com

DECIDA nº 39

Resposta selecionada

A situação apresentada será analisada de acordo com os fatores da decisão, para a 1ª fase da manobra do GDB-1:

a) Missão

Continua inalterada. Ainda não foi cumprida, pois falta conquistar os Obj A, b e c.

b) Terreno

A 3ªCiaFuzNav conquistou as Altu de CHAVE; a 2ªCiaFuzNav, as Altu de VASO; e a 1ªCiaFuzNav, as Altu de PEIXE. Dessa forma, as seguintes VA encontram-se abertas:

VA-1: CHAVE – SIMBA

VA-2: VASO – SIMBA

VA-3: PEIXE – SIMBA

c) Inimigo

O Ini em contato é de um PelFuzNav ocupando posição em SIMBA. Há uma CiaFuzNavBld (a 2 Pel), na Rg a W das Altu de TENENTE, em condições de reforçar suas forças na Rg do Obj A, pelo N da Lagoa ILHA DO AVE, em 2h e 30min (1h de prontificação + 1h e 30min de deslocamento).

A situação é pior para o Ini nas Altu de CHAVE, onde a 3ªCiaFuzNav conquistou o Obj a e estima concluir sua consolidação e ficar ECD prosseguir para a conquista do Obj A em 30min; e nas Altu de PEIXE, onde a 1ªCiaFuzNav prossegue no ataque ao Obj c, com sua conquista estimada em 30min.

Concretizou-se a Pl de defender, particularmente nas Altu que dominam a Rg do Obj A.

d) Tempo disponível

Apesar do Ini ter condições de reforçar suas forças em 2h e 30min, não haverá desbalanceamento do PCmb em nossa ZAç. Nossas forças deverão conquistar os Obj o mais rápido possível, particularmente os Obj b e c, de forma a opor-se a esse reforço em melhores condições.

e) Meios disponíveis

A 2ªCiaFuzNav encontra-se detida nas Altu de VASO pelo Pel Ini localizado no Obj b (Altu de SIMBA), apesar de já ter sido realizada uma intensificação de fogos nestas Altu.

A 1ª e 3ªCiaFuzNav encontram-se progredindo normalmente.

A 1ª/4ºBtlInfFuzNav, reserva do GDB-1 encontra-se nas proximidades da PraDbq VERMELHO, em condições de ser empregada em 1h (dados de planejamento).

O GDB-2 vem cumprindo suas tarefas e garantindo a proteção do flanco N de nossa ZAç.

O GDB-1 não conta com o ApFN na região do Obj A.

Idéia de manobra

Face à necessidade da conquista do Obj b, para contribuir com o propósito de negar o uso das instalações da Usina Termonuclear (Obj A) ao Ini, decidi empregar a reserva na direção PEIXE – SIMBA e suspender, temporariamente, o ataque da 3ªCiaFuzNav ao Obj A. Tal medida visa evitar o risco de fogo amigo causado por ataques em direções convergentes, bem como os possíveis danos às instalações da Usina Termonuclear causados pelos fogos da 3ªCiaFuzNav ou do próprio PelIni em SIMBA.

Dessa forma, o limite entre a 1ª e 2ªCiaFuzNav será alterado, passando entre SIMBA e VASO, permitindo o ataque da Res na direção PEIXE - SIMBA; a 2ªCiaFuzNav deve manter suas atuais posições e apoiar o ataque da Res pelo fogo; a 3ªCiaFuzNav deve consolidar o Obj a e prosseguir no ataque ao Obj A após a conquista do Obj b pela Res, MdtO; e a 1ªCiaFuzNav deve prosseguir em seu ataque ao Obj c.

O GDB constituirá reserva temporária.

Premiações do Decida

- Militar vencedor: CT (FN) Daniel Marques Rubin (CIASC)

- OM vencedora: 3ºBtlInfFuzNav (Batalhão Paissandu)



DECIDA nº 40

Situação

O Sr. é comandante de pelotão no Componente de Combate Terrestre (CCT) de um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) que se encontra participando de um Contingente brasileiro em uma Missão de Paz da ONU. A missão vem sendo realizada em um país onde as instituições governamentais estavam completamente degradadas, inclusive as Forças Policiais, o que fez com que grupos de bandidos armados conseguissem o controle de algumas regiões do país, incluindo a capital.

O árduo trabalho realizado pelos contingentes anteriores proporcionou uma sensível melhora nas condições de segurança na capital, resultado de ações que permitiram assumir o controle das regiões dominadas pelas forças adversas, forçando as mesmas a se dissiparem ou buscarem poucas localidades para seu refúgio.

Hoje em dia o GptOpFuzNav é responsável por uma área dentro da capital do país. A intensa presença de nosso contingente através de patrulhamento, ações cívico-sociais e controle de pontos sensíveis nos permite manter um ambiente seguro e estável dentro de nossa área de responsabilidade.

As ações militares e policiais sobre responsabilidade das Organizações das Nações Unidas (ONU), são baseadas nas Regras de Engajamento (ROE). As ROE orientam o uso da força, estabelecendo que deve sempre ser utilizada de maneira proporcional às ameaças, na menor intensidade necessária e de maneira que se evite danos colaterais.

São 0900h, o Sr. encontra-se patrulhando uma região dentro de sua área de responsabilidade, fazendo cumprir

um dos pacotes de patrulha diários determinado a seu pelotão, com um grupo de combate, embarcado em 2(duas) viaturas ½ TON. O Sr. recebe uma ligação do Comandante do CCT ordenando que siga com a patrulha para um colégio onde provavelmente estaria ocorrendo um distúrbio civil. Chegando ao local, o Sr. percebe muitos estudantes do lado de fora da escola, gritando, protestando e batendo bastante em seus portões fechados.

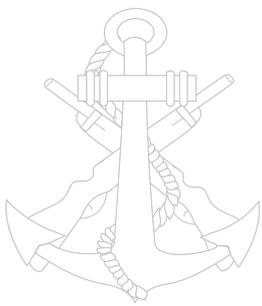
Conseguindo entrar no colégio, o Sr. fica sabendo, através do diretor do colégio, que não haveria aula naquele dia e os estudantes estavam revoltados por este motivo. O mesmo pede ao Sr. para que impeça qualquer atividade hostil e retire os estudantes da frente da escola, para que, com isso, todos os seus funcionários consigam sair em segurança do local.

Saindo do colégio, o Sr. explica a situação aos estudantes, que, não vendo resultados em seus protestos, voltam o foco de sua raiva para os militares de sua patrulha, ficando sua tropa envolvida por muitos estudantes com garrafas e pedras nas mãos, afetando completamente a segurança de sua tropa. Cabe mencionar que os estudantes são menores de 18 anos e que estão reivindicando acesso a educação para ter maiores oportunidades em suas vidas, em um país tão pobre.

Pedido

Considerando o problema apresentado, apresente as medidas que o Sr. adotaria para resolver a situação.





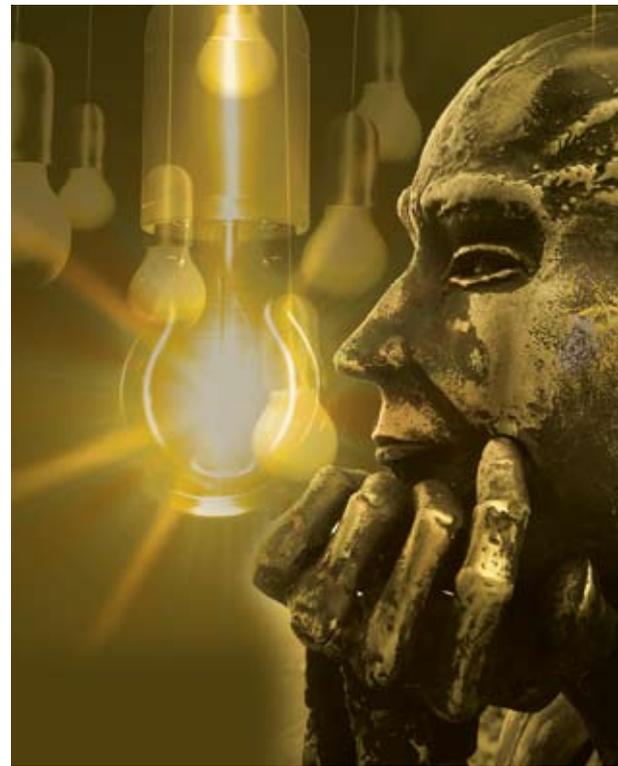
PENSE

A liderança exerce papel imprescindível na condução das operações militares, sendo aplicada em todos os níveis. O Pense desta edição propõe uma reflexão sobre este tema, buscando levantar condutas desenvolvidas no dia-a-dia, que influenciarão na condução das atividades operativas.

Frase para reflexão.

“Um bom chefe (líder) faz com que homens comuns façam coisas incomuns”

Peter Drucker, Escritor.



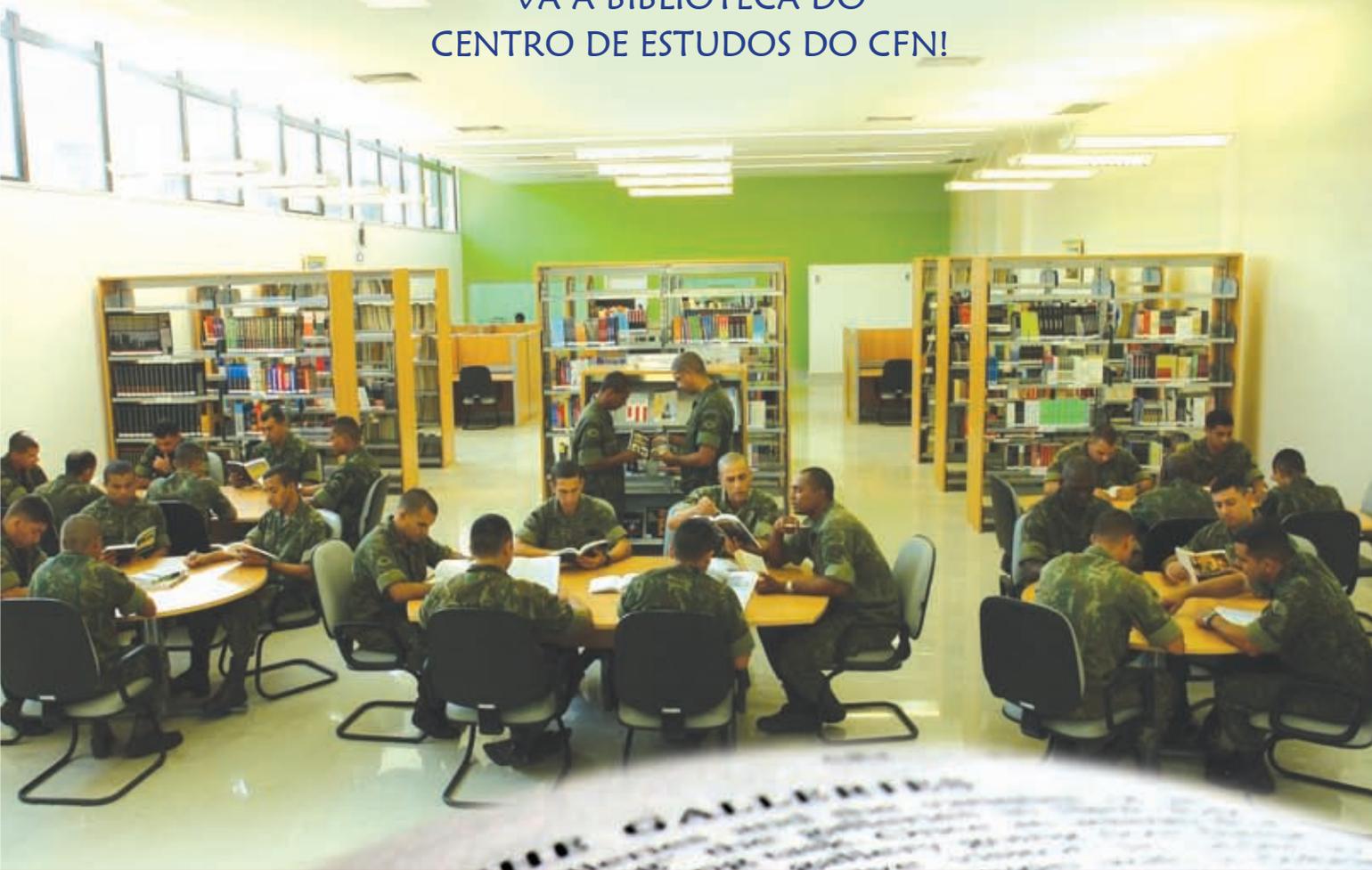
Esta obra foi composta na fonte Calibri e GeosansLight, e impressa em papel couchê matte 230g (capa) e couchê matte 150g (miolo) pela Agência 2A Comunicação para o Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo - CIASC em dezembro de 2009.

“LIVROS NÃO MUDAM O
MUNDO, QUEM MUDA O
MUNDO SÃO AS PESSOAS. OS
LIVROS SÓ MUDAM AS PESSOAS.”

MARIO QUINTANA

AMPLIE SEU CONHECIMENTO!

VÁ A BIBLIOTECA DO
CENTRO DE ESTUDOS DO CFN!



Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC)

Rua Magno Martins, s/nº – Bancários – Ilha do Governador
CEP 21911-000 – Rio de Janeiro – RJ – Tel.: (21) 3386-4511
biblioteca@ciasc.mar.mil.br – www.ciacs.mar.mil.br

